

Bhikkhu Ariyesako
COM TRADUÇÃO DE YVONE BEISERT

Código de Disciplina Monástica dos Bhikkhus

— UM GUIA PARA LEIGOS —



FOTO POR PATRICK SHYU | CAPA POR ANA PAULA AGOSTINI

Índice

Prefácio	6
Prefácio da tradutora	7
Introdução	9
Primeira Parte	11
<i>Perguntas de Principiantes</i>	11
<i>Perguntas Frequentes</i>	16
Segunda Parte	21
<i>Estabelecendo uma Base</i>	21
<i>Preceitos</i>	22
<i>Bhikkhus</i>	22
<i>Tornar-se um Noviço</i>	23
<i>Tornar-se um Bhikkhu</i>	23
<i>Ordenação no Sudeste da Ásia</i>	24
<i>O Retiro das Chuvas</i>	25
<i>Deixar a Vida Monástica</i>	26
<i>Monjas Budistas</i>	26
<i>O Vinaya e o Patimokkha</i>	27
<i>Ofensas</i>	28
<i>Principais Grupos de Regras do Patimokkha</i>	28
a) <i>As quatro Parajika</i> — Aquelas que Derrotam	28
b) <i>As Treze Sanghadisesa</i> — Que Requerem Reuniões Formais da Comunidade	28
c) <i>As Duas (Aniyata) Incertezas</i> — Indefinido ou Indeterminado	29
d) <i>As 30 Nissaggiya Pacittiya</i> — Confissão com Renúncia	29
e) <i>As 92 Pacittiya</i> - Expição através da Confissão	29
f) <i>As Quatro Patidesaniya</i> - Que Devem ser Reconhecidas	29
g) <i>As 75 Sekhiyavatta</i> - Treinamentos	29
h) <i>As Sete Adhikaranasamatha</i> - Resolução de Problemas	30
<i>Cometer Ofensas</i>	30
<i>Modernização? Os Grandes Critérios</i>	30
<i>Severidade e Culpar os Outros</i>	31
Terceira Parte	33
<i>As Regras do Patimokkha</i>	33
<i>(I) Ser Inofensivo</i>	33
Assassinato	33
Matar	34
Destruir Vegetação	35
<i>(II) Relacionar-se</i>	36
Relação Sexual	37
Intimidade — O Contato Físico	37
Flertar	38
Proposições e/ou Insinuações	39

Atuar como Casamenteiro	39
Estar Sozinho com uma Mulher	40
Falar em Particular	42
Hospedar-se Juntamente com Mulheres	42
Viajar Junto	44
<i>(III) Possessões e Oferendas</i>	44
Os Quatro Requisitos: O que um <i>Bhikkhu</i> Necessita?	45
Um <i>Bhikkhu</i> Pede Esmola?	46
Como Ajudar um <i>Bhikkhu</i> - Convite	46
O Que um <i>Bhikkhu</i> Possui?	48
Recebimento de Oferendas de Maneira Incorreta	49
O que pode ser Oferecido?	50
VESTIMENTA: OS MANTOS	50
Esboço dos Painéis de um Manto	50
A Ocasão para a Oferta do Manto	52
A OFERENDA DA COMIDA	52
A Coleta da Comida	53
Receber e Comer o Alimento Oferecido	53
A Hora de Comer	55
Os Quatro Tipos de Comestíveis	56
Misturar Comestíveis	56
Oferecendo 'Comestíveis'	56
Como fazer uma oferenda	57
Armazenar Comida	58
Convites para Refeições	58
Ingestão de Carne	60
A Oferenda de Frutas: <i>Kappiya</i>	61
Alimentar-se na Selva	62
Sucos de Frutas	62
MEDICAMENTOS OU TÔNICOS	63
MEDICAMENTOS PARA TODA VIDA	64
DROGAS E ÁLCOOL	65
VALORES E DINHEIRO	66
Roubar	66
<i>Bhikkhus</i> e a Riqueza	66
Dinheiro	67
Cheques, Cartões de Crédito, etc.	69
A Concessão <i>Mendaka</i>	69
O Administrador de um <i>Bhikkhu</i>	70
Transações de Compra e Venda	71
Trocas ou negociações	71
Coisas 'Intocáveis'?	72
MORADIA	72
Alojamentos Luxuosos	73
Mobília	73
<i>(IV) Modo de Vida Correto para os bhikkhus</i>	74
Ensinar o Dhamma	74
Roubo Através de Falsas Alegações	75
Comportamento Apropriado Fora do Monastério	76
Socializar e Recurso Não Apropriado	77

Formas Incorretas de Comportamento	78
Modo de Vida Incorreto	79
Corromper Famílias	79
Intrometer-se nas Famílias	80
<i>(V) Diversos</i>	81
Disputas	81
As Escolas do Budismo	82
Etiqueta/Cerimonial	83
Nomes e Formas de Tratamento	84
<i>Pavarana</i> (Convites) e suas Histórias de Origem	85
Outros comentários sobre os medicamentos tônicos	86
O que Buda disse sobre <i>Bhikkhus</i> e dinheiro	87
<i>Cetiyas</i>	88
Apêndices	88
<i>Apêndice A: Preceitos leigos</i>	88
Os Cinco Preceitos	89
Os Oito Preceitos	89
<i>Uposatha</i> - Dias de Observação Especial de Preceitos	90
Os Dez Preceitos	90
<i>Apêndice B: As Outras Regras do Patimokkha</i>	90
Fala Correta	91
Ação Correta	91
Modo de Vida Correto	91
Comida	93
Moradia	93
Tigelas e Outros Requisitos	94
Harmonia da Comunidade	94
As Regras do Contemplativo	97
Ingerindo a Comida Recebida	98
<i>Apêndice C: Pronúncia em Pali</i>	98
<i>Apêndice D: Exemplos da Prática do Vinaya</i>	100
Austrália: Monastério Bodhinyana	100
Nova Zelândia: Monastério Bodhinyanarama	103
Tailândia: Wat Pah Nanachat	104
Conselho de uma Mulher Ocidental	107
Prática Sugerida pelo Templo Auckland	108
Um Monastério Tailandês na Austrália	109
As Coisas Corretas que devem ser feitas ao Ofertar	109
Dicas gerais, O que deve ser Observado	109
Oferecer Comida	110
Próximo da plataforma/assento monástico	110
Na Coleta de Comida de Oferenda	111
Oferecer um Dana que Não Seja Comida	111
Modos de se Relacionar com os Monges	112
Abreviações	113
Referências	113
Bibliografia	114

*A Disciplina objetiva a contenção,
A contenção objetiva a falta de arrependimento
A falta de arrependimento objetiva a satisfação
A satisfação objetiva o êxtase,
O êxtase objetiva a calma,
A calma objetiva a felicidade,
A felicidade objetiva a concentração,
A concentração objetiva o conhecimento e visão das coisas como elas são,
O conhecimento e visão das coisas como elas são objetivam o desencantamento,
O desencantamento objetiva a libertação,
A libertação objetiva o conhecimento e visão da libertação,
O conhecimento e visão da libertação objetivam o parinibana sem apego.*

-Parivâra.XII.2 (BMC p.1)

À Minha Mãe

In memoriam

Prefácio

Amigos Budistas da Malásia pediram para explicar sobre as regras do Vinaya ⁱ que guiam a vida dos monges Budistas - especialmente sobre monges ou *bhikkhus* ⁱⁱ da linhagem Theravada. Nós, monges, já temos vários textos eruditos em inglês para nos ajudar, portanto agora um 'guia simplificado para leigos' parece apropriado. (Esse trabalho entretanto lida especificamente com homens. À medida que as mulheres que renunciaram à vida leiga, as monjas, forem encontrando o seu lugar elas estarão em posição de explicar as suas próprias regras).

Meu objetivo foi de ilustrar aquelas regras dos monges que também afetam as pessoas leigas de alguma forma ⁱⁱⁱ. Num primeiro momento pretendia lidar com apenas algumas poucas questões, mas acabou crescendo com as sugestões de pessoas e se transformando num trabalho mais completo, numa fonte de informação. (Originalmente foi circulado numa impressão feita num computador e a recepção positiva encorajou a mudança completa e revisão incorporando muitas das sugestões que me foram enviadas). Ainda assim, a melhor introdução continua sendo um *bhikkhu* com uma boa prática, que mostra em meio a inúmeras coisas do mundo material ser possível viver uma vida simples desde que com toda a atenção – daí as várias regras monásticas – assim como era no tempo do Buda.

A seção original Perguntas de Principiantes foi mantida, (com alguma revisão), mas foi mudada para a parte da frente como um sumário geral do tipo de perguntas respondidas no livro. São mencionadas as últimas explicações, para maiores detalhes, que podem ser encontradas não só no texto principal, mas nas Notas Finais, Notas de rodapé, Glossário e Apêndices.

Tentei também incluir explicações amplas no texto principal para que, enquanto a regra atual esteja fielmente reproduzida – incluindo algumas variações de tradução – os diferentes modos pelos quais os monges realmente as colocam em prática sejam cobertos. Embora alguém possa pensar que sabe tudo sobre os 'seus *bhikkhus*', em outras partes as coisas dificilmente são as mesmas, e algumas vezes de uma maneira chocante.

Algumas vezes, os *bhikkhus* realmente seguem as regras de modo diferente, de acordo com as suas tradições, e estas páginas podem ajudar a explicar os 'porquês' e as razões da prática deles. A minha própria perspectiva vem de vinte anos como *bhikkhu* nos mosteiros da tradição de florestas da Tailândia (e agora mais de cinco anos no 'ocidente'), portanto estou bem consciente de que este guia precisa de mais informação sobre as tradições em outros países.

À medida que este livro for lido, vai se tornar claro o quanto dependi de outras pessoas e autoridades. Desejo mencionar especialmente minha gratidão ao Venerável Thanissaro *Bhikkhu* pela grande contribuição através dos seus

comentários sobre as regras dos *bhikkhus* - O Código Monástico Budista; ao Venerável Thiradhammo *Bhikkhu* por seu manuscrito - A Herança da Sangha; ao Venerável Brahmavamso *Bhikkhu* pela permissão para que extraísse das suas Notas do Vinaya; e à Fundação Mahamakut em Bangkok pelos trabalhos publicados sobre as regras dos monges.

Pessoas leigas de um grupo de doze países ajudaram com conselhos e sugestões, meus agradecimentos e apreciação vão para todos. Fiquei agradavelmente surpreso pelo fato deles acharem as regras tão fascinantes e dedicarem tanto do seu tempo lendo o manuscrito original com atenção e interesse. E refletindo bem, eles estão certos de se sentirem parte do Dhamma-Vinaya, como o Buda disse:

"*Bhikkhus*, eu prezo a prática correta tanto para o chefe de família como para os ascetas. Chefes de família, *bhikkhus*, aqueles que deixaram a vida em família como resultado da prática correta, estarão alcançando o verdadeiro caminho, o Dhamma benéfico".

Por favor, lembre-se que a tolerância é sempre importante mesmo que se decida dar um apoio ativo para apenas um só grupo de monges. As páginas seguintes são oferecidas unicamente para lançar a luz da compreensão, pois não devem ser usadas para criar calor e fricção através da crítica do comportamento de outras pessoas. Essa é a essência do Ensino do Buda. Um livro grande e pesado de leis pode muito facilmente ser jogado nos outros, esse guia tentará permanecer leve e sem julgamento. Isso dá oportunidade para uma mente aberta e para a flexibilidade para que possamos incluir interpretações distintas. Desse modo, a pessoa pode chegar a uma melhor apreciação e apoiar a comunidade monástica da sua escolha.

Finalmente, espero que a mesma tolerância será dada a quaisquer falhas e omissões encontradas neste livro. Não sendo um iluminado ou um acadêmico, posso oferecer apenas uma compilação de trabalhos de outras pessoas e esperar que a maneira pela qual juntei tudo não tenha introduzido muito do meu próprio entendimento e opiniões.

(Os parágrafos que contêm opiniões mais gerais ou pessoais estarão sempre marcados com "*".) Portanto, quaisquer sugestões para aperfeiçoamento oferecidas no Dhamma são sempre bem vindas.

Bhikkhu Ariyesako

Agosto/1998

Prefácio da tradutora

Em 2009 Bhante Vajiro, durante a sua visita ao Brasil, sugeriu que eu traduzisse este livro, que poderia ser de grande utilidade para as comunidades e grupos Budistas lusófonos, visando aqueles que recebem monges no Ocidente, poupando-os de

equivocos que por vezes deixam tanto os leigos quanto os monges em situações delicadas.

Abaixo explico alguns termos encontrados no texto que merecem um esclarecimento maior:

- **Monjas Budistas:** A linhagem de ordenação de *bhikkhunis* foi restabelecida em 1996. A cerimônia ocorreu no dia 8 de Dezembro num templo em Sarnath, na Índia, e contou com o quorum necessário de *bhikkhunis* da Coreia, de acordo com o Vinaya. As 11 *bhikkhunis* regressaram para a *Bhikkhuni Sasanodaya Society* em Dambulla no Sri Lanka. Dessa forma, depois de quase 1.000 anos a ordem de *bhikkhunis* foi restabelecida no Budismo Theravada. E no dia 22 de Outubro de 2009 o Ajahn Brahmavamsa (mais conhecido como Ajahn Brahm) realizou no Monastério Bodhinyana, em Perth, a primeira ordenação de *bhikkhunis* na tradição Theravada na Austrália, sendo que esta foi ao mesmo tempo a primeira ordenação de *bhikkhunis* na tradição de Florestas da Tailândia.
- **Comprimento *sugata*:** é uma medida que tem o corpo do Buda como parâmetro. Neste caso, uma polegada *sugata* equivale aproximadamente a $\frac{3}{4}$ da largura de um dedo do Buda.
- **Curris:** trata-se de qualquer mistura feita para acompanhar arroz, normalmente preparada com um molho de especiaria à base de pimenta.
- **Myrobalan:** planta cuja fruta tem muitas propriedades medicinais. É o nome de um medicamento tibetano, considerado o mais eficiente de todos os medicamentos.
- **Oficial da Comunidade:** Posto de responsabilidade dentro da Comunidade. Refere-se na prática à pessoa designada para administrar os bens da Sangha de *bhikkhus*, como a manutenção e limpeza de *kutis*, bem como a designação destas aos monges residentes e visitantes, e distribuição dos trabalhos dentro da comunidade monástica.
- **Palitos de limpar os dentes:** trata-se uma vareta feita do galho de uma planta, cuja seiva tem propriedades bactericidas. Uma das extremidades é afiada como um lápis e a outra desfiada como uma escova. Ainda hoje é usada na Índia e na Tailândia.
- **Período dos mantos:** trata-se do período de tempo que termina com a cerimônia da *Kathina*, que ocorre no quarto mês da estação chuvosa em que a Sangha de *bhikkhus/bhikkhunis* recebem uma oferenda de tecido dos leigos, que é por sua vez entregue a um dos monges/monjas, para que seja confeccionado um manto até antes do amanhecer do dia seguinte.

Por fim, agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, colaboraram na tradução e revisão desta tradução.

Meu agradecimento especial ao Gabriel Laera pelo trabalho de formatação e revisão desta edição.

Nota: Este símbolo  indica um link que se encontra fora do eBook, para visualizá-lo é necessário uma conexão ativa com a internet.

Yvone Beisert
Junho/2013

Introdução

O ensinamento do Buda é mais do que o conhecimento intelectual, pois necessita ser experienciado como verdade na própria vida da pessoa. O Buda frequentemente chamava os seus Ensinamentos de *Dhamma-Vinaya* e quando ele morreu, deixou esses Ensinamentos como guia para todos nós seguirmos. Como o Venerável Thiradhammo escreveu:

“Em termos simples, nós podemos dizer que enquanto o Dhamma representava os princípios da Verdade, o Vinaya representava o estilo de vida mais eficaz para a realização desta Verdade. Ou, o Vinaya era o modo de vida que preservava os princípios da Verdade nas praticidades da vida no mundo” (HS Parte 2)

Para o monge Budista, ou *bhikkhu*, o Vinaya ajuda a enfatizar as ações com o corpo e com a palavra e mostra a importância destas. E faz com que haja uma conscientização de como a pessoa está atuando no mundo, como ela está afetando outras pessoas. Para melhor? Para pior? Com que intenção?

É claro, tal consciência é necessária para cada ser humano, não só monges Budistas. Essa é a razão porque o Buda nos deixou Cinco, Oito e Dez preceitos [iv](#) – bem como as 227 regras do *Patimokkha* para os *bhikkhus*. Esses preceitos e regras permanecem tão pertinentes hoje como eram 2.500 anos atrás, pois trazem de volta o foco no ser humano de como ações e linguagem afetam os indivíduos e o mundo. Enquanto os detalhes podem ter mudado, os princípios permanecem os mesmos.

Aqueles, que levam os Ensinamentos do Buda a sério, se tornam cada vez mais conscientes das suas ações com o corpo e com a linguagem e como elas se harmonizam com os Cinco Preceitos. Assim podem começar a entender a vantagem de ocasionalmente manter os Oito Preceitos – talvez, semanalmente num dia escolhido especialmente para isso [v](#) – e podem se tornar mais interessados nas Regras dos *Bhikkhus* e como seus preceitos compõem todo um estilo de vida.

Portanto, esta compilação é para todos aqueles que se interessam pelos *bhikkhus* e como se relacionar com eles. Algumas pessoas pensam que a linhagem do Theravada segue uma abordagem muito tradicionalista [vi](#), mas acontece que essa é a mais antiga tradição viva. [vii](#) Recomenda-se um certo cuidado, no entanto, a todos aqueles completamente novos às práticas monásticas, pois trata-se de uma abordagem para lidar com um estilo de vida que pode parecer radicalmente diferente para os dias de hoje. A melhor introdução, talvez essencial, para um verdadeiro entendimento é encontrar-se com um *bhikkhu* praticante que deveria manifestar e refletir qualidades tais como paz, alegria e felicidade, provenientes do estilo de vida de um *bhikkhu*.

Os monges e monjas Budistas receberam primeiramente do próprio Buda a sua entrada na Vida Santa (*pabbajjā*) há mais de dois mil e quinhentos anos na Índia. Desde então, a influência deles tem sido sentida numa grande parte da Ásia. Os países do Sri Lanka e Sudeste da Ásia foram profundamente afetados pela Escola Theravada de Budismo, que reflete os ensinamentos originais de acordo com as escrituras em Pali [viii](#). O Budismo foi frequentemente introduzido num novo país primeiramente quando os *bhikkhus* foram convidados pelo seu governante para ir e ensinar a nova religião. Esse processo ainda continua no mundo todo, embora hoje em dia o convite venha mais comumente dos Budistas locais.

O Budismo é admirado exatamente por valorizar a tolerância e uma mente mais aberta, com uma história, no geral, sem marcas de lutas internas relacionadas à heresia. Isso resultou numa grande quantidade de práticas, do antigo Theravada ao Zen do Japão e o Vajrayana do Tibet. Mesmo entre os diferentes países e escolas Theravada existem pequenas variações na maneira que os *bhikkhus* entendem e praticam as regras do Vinaya. Essas diferenças algumas vezes têm confundido os devotos leigos, assim, este livro é também uma tentativa de oferecer uma compreensão mais clara sobre as responsabilidades dos *bhikkhus* Theravada e aquelas dos devotos leigos.

Quando o Buda estava para morrer e deixar seus seguidores, ao invés de apontar um indivíduo para assumir o seu lugar, ele disse:

“Aquilo que ensinei e expliquei como o Dhamma e Disciplina irá, com o o meu falecimento, ser o seu mestre” ([🌐 Mahaparinibbana Sutta](#), [DN.16.6.1]).

Mais de vinte e cinco séculos se passaram, impérios vieram e se foram, grandes movimentos e ideologias surgiram rapidamente e se perderam. Ainda assim, apesar de tudo isso, num nível mais profundo o Dhamma e Vinaya tem estado guiando silenciosamente as comunidades de monges Budistas. Como resistiu ao teste do tempo tão bem? Por que tem sido tão bem sucedido? Talvez seja porque o Buda compreendeu a essência da condição humana de todos os tempos ou lugares; ele conheceu a nossa difícil situação e os nossos fracassos, e foi capaz de mostrar a escapatória para aqueles que o seguem.

Primeira Parte

Perguntas de Principiantes

(*) Esta seção ilustra as origens deste livro, pois trata-se de uma seleção de questões não editadas que me foram enviadas inicialmente. Decidi fazer destas perguntas um ponto inicial para aqueles que desconhecem as Regras do Vinaya, em vez de relegá-las a um apêndice (ou omiti-las por completo). As respostas geralmente repetem ou apontam para informações já contidas no texto completo. Aqueles já familiarizados com as regras podem pular a seção de Perguntas e ir para as seções relevantes em busca de mais detalhes.

P 1: “Por que um monge usa o manto? Por que alguns usam mantos marrons e outros de um tom marrom amarelado?”

R: O Buda fez a seguinte reflexão sobre o porquê de um monge usar um manto:

“Neste caso um *bhikkhu*, refletindo de maneira sábia, usa o seu manto somente para proteção do frio, para proteção do calor, para proteção das moscas, mosquitos, vento, sol e criaturas rastejantes e somente com o propósito de ocultar as partes íntimas. (OP p.46)

Na época do Buda, 2.500 anos atrás [ix](#), as roupas eram feitas sem maquinários complexos. (Embora “moldes de tear” simples sejam mencionados nos textos, que seriam utilizados no período de confecção dos mantos (*Kathina*)). Por isto, o padrão do manto é muito simples, traçado de forma que possa ser feito com pedaços de tecidos, pois eram geralmente utilizados retalhos descartados após lavados e tingidos.

Este “manto de cor ocre” é considerado o estandarte do *arahant* e o emblema do Budismo. Para um *bhikkhu* Theravada é considerado um privilégio poder utilizar o manto, dar continuidade à tradição, e praticar de forma a ser digno de tal manto. Há regras relacionadas com o tamanho, cor e cozedura do manto, assim como o tipo de tecido a ser utilizado, etc, e como os *bhikkhus* podem consegui-lo. (Veja [Os Mantos](#))

A cor do manto depende da tintura utilizada. Até recentemente, esta seria uma tintura natural encontrada nas florestas, extraída de raízes e árvores. (No Nordeste da Tailândia, por exemplo, utiliza-se o cerne do tronco de jaqueiras). Hoje em dia tinturas químicas são mais utilizadas e dão o tom laranja mais vívido que se vê em Bangkok.

A cor branca é utilizada por devotos Budistas para mostrar seu comprometimento em manter os Preceitos – geralmente os Oito Preceitos – nos Dias de Observância. (mantos brancos são também utilizados por *anagarikas*, ou aqueles em vias de se tornarem monges, antes de receberem a completa ordenação).

P 2: “Por que os monges se alimentam de comida na tigela? Os leigos podem servir sopas para monges em tigelas/pratos normais? Podem servir frutas ou sobremesas em pratos em vez de colocá-los na tigela do monge?”

R: O Buda fez a seguinte reflexão sobre como encontrar e ingerir a comida:

“Refletindo de maneira sábia, ele não usa os alimentos esmolados nem para diversão, nem para embriaguez, tampouco com o objetivo de embelezamento e para ser mais atraente, somente com o propósito de manter a resistência e continuidade desse corpo, como forma de dar um fim ao desconforto e para auxiliar a vida santa, considerando: ‘Dessa forma darei um fim às antigas sensações (de fome) sem despertar novas sensações (de comida em excesso) e serei saudável e sem culpa e viverei em comodidade’”. (OP p.46)

A tigela de oferendas é também um outro símbolo prático do Budismo, e, como os mantos, fazem parte de outro requisito do *bhikkhu*. Embora todo *bhikkhu* ao ser ordenado receba uma tigela de oferendas (e um conjunto de mantos), nem todos sairão em *pindapata*, apenas uma minoria – geralmente os *bhikkhus* das tradições das florestas – que comem das suas tigelas sentados no chão. Por outro lado muitos monges comem utilizando apenas pratos, enquanto alguns comem o seu alimento sobre uma pequena mesa sentados no chão e outros em uma mesa normal de estilo Ocidental. Não se deve ter vergonha de perguntar ao monge qual o seu modo normal de comer e então adequar-se a isto.

Os monges que seguem as dez práticas austeras (*dhutanga* ou *tudong*) x serão mais estritos quanto à restrição de utilizar apenas um recipiente para alimentar-se. Isto pode simplificar a vida e servir de lembrete ao *bhikkhu* que embora a comida seja necessária para a saúde do corpo, ele não deve se entregar a uma obsessão pelo sabor. (E também poupa-lhe tempo ao lavar a louça)

P 3: “Por que os monges vivem na floresta?”

R: Na Índia, na época do Buda, grande parte do território [por onde Ele andou e ensinou] era coberto por florestas e matas e estes eram os locais em que os mendicantes errantes de diferentes ordens faziam suas práticas religiosas. O Buda falou do “pé da árvore” como o abrigo básico para os *bhikkhus*, e isto ainda é em geral dito para todo *bhikkhu* recém-ordenado. Mais tarde, mosteiros foram estabelecidos e bem mantidos, e o foco mudou para uma vida mais sedentária. Em grande parte, só os “monges das florestas” vivem atualmente em florestas onde há quietude e são conducentes à meditação. Muito mais monges vivem em mosteiros locais, nas vilas, ou alocam-se em mosteiros nas cidades para estudar as escrituras.

O Buda disse o seguinte sobre os pontos básicos da moradia [monástica], seja na floresta ou na cidade:

“Refletindo de maneira sábia, ele usa a sua moradia somente para proteção do frio, para proteção do calor, para proteção do contato com moscas, mosquitos, vento, sol e criaturas rastejantes e somente com o propósito de evitar os perigos do clima e para desfrutar do isolamento. (OP p. 46)

P 4: Como alguém que quer tornar-se um monge consegue um manto, uma tigela, etc?

P 5: “Qual o procedimento para um leigo se ordenar?”

P 6: “Como deve proceder aquele que quer patrocinar qualquer monge/monja recém-ordenado com as necessidades que envolvem a ordenação?”

P 7: “Como um professor/mestre avalia e decide se alguém tem condições para ser ordenado?”

R: Na verdade, conseguir os mantos e a tigela não é um problema tão grande desde que o candidato seja aceito por um preceptor, pois o preceptor saberá onde os requisitos adequados serão encontrados. A questão deve ser mais sobre as qualidades necessárias para tornar-se um monge e algumas dessas estão explicadas na seção [“Tornar-se um Bhikkhu”](#).

Se a intenção do candidato é correta e ele não for desqualificado por outros fatores, ele deve encontrar um monge sênior que possa aconselhá-lo sobre os lugares onde poderá se ordenar e talvez recomendá-lo a um preceptor. Se o candidato vive num país não Budista, ele pode escrever pedindo detalhes do país onde está interessado em ficar. *Bhikkhus* estão geralmente viajando e dando ensinamentos do Dhamma ao redor do mundo e eles geralmente ficam felizes em dar sugestões sobre isto.

Em certas comunidades há um período de “postulante” em que o candidato primeiramente utiliza mantos brancos como um *anagarika* ^{xi} e após um ano (ou dois) ele será ordenado como noviço (*samanera*) ou receberá a ordenação completa de *bhikkhu*. Uma vez aceito para tal, todos os requisitos deverão ser disponibilizados. (Em alguns mosteiros é disponibilizado ao candidato o tecido, mas ele deve aprender a cozer seus próprios mantos.)

De forma similar, para o leigo que deseje ajudar a oferecer os requisitos a um novo monge, o melhor modo é perguntar detalhes a um monge sênior que explicará e ajudará. Em alguns países Budistas há inclusive lojas especializadas na venda destes requisitos mas se os produtos de tais lojas serão apropriados ou não dependerá do mosteiro em que se dá a ordenação.

Veja também o livro *“Ordination Procedure and the Preliminary Duties of a New Bhikkhu”*.

P 8: “Como uma discípula leiga se ordena? Ela é ordenada apenas por *Bhikkhunis* (monjas)?

R: A Linhagem Theravada não tem mais uma ordenação de *bhikkhunis* “oficialmente reconhecida”. Há outras formas disponíveis para discípulas leigas que ainda envolvem “deixar a vida em família”: observar os Oito ou Dez Preceitos como uma monja *dasasila mata*. Encontrar um local apropriado é bastante difícil mas diversos grupos estão tentando estabelecer locais condizentes à prática do Dhamma para tais monjas. (Por exemplo, o Mosteiro Budista de Amaravati na Inglaterra; veja também [Monjas Budistas](#))

P 9: “Em vez de deixar os monges saírem para o *pindapata* (caminhadas de recolhimento de oferendas) em dias chuvosos, podem os leigos solicitar trazer *dana* [as oferendas de alimentos] até os monges?”

R: Alguns monges fazem dos *pindapatas* uma prática especial (*dhutanga* ou *tudong*), e em condições normais sempre intencionarão fazê-las. Muitos outros monges estarão satisfeitos em receber alimentos trazidos até eles. Por favor, pergunte ou observe as práticas dos monges. Não há problema algum em oferecer para trazer o alimento, mas se o monge prefere sair para o *pindapata* ele poderá explicar-lhe sobre isto.

P 10: “Há um número mínimo e máximo de camadas [de mantos] que um monge pode vestir? A regra varia conforme o clima?”

R: Há um mínimo que o *bhikkhu* deve vestir de forma apropriada e modesta, especialmente em público. (Veja [Socializar e Recurso não Apropriado](#) e as Notas [70](#) e [71](#)). Durante a estação fria na Índia, o Buda permitia que o *bhikkhu* vestisse um manto duplo externo (*ti*) e assim – utilizando-se os Grandes Critérios [xii](#) como guia – mesmo em climas mais frios uma camada extra pode ser permitida. Em países em que a hipotermia pode ser um perigo, o uso de camadas extras parece ser razoável – especialmente se isto significa menores custos de aquecimento e medicamentos. (É um aspecto principal do Vinaya que um *bhikkhu* viva da forma mais frugal possível). Portanto, é geralmente considerado bastante importante que os mantos tradicionais permaneçam como a vestimenta básica e as “camadas extras” não devem ofuscar isto.

P 11: “É [aceitável] que aquele que é ordenado solicite necessidades básicas como comida, bebidas, remédios, moradia, cobertores, formas de transporte adequadas devido à fraqueza (por condições de saúde) ? Como deve-se abordar um monge ou monja quando alguém quer se oferecer para suprir tais necessidades?”

R: Há condições definidas que autorizam um monge a pedir ajuda. Elas surgem quando ele está doente, em perigo ou quando, formalmente, lhe for oferecida ajuda. Veja uma explicação mais completa em [Como Ajudar um Bhikkhu – Convite](#)

P 12: “É [aceitável] que alguém ofereça as necessidades básicas aos monges ou monjas sem consultá-los?”

R: Sim, generosidade é uma virtude bastante elogiada pelo Buda e era geralmente a primeira virtude que ele mencionava. Ela vai contra a atitude egoísta e difundida atualmente do “receber é melhor que dar” e nos aponta para o contentamento e para a calma que pode por sua vez direcionar-nos para a meditação profunda e para a sabedoria. Assim, se é motivo de alegria para alguém fazer uma oferenda, então pode-se fazê-la sem prévia consulta. No entanto, a oferenda deve também ser acompanhada de sabedoria de modo que se ofereça algo que seja útil e não está além da capacidade de sua família custear.

P 13: “Por que nos prostramos diante dos monges/monjas e a da imagem do Buda?”

R: O manto ocre vestido pelos monges é um emblema e lembrete das Três Jóias, assim como é a imagem do Buda. Desta forma, nos curvamos diante do Buda, Dhamma e Sangha, e não diante de uma pessoa ou imagem. Há dois aspectos no curvar-se – a ação corporal e a mental. Se alguém se curva por que isso lhe dá a oportunidade de demonstrar a fé nas Três Jóias, por lhe parecer a coisa certa a fazer e por que isso conduz a sua mente para a calma, então isto é benéfico. Se alguém se curva sem razão ou por sentir que deve fazê-lo apenas por aparência, então isto se torna um gesto um tanto quanto vazio. (Mesmo que a apreciação de si próprio possa crescer.)

Quando me curvo três vezes diante de uma imagem do Buda ou de monges seniores, mentalmente reflito “Buddho”, “Dhammo” e “Sangho” e cultivo a plena atenção quanto à postura do corpo conforme este se curva para a frente e a cabeça toca o chão. (Veja [Etiqueta/Cerimonial](#) e a [Nota 120](#)). No entanto, em países Ocidentais isto é geralmente confundido e pode ser uma causa de embaraço. É uma questão pessoal decidir o que é apropriado em diferentes circunstâncias.

P 14: “É [aceitável] colocar as duas mãos juntas [em *anjali*] quando se saúda respeitosamente monges/monjas e a imagem do Buda, ou devemos nos curvar para mostrar mais respeito?”

R: Devemos mostrar respeito com o coração da forma que parecer melhor para cada um tendo em mente as Três Jóias e fazendo-o com plena atenção. Nenhum monge bondoso (ou imagem do Buda) considerará uma ofensa caso não nos curvemos diante dele.

P 15: “Por que os monges raspam a cabeça?”

R: Quando o príncipe que estava para se tornar o Buda deixou seu palácio para procurar um caminho para além do envelhecimento, enfermidade e morte, diz-se que uma das primeiras coisas que ele fez foi “raspar o cabelo e barba e vestir o manto de cor ocre.”

Monges Budistas sempre raspam completamente a cabeça e a barba numa demonstração de comprometimento com a Vida Santa (*Brahmacariya*) daquele que abandonou a vida em família (Na Índia, alguns ascetas trançam seus cabelos, enquanto outros nunca os tocam de forma que se emaranham em uma massa).

Uma regra determina que um *bhikkhu* não deve permitir que seu cabelo cresça além de um certo comprimento ou prazo, assim ele irá raspar a cabeça e a barba pelo menos uma vez por quinzena ou uma vez por mês, algumas vezes até mais frequentemente. Para fazer isto ele usará a sua lâmina, que é também um de seus requisitos.

O cabelo (*kesa*) é uma das cinco partes do corpo mencionadas na cerimônia de ordenação e é usada para se refletir na verdadeira natureza do corpo. O *bhikkhu* não pode tingir ou retirar qualquer fio de cabelo branco, pois eles são lembretes úteis da velhice e impermanência (Considere quanto tempo e dinheiro é gasto pelas pessoas que tentam fazer seus cabelos permanecerem belos e aparentando juventude).

Perguntas Frequentes

PFF 1: “Quando um *bhikkhu* está doente e especialmente em casos de emergência, ele tem permissão para ser atendido por uma mulher, ex: enfermeira, médica, especialmente se a médica é a única em plantão? Como o Vinaya lida com tal situação?”

PFF 2: “Observa-se que nas tradições da Birmânia (Myanmar), Sri Lanka, Tibete e Mahayana, é permitido que mulheres façam oferendas diretamente aos monges. No entanto, monges Budistas tailandeses não podem receber oferendas diretamente de mulheres. Isto por que é contra as regras do Vinaya ou devido a uma interpretação distinta das regras?”

R 1&2: As Regras do Vinaya especificam que se um *bhikkhu* tocar ou for tocado por uma mulher isto é uma ofensa – uma ofensa muito séria – somente se o *bhikkhu* estiver “tomado pelo desejo, com uma mente alterada.” No entanto, o *bhikkhu* praticante sabe como sua mente muda tão rapidamente, ele tem de ser extremamente cuidadoso quanto a envolver-se em situações duvidosas. É melhor estar seguro do que lamentar o erro, mesmo que isto soe um pouco exagerado. Em situações emergenciais o *bhikkhu* terá de decidir por si mesmo e assegurar-se de estar atento aos seus pensamentos.

Na Tailândia é uma tradição (não uma regra estrita) que o monge utilize um “lenço para receber”, para enfatizar que não há contato físico (toque) [com uma discípula que lhe oferece algo]. (Para mais informação sobre estas questões, veja [Intimidade - O Contato Físico](#), [Como fazer uma Oferenda](#) e [Nota 85](#))

PFF 3: “Qual é a regra para alguém que assumiu os oitos preceitos e que sem intenção vier a entrar em contato [físico e direto] com um outro discípulo leigo que esteja observando os oito ou dez preceitos ou com um monástico(a) do sexo oposto?”

R: Como nos casos anteriores com os *bhikkhus*, não há uma falta quando não há a intenção incorreta.

PFF 4: “É mencionado nas Regras do Vinaya que um monge não pode viver sob o mesmo teto que uma mulher. Como isto se aplica no caso de prédios com vários andares (condomínios, flats, apartamentos) ou construções com vários cômodos (casas geminadas), em que os apartamentos e construções adjacentes dividem um mesmo telhado?”

R: Esta se tornou uma questão complexa com diversas interpretações devido às condições modernas. O espírito da regra é muito importante – evitar possibilidades de intimidades – mas ao mesmo tempo, a interpretação dependerá do monge e das circunstâncias. Em países sem mosteiros adequados haverá sempre algo como uma concessão. (Veja [Hospedar-se Juntamente com Mulheres](#) para uma discussão deste ponto.)

PFF 5: “As Regras do Vinaya proíbem os monges de tocar e manusear dinheiro. Desta forma, em países Budistas os monges devem ter um *kappiya*, (atendente), que manuseie o dinheiro para eles. No entanto, se um monge tem de viajar e não tem um *kappiya*, dentro destas circunstâncias as Regras do Vinaya permitem que ele manuseie pessoalmente o dinheiro? Este é um problema especialmente em países não-Budistas.”

R: Ao mesmo tempo que podem trazer problemas e inconvenientes, as regras existem para proteger e lembrar o monge das ações inábeis e perigosas. Se o monge se tornar cada vez mais envolvido com dinheiro, há uma tendência de toda a sua vida monástica ficar comprometida – e isto seria um problema muito maior. Logo após o Passamento Final (*Parinibbana*) do Buda esse tipo de questão já havia se tornado uma grande controvérsia, e atualmente é até mesmo mais complexa, dadas as condições modernas.

No entanto, as condições modernas também trouxeram seu próprio auxílio na observância de tais regras. Por exemplo, um *bhikkhu* pode receber um bilhete aéreo e viajar ao redor do mundo (caso necessário) sem precisar de nenhum centavo ou atendente. Será necessário encontrá-lo no aeroporto e assisti-lo como usual, isso será natural se ele tiver sido convidado pelos discípulos leigos. (Ele não deveria

viajar se não por esta razão.) E, é claro, um monge pode utilizar selos e cartões telefônicos que tornam mais conveniente a comunicação – quando for apropriado. (Veja a seção [Dinheiro](#) e [A Concessão Mendaka](#))

PFF 6: “Há alguma Regra do Vinaya que afirme que uma vez ordenado, não é possível deixar o manto? Se é possível deixar o manto, há no Vinaya um limite do número de vezes que é possível fazê-lo? Caso positivo, sob quais circunstâncias é permitido deixar o manto?”

R: Não se encontra em nenhuma parte do Vinaya a condição de que uma vez ordenado não se possa deixar o manto. Se não há mais interesse pela vida monástica (de *bhikkhu*), a tendência será de tornar-se desleixado e um mau exemplo para os demais. Seus amigos no Dhamma então, tentarão motivá-lo reacendendo seu entusiasmo. No entanto, se isto não for possível, tornar-se um bom discípulo leigo pode ser melhor que um mau monge. (Muito embora, em alguns países há a expectativa cultural da “ordenação por toda a vida” e um estigma correspondente ligado ao abandono do manto.) Há uma tradição (mas não uma regra) de não se reordenar um *bhikkhu* por mais de sete vezes. (Veja [Deixar a Vida Monástica](#))

PFF 7: “O Vinaya afirma que os monges não devem alimentar-se após o sol ter passado do zênite. Sendo assim, o que acontece no caso daqueles que estão em países em regiões como o Polo Norte ou Sul, ex: Noruega, Alaska, onde o sol nunca se põe por seis meses, e por outros seis meses o sol não brilha.”

R: Entendo que o zênite significa atingir o ponto mais alto do arco traçado através do céu. Na maior parte das áreas habitáveis do globo este arco pode estar bem baixo no horizonte mas ainda assim seria possível seguir a regra. E se um *bhikkhu* estiver numa região polar, ^{xiii} ele terá os “Grandes Critérios” para guiá-lo. (Mais especificamente, veja [A Hora de Comer](#) para os limites de tempo).

PFF 8: “No Vinaya está estabelecido que quando um discípulo leigo oferece fruta para um monge, ele deve fazer um corte em uma das frutas para que se torne permissível para que o monge aceite a oferenda. Como esta regra surgiu? Além disso, discípulos leigos quando oferecem sucos de frutas após o meio-dia, não devem oferecer sucos de frutas maiores do que o tamanho de um punho. Isto também está no Vinaya? Por que?”

R: No tempo do Buda alguns discípulos leigos reclamaram que os monges destruíam a “vida” nas sementes. Desta forma, os discípulos leigos podem ser questionados pelos monges se eles têm permissão para comer tais frutas. Em alguns mosteiros (não todos) isto é feito pelos discípulos leigos que cortam as frutas. (Veja [A Oferenda de Frutas: Kappiya](#) e [Nota 91](#))

Está no Comentário do Vinaya que menciona as “frutas grandes”. Esta prática, no entanto, não é seguida em todos os mosteiros. (Veja [Sucos de Frutas](#))

PFF9: "Na Tailândia observa-se que os monges Budistas podem beber chá, cacau, café (sem leite) após o meio-dia. Mas em alguns outros países Budistas como Birmânia (Myanmar), os monges não podem fazê-lo. Isto é parte das Regras do Vinaya ou é apenas tradição, costume, uma prática local? Se isto está no Vinaya, como se explicam as diferenças na interpretação deste?"

R: A quarta Reflexão dos Requisitos dos *bhikkhus* é:

“Refletindo de maneira sábia, ele usa medicamentos somente para proteção contra sensações aflitivas que já surgiram e para se beneficiar da boa saúde. (OP p. 47)

Há uma condição nos textos em Pali dizendo que “tônicos-medicinais” podem ser tomados à tarde enquanto “remédios-perpétuos” podem ser consumidos em qualquer momento, sempre que necessário. (Veja [Medicamentos para Toda Vida](#))

Há diferentes interpretações e práticas sobre o quão doente deve estar um *bhikkhu* para que seja permissível fazer uso de tais “medicamentos”. Alguns *bhikkhus* não beberão nada que não seja água pura, enquanto outros irão flexibilizar ao extremo a regra para se permitirem ingerir alimentos-líquidos “medicinais” (ex: Ovomaltine ou Toddy) à tarde.

Alguns *bhikkhus* considerarão folhas-de-chá permissíveis (como “ervas”) enquanto alguns a considerarão comida ou um “estimulante” (cafeína), e por conseguinte inapropriado [para ser ingerido à tarde]. Por outro lado, os habitantes camponeses dos vilarejos do Sudeste Asiático (até muito recentemente) não teriam chá ou café para beber, então tais itens poderiam ser considerados artigos de luxo. Dependerá das condições locais e interpretações previstas no Vinaya através dos Grandes Critérios. (Veja também [Medicamentos para Toda Vida](#))

PFF10: “Pode um monge reter uma propriedade que fora sua enquanto um discípulo leigo? Da mesma maneira, pode um monge receber uma propriedade que tenha sido passada para ele como herança? Um monge também pode aceitar propriedades doadas a ele por seus discípulos leigos transferindo-as para seu nome? Qual é a postura do Vinaya diante disto? O Vinaya também permite que monges vendam/transacionem propriedades que lhes tenham sido doadas para assim comprar, por exemplo, um outro terreno em uma área que seja mais adequada para atividades espirituais?”

R: Esta é uma questão complicada. Se há um tesoureiro que faça os acertos para o *bhikkhu* de forma adequada, então certas coisas são permitidas. (Veja [O que um Bhikkhu Possui](#)). No entanto, há parâmetros bastante estritos sobre este assunto. (Veja as várias regras em [Bhikkhus e a Riqueza](#)).

Em termos práticos, na Tailândia não se exige que os *bhikkhus* renunciem a todas as suas propriedades, etc, quando recebem a ordenação. (Como mencionado em outra

parte deste texto, a maioria dos *bhikkhus* na Tailândia retorna à vida leiga após certo período). *Bhikkhus* que estão comprometidos com o propósito de dedicar sua vida à Vida Santa irão obviamente seguir o Buda como exemplo e, como Ele, renunciar a tudo que é mundano.

Há regras específicas, não cobertas por este texto, sobre terras e propriedades da Comunidade [Monástica], e os diferentes modos pelos quais são administradas. (No entanto, veja também [Recebimento de Oferendas de Maneira Incorreta](#))

PFF11: “O Vinaya diz que monges não podem ter monjas e leigos como seus professores? Caso positivo, qual a razão para isto?”

R: A escolha de um Professor (*ācariya*) por um *bhikkhu* vivendo na dependência dele (*nissaya*) só pode acontecer entre *bhikkhus*. (Veja [Tornar-se um Bhikkhu](#); [Nota 24](#) sobre as qualidades de um Professor). E de acordo com as Regras do Vinaya das *Bhikkhunis* (monjas), no tempo do Buda, não era permitido que elas ensinassem os *bhikkhus*. De todo modo, isto não quer dizer que um *bhikkhu* não possa aprender com outros.

PFF12: “É permitido aos monges ter e/ou dirigir veículos? Isto é previsto pelo Vinaya? Se isso não vai contra o Vinaya, isto seria socialmente aceitável, dado o status espiritual de um monge na sociedade?”

R: Há uma regra específica contra a posse de veículos por *bhikkhus*. Obviamente, “veículos motorizados” não existiam na época do Buda e a maior parte das viagens seria feita a pé. De todo modo, este foi o caso:
“Quando um grupo de seis *bhikkhus* saiu em um veículo puxado por vacas e touros, eles foram criticados pelos discípulos leigos. O Buda então estabeleceu a transgressão de má-conduta de um *bhikkhu* que viaja num veículo; posteriormente, casos de doença se tornaram uma exceção a esta regra...”

“Viajar em um veículo na época do Buda era uma extravagância. Uma aplicação estrita deste aspecto do treinamento na Tailândia é não permitir que *bhikkhus* dirijam ou possuam veículos, e (oficialmente) não guiem motocicletas.” (HS ch.17)

É permitido aos *bhikkhus* usar balsas, etc. (Na Tailândia, *bhikkhus* de mosteiros situados nas margens de rios saem em barcos para o recolhimento diário de oferendas)

PFF13: “O Vinaya permite que monges pratiquem medicina herbal, tradicional ou ayurvédica?”

R: Na Tailândia, entendo que uma pessoa não pode ser oficialmente registrada como médico herbolário enquanto for *bhikkhu*. Ao mesmo tempo que fornecer remédios para seus amigos monásticos é perfeitamente permissível, é definitivamente

incorreto que um monge distribua remédios em busca de recompensas. (Veja [Modo de Vida Incorreto](#) e [Nota 115](#))

PFF14: “Quando um monge comete uma ofensa *parajika*, os discípulos leigos têm o direito de solicitar que ele deixe a vida monástica? Qual é o procedimento usual previsto no Vinaya? O que acontece quando um monge que tenha comprovadamente cometido uma ofensa *parajika*, ainda assim se recuse a largar o manto apesar das demandas de seus discípulos leigos e não havendo um Conselho da Sangha que apoie essas demandas, como é o caso de países não Budistas? Em tais circunstâncias, o que os leigos devem fazer?”

R: Se um *bhikkhu* comete uma ofensa *parajika* ele é “derrotado” e não é mais um *bhikkhu*, mesmo que vista os mantos. A Comunidade de *Bhikkhus* não terá mais nada a ver com ele e o expulsará. (Veja [Deixar a vida Monástica](#) e a [Nota 31](#)). No entanto, se o “*bhikkhu*” acusado não admitir a ofensa e esta não puder ser provada, deve-se permitir que os resultados de *kamma* sigam seu próprio curso. O Budismo nunca se envolveu com caças violentas às bruxas. (Veja [Severidade e Culpar os Outros](#)). E para saber como a comunidade de discípulos leigos lidou com os monges teimosos na época de Buda, veja [Disputas](#).

PFF15: “Quais perguntas devem ser feitas a um monge quando forem feitas oferendas de requisitos; até que ponto um monge é limitado (e por que) em sua resposta; e quando é aceitável perguntar detalhes de preferências e especificações; e como descobrir o que é apropriado caso a pessoa ordenada ache difícil ou impossível mencionar o que é requerido?”

R: Geralmente um *bhikkhu* de boa conduta será uma pessoa de poucas aspirações, pois ele está tentando encontrar o fim de qualquer desejo. No entanto, pode ser que ele venha a necessitar de certos itens, mas talvez não mencione até estar certo de que aqueles que o apóiam com donativos são completamente sinceros em sua oferta. Se aqueles que o patrocinam fazem sugestões específicas, o *bhikkhu* poderá negar, aceitar ou ele poderá continuar em silêncio – e tal silêncio pode servir muito bem como uma resposta positiva (como era na época do Buda). Desta forma, à medida que o patrono passa a conhecer o *bhikkhu*, ele/ela se tornará mais sensível ao que for necessário e apropriado – e será capaz de interpretar qualquer “silêncio” imediatamente. (Veja a seção [Como Ajudar um Bhikkhu - Convite](#) e [Perguntas de Principiantes](#))

Segunda Parte

Estabelecendo uma Base

Preceitos

A mente desperta está além da cobiça, da raiva e da delusão. Mas, para aqueles que ainda estão lutando nessa direção, essas tendências inábeis necessitam de atenção. Nós precisamos de regras para nos ajudar a tornarmo-nos mais conscientes das nossas ações e fala, para que não saíamos do Caminho do Meio do Buda. Para começar existem os Cinco Preceitos, os Oito e os Dez Preceitos, [veja [Apêndice A](#)] e finalmente as 227 Regras do Patimokkha do *bhikkhu*.

Os Cinco Preceitos são padrões éticos humanos básicos — que respondem as questões fundamentais, o que eu deveria fazer, o que eu deveria dizer?' Esses padrões são ainda mais refinados pelos Oito Preceitos, que permitem à pessoa leiga uma vida mais próxima de um monge — ainda que temporariamente. [xiv](#) Isso pode levar (a pessoa) aos Dez Preceitos de um noviço (*samanera*) ou de uma monja *dasasila mata*.

O Vinaya e as regras do *Patimokkha* foram estabelecidos pelo Buda em resposta a incidentes específicos que ocorreram ou dentro da Comunidade de *bhikkhus*, ou através da interação deles com a comunidade leiga. Uma explicação das circunstâncias originais que levaram à formulação de uma regra é regularmente incluída no texto das escrituras como uma introdução a essa regra. A ênfase, portanto, está sempre na prática do Dhamma com os Preceitos ou Vinaya como guia vital e apoio.

Quando um *bhikkhu* observa as regras de treinamento, pode ser que ele descubra que os hábitos passados e tendências ainda causem problemas - especialmente num ambiente que não seja encorajador. É claro, estando num ambiente apropriado, seria tudo mais simples, o que se constitui na maior razão para algumas regras. Portanto, é importante lembrar que um *bhikkhu* nunca pratica em isolamento e sempre necessita do apoio e compreensão dos Budistas leigos. Existe a necessidade de apoio mútuo e encorajamento entre as comunidades leigas e dos *bhikkhus*. Um pouco de conhecimento sobre as regras deverá capacitar as pessoas leigas a reconhecer o valor disso.

Bhikkhus

Diz-se que o Budismo [xv](#) está profundamente enraizado num país onde os homens podem se tornar um *bhikkhu* e aprender a recitar as Regras do *Patimokkha* no seu próprio país. Isso se referia originalmente ao Sri Lanka, há milhares de anos, mas agora que o Budismo está se movendo para o oeste, essas condições estão começando a aparecer aqui também.

A comunidade de *bhikkhus*, ou monges, é provavelmente a mais antiga de todas as instituições que permaneceram leais às suas origens e se espalharam por todo o

mundo [veja [Nota 7](#)]. Enquanto os acadêmicos gostam de rastrear o seu desenvolvimento histórico de país em país, também poderíamos começar com um determinado *bhikkhu* e traçar a linha de volta seguindo de preceptor em preceptor até chegar ao próprio Buda. Os muitos atributos especiais capacitam os homens de diferentes classes sociais, diferentes históricos e culturas a viverem juntos em harmonia e camaradagem. E, mais importante, proporcionam as condições ideais para um indivíduo treinar e meditar, para despertar para o Dhamma, que é todo o propósito do ensinamento do Buda.

Tornar-se um Noviço

A primeira parte [xvi](#) do procedimento da ordenação [xvii](#) dos *bhikkhus* é conhecida como Entrar para a Vida Santa (*pabbajja*). Se parar por aí – sem a continuação até o Questionamento e Aceitação do candidato por toda a assembléia de *bhikkhus* parte da Sangha de *bhikkhus* – o candidato será conhecido como *samanera* ou noviço. Normalmente isso é quando o candidato tem menos de vinte anos, idade exigida para se tornar um *bhikkhu*. Um menino muito jovem não tem tampouco permissão para se tornar um noviço, mas a idade mínima vai variar de acordo com o lugar. [xviii](#)

Um *samanera* usa o ‘manto ocre’ como um *bhikkhu* ordenado – mas ele não tem o *ti* (o manto duplamente grosso) – e leva uma vida similar. Em alguns lugares, um período como noviço é parte do treinamento preliminar para se tornar um *bhikkhu*, enquanto alguns homens decidem permanecer como *samanera* por várias razões. O *samanera* segue os Dez Preceitos e as 75 Regras de Treinamento, (*sekhiya*), e algumas outras regras do *bhikkhu*. Mais tarde, quando estiver pronto e se tiver idade, poderá pedir à comunidade de *bhikkhus* a sua ordenação completa, (*upasampada*).

Tornar-se um *Bhikkhu*

No Cânone em Pali, quando um homem decide tornar-se um *bhikkhu*, ele é com frequência citado repetindo essa declaração:

“A vida em família é confinada, um caminho empoeirado; a vida santa é como o ar livre. Não é fácil viver em casa e praticar a vida santa completamente perfeita, totalmente pura, como uma concha polida. E se eu raspasse o meu cabelo e barba, vestisse os mantos de cor ocre e seguisse a vida santa.’ (HS ch.19)

No entanto, qualquer um que deseje tornar-se um *bhikkhu* deve preencher certas condições sobre as quais ele será questionado durante o procedimento da ordenação. O candidato deve ser do sexo masculino e ter pelo menos vinte anos de idade. Ele não pode ter cometido nenhum crime sério e, se já tiver sido ordenado anteriormente não pode ter sido culpado de nenhuma ofensa grave passível de

expulsão da Sangha (*Parajika*), ou ter sido aceito numa outra religião sem antes ter deixado de ser *bhikkhu*. (Ver BMC pp.88-89). Ele deverá também ter boa reputação; estar em boa forma e ter saúde suficiente para desempenhar as obrigações de um *bhikkhu*; não pode ter dívidas, não deve estar a serviço do governo; e deverá ter permissão dos seus pais ou tutor.

A cerimônia de Ordenação requer uma área delimitada prescrita, (*sima*), um preceptor, (*upajjhaya*) e um quórum de *bhikkhus* para validar o Ato formal da Sangha. No procedimento formal, o candidato é examinado em relação às qualidades necessárias [xix](#) e, se todos os *bhikkhus* estiverem satisfeitos, eles o recebem na Sangha, a Comunidade de *bhikkhus*.

É dessa maneira que mais uma conexão é adicionada à linhagem dos *bhikkhus*. Desse dia em diante, o novo *bhikkhu* poderá participar (e constituir o quórum exigido) de assembleias futuras e ajudar a receber outros *bhikkhus* novos – como os *bhikkhus* vêm fazendo por dois mil e quinhentos anos. (Veja EV,I,p.4; OP).

Quando um candidato pede a admissão completa à Comunidade [xx](#) (depois da ordenação como *samana*), ele não faz nenhum ‘voto vitalício’, mas se oferece para ficar em treinamento e instrução sob a autoridade do seu Preceptor. No final da cerimônia de ordenação, o Preceptor instruirá imediatamente o novo *bhikkhu* (ou arranjará para que ele seja devidamente ensinado sobre as regras do *Patimokkha* e outros princípios que todos os *bhikkhus* devem seguir e observar [xxi](#)).

Nos primeiros cinco anos um *bhikkhu* é chamado *navaka*, (novato), e ele deve viver como ‘dependente’, (*nissaya*), de um *bhikkhu* sênior – que funciona ou como preceptor ou como professor (*acariya*) – treinando-o nos modos de um *bhikkhu*. O preceptor e o novo monge deverão ser gentis e ajudar-se mutuamente num relacionamento muito próximo ao de pai e filho. Um *bhikkhu* novato que não está mais sob a dependência do seu preceptor deve ter um outro *bhikkhu* sênior como seu professor e passar a depender dele [xxii](#).

Nos próximos cinco anos depois do seu período de *navaka*, o *bhikkhu* é chamado de *majjhima*, (que está no meio), e ele tem permissão para viver sozinho, se tiver conseguido desenvolver em certas qualidades [xxiii](#).

Quando um *bhikkhu* tiver completado dez Chuvas será chamado *Thera*, que pode ser traduzido como ‘um *bhikkhu* sênior merecedor de respeito.’ Se ele tiver também se desenvolvido em determinadas qualidades adicionais [xxiv](#), terá permissão de dar a ordenação como preceptor, de ser um professor e ter monges novatos na sua dependência.

Ordenação no Sudeste da Ásia

Por todo o sudeste da Ásia é muito comum que os jovens do sexo masculino se tornem *bhikkhus* (ou noviços) por um curto período de tempo da sua vida. Tradicionalmente isso ocorre durante os três meses do Retiro das Chuvas, depois do que eles deixam o manto e retornam à vida leiga, na expectativa de que saberão e apreciarão muito mais sobre a vida de um *bhikkhu* – e provavelmente ainda tendo os amigos do monastério a quem eles poderão recorrer para aconselhamento. Na Tailândia isso significa que enquanto uma pequena proporção de *bhikkhus* passará a sua vida vestindo um manto, muito mais homens Tailandeses terão experimentado essa vida.

Essa ordenação é também um rito de passagem, pois é um evento da família, e até mesmo de um vilarejo com muitas pessoas se juntando para ver o jovem saindo para esse novo estágio da sua vida [xxv](#). O novo monge visitará frequentemente a sua antiga casa nos dias em que sair para a coleta de alimentos, assim a sua ordenação tem uma larga influência, mostrando a possibilidade contínua de viver a ‘Vida Santa’ que começou com o Buda há tanto tempo.

Isso pode também ser considerado um caminho para os jovens mostrarem a sua gratidão aos seus pais e avós, pois acredita-se que eles participarão e compartilharão do mérito que fizerem através da sua ordenação. Alguns homens podem também se ordenar por um período antes do casamento – uma maneira para o jovem provar maturidade à sua noiva – e aí, novamente, mais tarde, depois de se aposentar.

O Retiro das Chuvas

O ano do *bhikkhu* é estruturado em torno dos três meses de julho a outubro. Na Ásia essa é a época da estação das monções – o período central do ano da agricultura – quando os campos de arroz estão inundados e a principal semeadura de arroz é feita. No tempo do Buda, (e até os tempos modernos), havia menos probabilidade das pessoas viajarem durante esse período devido às más condições das estradas e havia o perigo de danificar as plantações. Assim, os *bhikkhus* também suspendiam suas perambulações e tinham de se estabelecer em um lugar.

Um *bhikkhu* deve ter uma determinação formal de estar diariamente, ao amanhecer, residindo num local por todo o período de três meses. (Existem circunstâncias excepcionais quando ele pode ter permissão para estar fora, mas mesmo assim deverá retornar ao seu local de residência em sete dias) [xxvi](#). Esses três meses são sempre uma ocasião especial para estudo ou meditação, e por isso é conhecido como Retiro das Chuvas ou Residência das Chuvas. Esse é também o período normal quando os jovens do sudeste da Ásia se tornam monges pelo período tradicional de três meses (veja acima).

Um *bhikkhu* sempre mede a extensão do tempo de vida monástica de acordo com quantas Residências de Chuvas ele tem. Portanto, ao invés de dizer que ele foi ‘ordenado há sete anos’ ele pode dizer que está ordenado por ‘sete Chuvas’.

Deixar a Vida Monástica

Viver a vida de *bhikkhu* corretamente e seguir o Ensino do Buda requer comprometimento total e um esforço sustentado. Se isso for perdido e seus companheiros do Dhamma não puderem reacender o seu interesse, o *bhikkhu* tem sempre a liberdade de retornar à vida leiga. Não existem votos vitalícios, pois talvez, viver uma vida leiga benéfica seja melhor do que ser negligente no cumprimento das regras dos *bhikkhus*. Entretanto, em alguns países, existe uma expectativa cultural de ‘ordenação vitalícia’ e um estigma correspondente imputado aos que abandonam a vida monástica.

“Um *bhikkhu* que esteja cansado da prática do *Brahmacariya* (Vida Santa) e que deseje retornar ao estado de leigo pode fazê-lo deixando o treinamento...”
(EV,III p237)

O abandono da vida monástica é formalizado pelo monge claramente proclamando sua mudança de status diante de um outro *bhikkhu* ou de uma pessoa leiga. Uma vez que a outra pessoa compreenda o pronunciamento dele, ele deixa de ser um *bhikkhu*. Na Tailândia, é comum uma cerimônia formal para isso, que termina com o ex-monge tomando os Cinco Preceitos que substituem as 227 regras do *Patimokkha* (Isso é sempre considerado um declínio, pois o caminho ideal é certamente continuar com a Vida Santa ‘por tanto tempo quanto durar a vida’).

Naqueles países onde as ordenações temporárias são ‘ritos de passagem’, alguns homens podem se ordenar e abandonar a vida monástica diversas vezes – antes do casamento e depois de se aposentarem, por exemplo. No entanto, parece ser uma tradição que os *bhikkhus* não abandonem a vida monástica mais do que sete vezes, mas isso raramente ocorre.

Se um *bhikkhu* comete uma Ofensa Grave não há necessidade dele abandonar a vida monástica formalmente porque ele é expulso automaticamente devido à sua ação prejudicial e deixa de ser um *bhikkhu* a partir desse momento. Ele não poderá se reordenar nunca mais durante esta vida.

Monjas Budistas

Este livro trata exclusivamente dos *bhikkhus*. [xxvii](#) Na tradição Theravada, parece que a ordenação da linhagem das *bhikkhunis* para as mulheres dada pelo Buda – equivalente à ordenação do *bhikkhu* para os homens – se perdeu no Sri Lanka com a queda de Anuradhapura no século onze, e finalmente com a queda de Pagan no

século treze. As *bhikkhunis* originalmente observavam 311 regras do *Patimokkha*, e havia seções inteiras dos textos do Vinaya em Pali dedicados a essas regras.

O Vinaya e o *Patimokkha*

Os textos do Vinaya em Pali estão contidos em cinco volumes grandes. A divisão do Sutta-Vibhanga compreende os dois livros que contêm as 227 regras do *Patimokkha* (e as das *bhikkhunis*) com as histórias da sua origem e outras explicações. Os dois livros seguintes, o Mahavagga e o Cullavagga da divisão Khandhaka:

“ contém uma grande variedade de material relativo aos procedimentos que cuidam das funções importantes da Sangha: como dar a Aceitação de um *bhikkhu* na vida santa, a recitação do *Patimokkha* e a preservação da tradição da Residência das Chuvas, bem como uma grande quantidade de material relacionado aos requisitos dos *bhikkhus*, como alojamento, medicamentos, vestuário, etc.” (HS ch.7)

O último livro (o Parivara) é um tipo de um apêndice ou suplemento. Assim, as 227 Regras do *Patimokkha* são parte do grande Vinaya. Como o Ven. Thiradammo observa:

“... o *Patimokkha* é mais do que puros ossos ou esqueleto do Vinaya Pitaka. Sem a referência das explicações do Sutta-Vibhanga ou a elaboração dos Khandhakas, esse esqueleto não tem uma aplicação viável!” (HS ch.7)

O Buda declarou que nos dias de lua cheia e lua nova, todos os *bhikkhus* em residência numa mesma comunidade devem se reunir numa assembléia formal. Se houver um quórum de pelo menos quatro *bhikkhus*, eles deverão escutar o *Patimokkha* inteiro. Um *bhikkhu* competente, que o tenha memorizado, recitá-lo-á em Pali para a Comunidade para que eles possam se lembrar da sua responsabilidade de observar as 227 regras [xxviii](#). A recitação completa pode levar entre trinta e cinco minutos a uma hora, dependendo da habilidade do *bhikkhu* que estiver recitando.

Antes de começar a recitação cada *bhikkhu* deve admitir as ofensas das quais tem ciência ter cometido; e faz isso formalmente contando para um outro *bhikkhu* (ou *bhikkhus*). Uma vez que isso tenha sido feito, o monge é considerado ‘puro’ e pode ouvir a recitação das regras. A recitação inclui o questionamento, perguntando se algum *bhikkhu* presente é culpado de ter cometido alguma ofensa. Em várias comunidades é normal que cada *bhikkhu* faça uma ‘confissão geral’ de todas as ofensas possíveis para um outro *bhikkhu* antes de ouvir a recitação do *Patimokkha*.

As ofensas têm diferentes graus de seriedade, mas as faltas mais comuns cometidas por negligência ou erro podem ser perdoadas só pela ‘confissão’ a um outro *bhikkhu*

[xxix](#).

Admitir o erro, concordar e aceitar melhorar no futuro é o caminho do crescimento e progresso em direção à eliminação de toda a negligência e ausência de atenção.

Ofensas

Ofensa (*apatti*) é quando um *bhikkhu* transgride os seus preceitos ou regras [xxx](#).

Tais ofensas são cometidas através da ação ou palavra, embora a intenção seja (quase sempre) um fator decisivo. Somente pensar em fazer alguma coisa errada é prejudicial e pode levar a problemas futuros, mas não é uma ofensa. Examinaremos algumas dessas regras nas páginas que seguem.

Principais Grupos de Regras do *Patimokkha*

a) As quatro *Parajika* — Aquelas que Derrotam

O bhikku novato é informado sobre as Ofensas *Parajika* imediatamente após a sua ordenação, para que ele compreenda perfeitamente que são as mais sérias de todas as ofensas e que a consequência da transgressão dessas regras será a sua expulsão da comunidade de *bhikkhus*.

A natureza da ação que transgride qualquer uma dessas quatro regras *Parajika* revela claramente que o *bhikkhu* não está mais interessado em desenvolver o caminho sutil e refinado do Dhamma. A alternativa do abandono voluntário da vida monástica está sempre disponível se ele sentir que não pode mais seguir o Regramento e isso é considerado uma maneira muito melhor de lidar com esse tipo de desejo irresistível.

Um monge deixa de ser automaticamente um *bhikkhu* [xxxi](#) quando comete qualquer uma dessas ofensas que causam a Derrota: relação sexual, assassinato, roubo maior ou a afirmação falsa de possuir habilidades supra-humanas. Um *bhikkhu*, que comete qualquer uma dessas quatro ofensas que Derrotam, separa-se irrevogavelmente da comunidade e passa a não ser mais considerado um *bhikkhu*. O texto retrata essa consequência com alguns símiles claros sobre a sua natureza irreparável; como ‘um homem com a sua cabeça decepada’; como ‘uma pedra quebrada’. Pois, enquanto todas as outras ofensas podem ser remediadas, essas quatro são terminais.

b) As Treze *Sanghadisesa* — Que Requerem Reuniões Formais da Comunidade

Essa é uma classe de ofensa muito séria. No entanto, qualquer *bhikkhu* que cometer uma dessas ofensas pode ser reabilitado através da confissão e provação. E por último, o *bhikkhu* precisa ser reintegrado por uma reunião da Comunidade (Sangha), especialmente convocada, com pelo menos vinte monges [xxxii](#).

c) As Duas (*Aniyata*) Incertezas — Indefinido ou Indeterminado

A Comunidade de *bhikkhus* (juntamente com o referido *bhikkhu*) tem de decidir qual regra foi infringida, se é que houve infração de uma regra.

d) As 30 *Nissaggiya Pacittiya* — Confissão com Renúncia

Essas regras são quase sempre relacionadas com *bhikkhus* gananciosos ou imoderados nas suas solicitações de oferendas, ou *bhikkhus* que obtêm os requisitos através de meios impróprios. Isso oprime os doadores leigos e, como tem acontecido, leva-os a comentar: “Como podem esses reclusos... não conhecer a moderação ao pedir...?” As regras dessa categoria também guiam os *bhikkhus* sobre como podem cuidar dos requisitos e ajudam a refreá-los na obtenção de itens que pela sua própria natureza são inapropriados.

Essa ofensa pode ser eliminada através da renúncia do item impróprio em favor de um outro *bhikkhu* ou *bhikkhus* e a confissão formal da ofensa.

(*) As outras classes de ofensas podem usualmente ser resolvidas com uma ‘confissão’ simples para um outro *bhikkhu* ou *bhikkhus*. Elas são:

e) As 92 *Pacittiya* – Expição através da Confissão

Todas essas ofensas podem ser eliminadas através de confissão feita a um outro *bhikkhu*.

f) As Quatro *Patidesaniya* – Que Devem ser Reconhecidas

g) As 75 *Sekhiyavatta* – Treinamentos

Estas são as ofensas normalmente classificadas como ‘transgressão’ (*dukkata*). Existem dois aspectos nessas ‘regras de treinamento’ que são principalmente sobre etiqueta e boas maneiras. Primeiro, são uma ‘medida’ da atenção plena do *bhikkhu*, para que ele fique ciente do seu comportamento. Segundo, existe a perspectiva externa de um observador observando a atividade do *bhikkhu* e notando o cuidado e refinamento com o qual ele se move, come, etc. (Por exemplo, veja o [Comportamento Adequado Fora do Monastério](#))

h) As Sete *Adhikaranasamatha* – Resolução de Problemas

Estes são procedimentos gerais (ao invés de ofensas) para lidar com disputas, acusações, ofensas e obrigações (Veja BMC p. 5110)

(*) Nos textos completos do Vinaya existe também a classe da ofensa ‘grave’ (*thullaccaya*). Esta é uma ‘ofensa derivada’ das regras mais sérias *Parajika* e *Sanghadisesa* (grupos (a) e (b) acima) para cobrir aquelas circunstâncias em que a ofensa não é realizada por completo mas a conduta é grave o suficiente para ser classificada como transgressão. Também há a ofensa *dubbhasita* relativa à linguagem incorreta.

Cometer Ofensas

O Buda não teria estabelecido uma regra até que uma situação exigisse isso, assim o texto em Pali sempre fornece a ‘história original’ sobre como as diferentes regras surgiram. Certas qualidades mentais sempre reaparecem no centro das ações prejudiciais e danosas. Por exemplo, continuamos nos deparando com o Venerável Udayin ou o notório ‘grupo-dos-seis’ monges. O comportamento deles [xxxiii](#) requereu a atenção e retificação do Buda, que então a colocou como parte da regra geral para todos os *bhikkhus*:

“Neste caso, *bhikkhus*, formularei uma regra de treinamento para os *bhikkhus* com dez objetivos em mente: a excelência da Comunidade, a paz da Comunidade, a contenção do desavergonhado, o conforto dos *bhikkhus* bem comportados, a contenção das (impurezas) relacionadas com a vida presente, a prevenção das (impurezas) relacionadas com a próxima vida, a estimulação da fé, o estabelecimento do Dhamma verdadeiro e o encorajamento da disciplina.”
(BMC p.5)

Circunstâncias posteriores podem ter exigido que o Buda fizesse emendas ou exceções especiais e o regramento então teria sido ajustado de acordo [xxxiv](#). Existem várias outras ofensas menores mencionadas nos textos originais em Pali que foram aumentadas pelos Comentários que vieram mais tarde. Assim, o conjunto de regras se tornou muito extenso e a sua observância e interpretação igualmente vasta.

(*) Observe que foi sempre a crítica das pessoas leigas que levou as transgressões dos *bhikkhus* à atenção do Buda. Por outro lado, note também como tal crítica frequentemente era rapidamente estendida a todos os monges ao invés de se restringir ao monge transgressor.

Modernização? Os Grandes Critérios

Mais de dois mil e quinhentos anos se passaram desde que as regras do Vinaya foram originalmente estabelecidas pelo Buda, e desde então muitas coisas mudaram notadamente. As regras deveriam ser modernizadas e atualizadas? Como isso poderia ser feito?

Enquanto vivo, o Buda já havia levado em consideração as distintas regiões (ou *desa*) que estavam fora da “Região Central” do norte da Índia – onde Ele viveu e ensinou. Isso visava lidar tanto com o funcionamento da Comunidade – por exemplo, a permissão de um quórum menor para a ordenação em locais distantes onde existiam menos monges – como com medidas práticas, tais como permissão especial para calçado e banho. (Veja EV, II, p.173) Assim, existe um precedente para uma adaptação às condições, mas isso não significa a abolição de nenhuma das regras [veja [Nota 6](#)].

O Buda deixou também um conjunto de princípios que podem ainda ser usados como um critério para julgar novas circunstâncias [xxxv](#). Eles são conhecidos como “Os Grandes Critérios”. Usados de maneira apropriada, eles deveriam proteger contra a diluição indiscriminada do Regramento [xxxvi](#).

Assim é como os Grandes Critérios são formulados:

“Bhikkhus, o que quer que seja que eu não tenha objetado, dizendo, ‘Isso não é permitido’, se se encaixar com o que não é permissível, se for contra o que é permissível, isso não é permitido para vocês.

O que quer que eu não tenha objetado, dizendo, ‘Isso não é permitido’, se se encaixar com o que é permissível, se for contra o que não é permissível, isso é permitido para vocês.

E o que quer que eu não tenha permitido, dizendo, ‘Isso é permitido’, se se encaixar com o que não é permissível, se for contra o que é permissível, isso não é permitido para vocês.

E o que quer que eu não tenha permitido, dizendo, ‘Isso é permitido’, se se encaixar com o que é permissível, se for contra o que não é permissível, isso é permitido para vocês.” (BMC p.27; veja também EV, II, p170)

(*) Tratado com cuidado, esses Grandes Critérios deveriam capacitar os *bhikkhus* que vivem, por exemplo, em comunidades isoladas em países não Budistas com climas não tropicais, agir de acordo com as Regras do Vinaya. Eles formam o discernimento para as condições e situações modernas.

Severidade e Culpar os Outros

Entre os não iluminados criticar os outros (ao invés de cuidar dos próprios problemas) parece sempre ser uma das tendências mais habituais. Somos capazes de distorcer qualquer coisa que queiramos com esse propósito. (Incluindo o livro que você está lendo). Para os *bhikkhus* existem várias advertências:

"... aqueles (monges) que seguem o Vinaya cegamente ... tendem a ser orgulhosos e arrogantes em relação a si mesmos como mais bem comportados e mais cuidadosos do que os outros, desprezando os outros *bhikkhus* como inferiores.

Isso por si mesmo é impróprio e digno de censura; e quando esse *bhikkhu* tiver que se associar com outros que ele sinta serem deficientes na observação do Vinaya, ele o fará com aversão e com um sentimento de desgosto, trazendo assim ainda mais problemas para si mesmo.

Quanto ao *bhikkhu* que se comporta de maneira correta, com certeza vai se sentir contente porque sabe que seu comportamento é apropriado." (OP p.11)

"Ele permanecerá tolerante e em perfeita harmonia com todos que seguem práticas distintas das suas em assuntos não cobertos claramente pelo Vinaya..." (AB)

Interpretações despropositadas das regras do Vinaya podem levar comunidades distintas a afirmar que somente o seu entendimento é correto e que todos os demais estão errados. (Veja [Disputas](#)). O Código Monástico Budista tem isso a dizer:

"Existe, é claro, um perigo em ser muito independente na interpretação da tradição, no fato de que opiniões fortemente defendidas podem levar desarmonia para uma Comunidade... Ao mesmo tempo, ... existem várias áreas em que o Vibhanga (seção do Vinaya) não é claro e se presta a uma variedade de interpretações igualmente válidas. Como prova disso, nós só precisamos olhar para as várias tradições que se desenvolveram em diferentes países Theravada e mesmo dentro de cada país. Por alguma razão, embora as pessoas tendam a ser muito tolerantes em relação às distintas interpretações do Dhamma, elas podem ser muito intolerantes com as diferentes interpretações do Vinaya podendo entrar em discussões acaloradas sobre pontos insignificantes tendo muito pouco a ver com o treinamento da mente."

Venerável Thanissaro enfatiza:

"...qualquer interpretação baseada numa leitura ponderada do Cânone em Pali deveria ser respeitada: que cada *bhikkhu* deveria seguir as interpretações da Comunidade na qual ele estiver vivendo, contanto que elas não conflitem com o Cânone, evitando assim conflito sobre questões menos importantes na vida

diária; e que ele deveria também mostrar respeito pelas distintas interpretações de outras Comunidades onde elas também não conflitem com o Cânone, para evitar as armadilhas do orgulho e da mente estreita.” (BMC p.15)

(*) No Ocidente moderno nós nos encontramos na situação incomum (única?) [xxxvii](#) de ter mosteiros Budistas e templos de tantos países e tradições diferentes tão próximos e ao nosso alcance. Nós deveríamos apreciar essa abundância e variedade, decidindo qual estabelecimento satisfaz as nossas necessidades e não nos preocuparmos com os defeitos de outros lugares.

Terceira Parte

As Regras do Patimokkha

Depois de estabelecer o conteúdo básico, nós agora abordaremos as regras propriamente ditas. Ao invés de seguir a lista tradicional, agruparemos as regras (de diferentes graus de gravidade) sob quatro títulos, que podem dizer respeito às pessoas leigas ou ser de seu interesse:

1. Inofensivas
2. Relacionamentos
3. Possessões e Oferendas
4. Modo de vida correto para um *Bhikkhu*
5. Diversos

Para outras Regras do Patimokkha não mencionadas aqui, veja o [Apêndice B](#)

(I) Ser Inofensivo

(*) Em toda a sua história, o Budismo tem sido reconhecido por sua tolerância e compaixão para com todos os seres vivos e isso está refletido no Vinaya dos monges Budistas. A suas regras cobrem situações que causam dano, estendendo-se desde o assassinato – que é aceito universalmente como um crime – até coisas tais como destruir a vida vegetal.

Assassinato

A terceira Ofensa Derrotadora (*Parajika*) trata de assassinato. A história original descreve como alguns *bhikkhus* entenderam incorretamente o ensinamento de meditação do Buda sobre aspectos repulsivos do corpo [xxxviii](#) e, caindo no

entendimento incorreto, cometeram suicídio ou pediram para alguém terminar com a vida deles. A regra pode ser sumarizada assim:

“Causar intencionalmente a morte de um ser humano, ainda que de um feto, é [uma ofensa de Derrota] (Sumário parág.3; BMC p.78)

(* Um *bhikkhu* não deve recomendar assassinato, suicídio ou mesmo ajudar arranjar um assassinato [xxxix](#). Inclusive, porque nessa regra um ser humano é definido como tal a partir do seu estado de feto, contando “a partir do momento em que a consciência surge no útero materno”, ele não deve aconselhar ou arranjar que ocorra um aborto.

Não existe ofensa se a morte for causada acidentalmente ou sem intenção [xl](#).

Matar

A ofensa anterior era de Derrota por assassinato enquanto que esta regra é de Confissão (*pacittiya*) por matar animais. Ela surgiu originalmente por causa do Venerável Udayin, um delinquente frequente que detestava tanto os corvos que ele atirava neles com flexas e depois exibia as suas cabeças cortadas.

“Matar um animal deliberadamente – ou fazer com que o matem – é [uma ofensa de Confissão]”. Sumário Pac. 61; BMC p.423)

‘Animal aqui é *pāno*, literalmente ‘que tem respiração’. O Comentário explica que isso inclui seres vivos até o tamanho de um percevejo. Em outras partes os textos proibem que se mate “até mesmo uma formiga”.

(* Um dos requisitos dos *bhikkhus* é o filtro de água, usado para evitar matar criaturas (visíveis) presentes na água ao fazer uso da água de um poço ou riacho. Na prática, isso também leva os *bhikkhus* a tomarem o cuidado extra de cobrir jarras ou mudar regularmente a água para que larvas de mosquitos não tenham a oportunidade de se reproduzirem. Isso mostra como as Regras do Vinaya enfatizam o cuidado e a premeditação como ‘medicina preventiva’.

Existem duas regras que tratam dos *bhikkhus* e o uso de água.

Uma dessas ofensas foi perpetrada pelo conhecido ‘grupo dos seis’ monges que usava água que continha seres vivos. Ela pode ser resumida:

“Usar água, sabendo que contém seres vivos que morrerão devido ao seu uso, é [uma ofensa de Confissão.]” (Pac.62; BMC p.424)

Na segunda ofensa os monges de Alavi estavam fazendo reparos e ‘regaram a grama e a terra’ com água que eles sabiam conter vida. Em resumo:

“Se um *bhikkhu* sabe que a água contém seres vivos, mas ainda assim, ele a despeja na grama ou terra é [uma ofensa de Confissão.] Assim também, verter – ou ter vertido – nessa água qualquer coisa que irá matar seres vivos ali presentes é [uma ofensa de Confissão.]” (Pac.20;Veja BMC p. 319)

Intenção é um fator essencial aqui. Por exemplo, se um *bhikkhu* só pretende varrer um caminho, mas acidentalmente mata formigas no processo, não existe ofensa porque não é intencional. No entanto, mandar matar um animal, e conseguir que ele seja morto, é uma ofensa. (Igualmente, se ele suspeitar que um animal foi morto para lhe fornecer comida, é uma ofensa comê-la. Veja [Ingestão de Carne](#)).

Destruir Vegetação

(*) A crença usual no tempo do Buda era de que as plantas (e mesmo o solo) tinham ‘o direito à vida.’ Hoje nós temos crenças ‘verdes’ que são em geral equivalentes – pelo menos elas parecem levar quase que às mesmas atitudes [xli](#). (Na Tailândia, os monges da floresta são bem conhecidos como os melhores protetores da floresta.)

A décima primeira ofensa de Confissão diz respeito à destruição da vida de uma planta. Ela se originou porque um *bhikkhu* ofendeu o ‘direito à vida’ cortando uma árvore apesar do *deva* da árvore [xlii](#) ter pedido para parar, que foi reclamar com o Buda. Esse comportamento causou a desaprovação dos leigos e uma regra foi estabelecida:

"Destruir ou prejudicar intencionalmente uma planta viva é [uma ofensa de Confissão.] (Sumário Pac. 11; Veja BMC p.2940)

Portanto, destruir uma planta viva – por exemplo, derrubar uma árvore, desarraigar uma flor, queimar capim – é uma ofensa de Confissão; como é também colher fruta de uma árvore, uma flor de um arbusto, etc. É uma ofensa de transgressão (*dukkata*) prejudicar ou destruir sementes férteis ou sementes de frutas ou mudas viáveis. (Veja [A Oferenda de Frutas: Kappiya](#)).

(*) Os *bhikkhus* que vivem em mosteiros situados nas florestas tropicais constantemente têm de proteger a floresta e a si próprios. Quando os caminhos estão crescidos, cobras e outros animais como aranhas, formigas, podem ser pisoteados – e por isso, reagir mordendo! Pode também haver necessidade de desmatar para deixar uma faixa de terra limpa para impedir o alastramento de incêndio. A maneira pela qual os monges da floresta lidam com essa situação é através da rotina diária de varrer os caminhos. No entanto, eles não têm permissão de cavar ou limpar a terra.

A décima ofensa de Confissão surgiu quando *bhikkhus* cavaram o solo e conseguiram que outros cavassem também, e os moradores locais criticaram-nos por que eles consideravam que a terra tem direito à vida. A regra é expressada assim:

“Se um *bhikkhu* cavar o solo ou conseguir alguém que o faça, isso é [uma ofensa de Confissão.]” (Pac.10; BMC p.29)

Cavar, romper a superfície do solo, colocar fogo, bater uma estaca no chão, são todos declarados como não permitidos. (Se essa ‘terra’ for mais pedregulho ou areia do que ‘terra’ para cultura – e ali não houver criaturas vivas – poderá ser cavada).

(*) É, no entanto, permitido para os monges dar dicas para os leigos ou noviços sobre o que precisa ser feito, contanto que as palavras ou gestos não cheguem a ser uma ordem.

Quando os *bhikkhus* necessitarem que os caminhos sejam roçados, que um trabalho no solo, ou uma queimada seja feita, etc., qualquer pessoa leiga que queira ajudar deverá estar atenta para as dicas e indicações: “Um buraco cavado para um poste seria muito útil ali”; “tornar este solo mais aceitável”, etc. O que precisar ser feito poderá então ser esclarecido.

(*) Um efeito prático e de longa duração dessas regras é que elas afastaram os *bhikkhus* do envolvimento com a agricultura e com a posse da terra. A consequência disso seria o isolamento dos *bhikkhus* da comunidade leiga, porque eles não mais teriam necessidade de depender da comida oferecida.

(II) Relacionar-se

Os *bhikkhus* não podem viver isolados dos leigos pois o relacionamento de suporte mútuo é inerente ao seu estilo de vida. No entanto, não deveria nunca se tornar um relacionamento íntimo, pois isso vai contra todo o propósito do abandono da ‘vida em família’ com as infundáveis complicações que isso acarreta [xliii](#).

A ‘Vida Santa’ ou *brahmacariya* é um fator que inibe a demonstração do desejo sexual através das ações e fala do *bhikkhu*. (Na verdade, a abstenção da conduta sexual imprópria já é parte dos Cinco Preceitos. Os Oito e Dez Preceitos o refinam ainda mais e o Vinaya lida com isso com uma sutileza ainda maior.

A vida de uma pessoa no Dhamma pode então avançar em direção ao fim de todo o desejo através do desenvolvimento da mente e da meditação. O objeto mais potente para esse desejo sexual, aquele que a mente está agarrando mais tenazmente está frequentemente associado com o sexo oposto, então muitas regras envolvem esse relacionamento [xliv](#).

Relação Sexual

(*) A primeira ofensa de todas as 227 regras listadas no *Patimokkha* se refere a um *bhikkhu* que se envolve num relacionamento sexual. Esse é um assunto que permanece controverso, talvez ainda mais nos dias de hoje, tomando o número de escândalos sexuais que agitam o mundo religioso Budista tanto no Oriente como no Ocidente. Como o Venerável Thiradhammo escreve:

“Enquanto algumas normas podem parecer um pouco rígidas ou puritanas, é importante refletir na volatilidade e durabilidade do rumor, mesmo que falso. Os escândalos sexuais incessantes nos círculos religiosos podem fornecer incentivo suficiente para encorajar a medida mais severa de prevenção e discipulação.” (HS ch.13)

A regra foi estabelecida originalmente por causa do Venerável Sudinna. Ele era filho de um rico comerciante, que deixou a sua casa para se tornar um *bhikkhu* apesar da grande oposição da sua família. Ele partiu para praticar o Dhamma e quando voltou para visitar a família um tempo depois, seus pais ficaram cheios de alegria ao vê-lo e planejaram atraí-lo para a vida leiga novamente. Eles o convidaram para uma refeição e expuseram a sua fortuna diante dele, empilharam ouro em dois montes enormes enquanto a esposa que ele havia deixado se vestiu da maneira mais irresistível para atraí-lo. O Venerável Sudinna permaneceu impassível diante de tudo isso. Depois de dizer-lhes para jogar o ouro no rio, ele chamou a sua ex-esposa de, “Irmã”. No entanto, quando a sua mãe idosa implorou que lhe desse um herdeiro, ele cedeu tolamente e teve relacionamento sexual com a sua ex-esposa.

Essa Primeira Ofensa de Derrota é resumida assim:

“Um bhikkhu que se envolve em qualquer forma de relação sexual é Derrotado.”
(Par. 1, Veja MC p. 45)

Qualquer forma e variedade de relação sexual com penetração sexual – seja genital, oral ou anal, seja com mulher, homem ou animal – é proibida. A punição é a mais séria de *Parajika* ou Derrota.

Intimidade — O Contato Físico

(*) O Ocidente moderno tem histórias de assédio sexual, então os modos pelos quais o Buda tratou esses assuntos não deveria parecer assim tão estranho.

Se um *bhikkhu* toca uma mulher sexualmente, ele comete uma ofensa muito séria que requer reuniões formais da Comunidade e um período em que seu comportamento será observado (*Sanghadisesa*). O *bhikkhu* escrupuloso que quer se manter acima de suspeita evitará todo e qualquer contato. Por conseguinte a sua

atitude evitando o aperto de mãos ao cumprimentar. Isso também explica porque na Tailândia um tecido é usado para receber oferendas das mulheres. (Veja EN 85)

A regra foi primeiro estabelecida pelo Buda depois que um brâmane e sua mulher tinham ido inspecionar a excelente habitação do Venerável Udayin.

Quando o Venerável Udayin estava mostrando o lugar, ele veio por trás da senhora e “se esfregou nos membros dela”. Depois que eles saíram, o marido elogiou o Ven. Udayin, mas a esposa foi crítica e explicou o que havia acontecido. O brâmane então se queixou, “será que não é possível uma pessoa levar a esposa ao monastério sem que ela seja molestada?” Essa regra foi então estabelecida:

“Se qualquer *bhikkhu*, tomado pelo desejo com a mente alterada, se envolver em contato corporal com uma mulher ou segurar a mão dela, segurar uma mecha do cabelo dela, ou acariciar qualquer dos seus membros, como consequência haverá uma reunião inicial e subseqüentes reuniões da Comunidade.” (Sangh.2, BMC p.100)

Para estar em falta, usualmente o *bhikkhu* precisa praticar alguma ação fazendo contato com uma mulher enquanto o desejo subjuga a sua mente [xlv](#). Se ele acidentalmente tropeça e dá de cara com uma mulher ou vice-versa ou se ele é abordado por uma mulher, contanto que não haja intenção de um contato luxurioso, não existe ofensa. Entretanto, no geral a mente do *bhikkhu* tende a ser tão rápida e difícil de ser controlada – ele está, afinal das contas, ainda em treinamento e, portanto, não iluminado – que ele pode preferir ser ultra-cauteloso nessas situações.

Se um *bhikkhu* tocar a sua mãe por afeição, assim mesmo isso se constitui numa ofensa, mas uma transgressão menor (*dukkata*) [xlvi](#). Enquanto gratidão para com os pais era fortemente enfatizada pelo Buda, o *bhikkhu* que deixou a vida em família não deveria se apegar aos relacionamentos mundanos. O único modo verdadeiro dele cumprir suas obrigações de filho é através do ganho de insight no Dhamma e aí, ensinar os seu pais.

Se um *bhikkhu* agir com intenções luxuriosas ao fazer contato corporal com um *pandaka* (sexo aberrante), ele incorre numa grave (*tullaccaya*) ofensa, uma ofensa de transgressão ao fazer contato com uma pessoa do sexo masculino. (Veja BMC p.103)

(*) As regras anteriores tratam de ações físicas do *bhikkhu*, as duas regras seguintes são ofensas – novamente categorizadas como muito sérias – concernentes à fala incorreta do *bhikkhu* para com mulheres.

Flertar

Essa regra nasceu quando um grande número de mulheres visitantes vieram juntas examinar a habitação do Ven. Udayin. Ele falou com elas de um modo lascivo e coquete tanto que algumas delas disseram dele: “É impróprio. Mesmo de nossos maridos nós não gostaríamos de ouvir esse tipo de coisa.” Por isso, o Buda estabeleceu essa regra:

“Se um *bhikkhu*, tomado pelo desejo, com a mente alterada, dirigir palavras lascivas para uma mulher, como um jovem diria a uma jovem aludindo a uma relação sexual, como consequência haverá uma reunião inicial e reuniões subsequentes da Comunidade.” (Sangh.3; BMC p.110)

Proposições e/ou Insinuações

(*) A seguinte regra é muito relevante nos dias de hoje quando alguns erroneamente acreditam que entregar-se ao sexo com mestres espirituais pode ajudar no desenvolvimento da sua prática espiritual.

Novamente, foi originalmente o lascivo Ven. Udayin que causou essa ofensa. Dessa vez, ele sugeriu a uma devota e bonita seguidora que ela lhe fizesse uma "oferenda especial" de sexo. O Buda então então anunciou esta regra:

"Dizer a uma mulher que ela se beneficiaria de um relacionamento sexual com um *bhikkhu* é [uma ofensa que requer uma reunião inicial reuniões e subsequentes da Comunidade.]" (Resumo [xlvi](#) da regra Sangh. 4; BMC p.117)

Atuar como Casamenteiro

(*) O principal assunto hoje em dia parece estar mais centrado em torno do divórcio e da decadência do casamento do que no arranjo de casamentos. Entretanto, deve-se notar como esses casos podem envolver um *bhikkhu* e como ele deveria estar atento para não se deixar atrair muito por isso. (É importante notar que esta é considerada uma das mais sérias ofensas.)

O Ven. Udayin foi a causa dessa regra ser estabelecida porque ele se envolveu no arranjo de vários casamentos e concubinatos. Quando alguns desses relacionamentos falharam, eles o culpavam pelo fracasso. A ofensa sumarizada:

"Se um *bhikkhu* se envolver na transmissão das intenções de um homem para uma mulher ou nas intenções de uma mulher para um homem – mesmo que para um relacionamento temporário – como consequência haverá uma reunião inicial e reuniões subsequentes da Comunidade." (Sangh. 5, BMC p.117)

Um *bhikkhu* não deve officiar num casamento [xlvi](#), exceto talvez, recitar uma bênção após a cerimônia e encorajar o casal recém-casado a levar juntos uma vida virtuosa, fiel, baseada na generosidade, virtude e meditação. Ele tem também que ser circunspecto ao aconselhar casais. (Não existe ofensa em reconciliar um casal separado, contanto que eles ainda não estejam divorciados).

Estar Sozinho com uma Mulher

(*) Um *bhikkhu* não só tem de ser impecável, mas deve também ser visto assim. Ele é um exemplo para todos e portanto deve estar acima de qualquer crítica. Qualquer situação duvidosa deve ser esclarecida, que é como as próximas regras surgiram. Algum entendimento dessas regras pode também ajudar a explicar a atitude antissocial de alguns *bhikkhus*. (Quando os *bhikkhus* ficam relutantes de entrar numa conversa particular, isso pode ser reflexo da hora e lugar inapropriados para esse encontro.)

Existem dois aspectos particulares a essas regras: proximidade física e conversa em particular (veja [Falar em Particular](#)). Se uma mulher vê um monge que está sentado sozinho e ela quer sentar-se próxima dele ou quer ter uma conversa um-a-um com ele, as seguintes regras têm que ser levadas em conta.

Primeiro, as regras que lidam com a proximidade íntima:

Os dois *Aniyata*, casos indeterminados ou indefinidos, foram formulados depois que o Ven. Udayin foi visitar uma mulher jovem recém-casada. Ele sentou com ela em particular, num lugar isolado, só os dois e falaram de assuntos mundanos. Visakha, mulher respeitada, discípula leiga, os viu sentados nesse lugar e disse ao Ven.

Udayin,

“Isso é impróprio Ven. Senhor, é inadequado que o mestre sente privadamente desse modo. Ven. Senhor, o mestre pode não ter nenhum desejo por um relacionamento sexual, mas há pessoas incrédulas que são difíceis de convencer.”

O Buda portanto estabeleceu essa regra:

“Se um *bhikkhu* sentar privadamente, sozinho com uma mulher, num local isolado o suficiente que se preste (ao ato sexual), de modo que uma mulher, discípula leiga, cuja palavra possa ser confiável, [xlix](#) tendo visto (os dois), possa descrevê-lo como constituindo um dos três casos – envolvendo ou a Derrota, ou [uma Reunião da Comunidade], ou [a Confissão] – então o *bhikkhu* reconhecendo ter sentado (nesse lugar), pode ser punido por qualquer um dos três casos ... ou ele pode ser punido por qualquer que seja o caso que a discípula leiga descreva. Esse caso é indeterminado.” *Aniyata* 1; BMC p.157)

A Segunda Ofensa Indefinida é similar à primeira, exceto pelo lugar que é menos retirado e portanto não apropriado para relações sexuais, embora ainda pudesse ser

um local para outras ofensas sexuais, como “falar palavras lascivas para uma mulher.”

(*) Quando um *bhikkhu* intencionalmente senta-se sozinho com uma mulher num lugar isolado ou em particular (como nas duas regras acima) isso pode levar a um comportamento íntimo ou pelo menos a equívocos por parte de espectadores inesperados. Para prevenir esses problemas, um *bhikkhu* necessita de um companheiro ou ‘acompanhante’¹.

Um lugar ‘isolado’ é onde um monge e uma mulher podem sentar (ou deitar) juntos num assento que esteja escondido da vista, fora do alcance da voz, por exemplo, uma sala íntima ou atrás de um muro ou cerca viva. Em tais circunstâncias, um homem ou menino com idade suficiente para entender o que é conduta imprópria deve estar presente como acompanhante. Entretanto, se uma mulher – ou mulheres, pois de acordo com essa regra em particular (*Aniyata1*) não importa quantas sejam – vê um *bhikkhu* sentado sozinho em um lugar bastante isolado, ela deveria se lembrar dessa regra e não ir sentar com ele, mas sim, esperar uma hora mais apropriada ou mesmo deveria encontrar uma pessoa do sexo masculino para servir como acompanhante.

Um lugar menos isolado, mas ainda considerado ‘um lugar privado’ (*Aniyata 2*) seria, por exemplo, um banco num parque deserto ou num pórtico envidraçado, ou qualquer outro lugar que seja privado, mas não isolado, retirado o suficiente para relações sexuais. (BMC p.389) Nesse caso, o Comentário permite o acompanhante ser ou do sexo masculino ou feminino, mas deve ser alguém que conheça ‘o que é e o que não é lascivo’ e eles devem estar ‘ao alcance dos olhos.’ No entanto, se o monge e a mulher estão juntos conversando, o acompanhante deve ser do sexo masculino devido à regra relevante sobre isso (Veja [Falar em Particular](#)).

(*) As seguintes ‘Regras de Confissão’ se conectam com as ‘Regras Indefinidas’ acima. (Veja as explicações acima para as definições de ‘isolado e um lugar privado.’)

A quadragésima quarta Ofensa de Confissão originou-se quando o marido de uma mulher denunciou Ven. Upananda por sentar-se sozinho em um ‘lugar isolado’ com a sua mulher. A regra:

"Sentar ou deitar com uma mulher ou mulheres em um local privado e isolado sem que nenhum homem esteja presente é [uma ofensa de Confissão.] (Pac. Resumido 44; BMC p.385)

A próxima Ofensa de confissão continua com o Ven. Upananda, dessa vez, sendo pego sentado sozinho com a mulher de um homem em um ‘lugar privado’. Dessa vez a regra é:

"Se um *bhikkhu* se sentar em lugar privado, sozinho com uma mulher ^{li}, é [uma ofensa de Confissão.] (Pac. 45; BMC p.389)

Portanto, tal como com as Ofensas Indefinidas acima, existe a necessidade de ter um acompanhante presente.

Falar em Particular

(*) As regras anteriores trataram de proximidade física, enquanto que essa próxima regra diz respeito a um *bhikkhu* e uma mulher falando em particular. Pode parecer estranho que uma regra deva proibir completamente entrevistas confidenciais com um *bhikkhu* sozinho. Contudo, se uma pessoa reflete em como as coisas deram errado com tais aconselhamentos espirituais em particular, é fácil ver que é melhor se assegurar do que lamentar depois – para o bem de cada um envolvido. Mesmo que a conduta deles seja completamente pura, ela ainda assim pode levar a boatos e críticas [lii](#).

A sétima ofensa de Confissão surgiu quando o Ven. Udayin foi visitar patrocinadores leigos. Ele sentou próximo de uma mãe de família na porta da frente, ensinando-lhe o Dhamma de uma maneira calma, e confidencial, depois ele se aproximou da nora que estava na porta ao lado e falou com ela do mesmo modo. Ambas as mulheres erroneamente pensaram que ele estava flertando com a outra e o criticaram, dizendo que o Damma deveria ser dado de uma maneira clara e aberta. Como resultado, o Buda finalmente estabeleceu a regra:

"Ensinar mais do que seis sentenças [*vaca*] do Dhamma a uma mulher, exceto em resposta a uma questão, é [uma ofensa de Confissão] a menos que um homem instruído esteja presente.' (Pac.7 Resumido; BMC P.285)

Existem interpretações distintas para o que quer dizer exatamente "seis sentenças," pois a palavra em Pali *vaca* pode significar 'palavra' ou 'discurso' [liii](#). Mesmo que existam muitas mulheres, mas nenhum homem, ainda assim é considerado uma ofensa.

☐

(*) Pode-se ver pela origem dessa regra que o objetivo (novamente) não é que a mulheres não possam receber ensinamentos do Dhamma, mas que deveria ser feito de uma maneira que seja completamente aberta e acima de interpretações errôneas.

Hospedar-se Juntamente com Mulheres

(*) A próxima regra trata da proximidade dos *bhikkhus* em relação às mulheres à noite. Existem interpretações distintas dessa regra e como é uma pergunta frequentemente feita, traduções adicionais com alguma discussão serão incluídas.

Essa regra originalmente surgiu quando o Ven. Anuruddha – um dos discípulos mais realizados do Buda – estava viajando e pediu a uma mulher que possuía uma pousada para viajantes, se ele poderia passar a noite ali. Ela prontamente concordou

e quando mais viajantes chegaram e o Ven. Anuruddha permitiu que eles compartilhassem do quarto dele, ela o convidou para ir dormir dentro da casa dela. Ela tinha na verdade se apaixonado por ele e tentava seduzi-lo. Quando ela viu que o Ven. Anuruddha ficou imperturbável, percebendo o seu erro, pediu que ele a perdoasse. O Ven. Anuruddha então fez uma palestra do Dhamma que a agradou tanto que ela tomou refúgio na Jóia Tríplice.

Aqui estão algumas traduções [liv](#):

"Se um *bhikkhu* dormir num lugar fechado por uma parede ou sob o mesmo teto que uma mulher, ainda que por uma noite, é uma [ofensa de Confissão.]" (Pac.6; Nv p.14)

"Um monge que se deita com uma pessoa do sexo feminino num mesmo edifício, sob o mesmo teto, fechado por paredes, que estejam completas ou quase completas, comete [uma Ofensa de Confissão.] (Pac. 6; BBC p.120)

"Deitar-se ao mesmo tempo e no mesmo alojamento com uma mulher é [uma ofensa de Confissão.]" (Pac.6; BMC p.280)

Existem complicações em relação a como essa regra deveria ser aplicada nos tempos modernos, por exemplo:

"As casas em climas tropicais são frequentemente construídas sem o sistema de portas e quartos encontrados em climas mais frios, daí a importância dessa regra. O *bhikkhu* obrigado a ficar em casas do tipo Ocidental com quartos trancáveis em lugares onde não existe nenhum [mosteiro], como algumas vezes deve acontecer durante o Dhammaduta [Propagação do Dhamma], dificilmente poderia ser incluído neste caso" (Pât. Ed.1966; p106)

"O Comentário (*samantapasadika*) explica ainda que quando existem vários cômodos numa única construção – como num bloco de apartamentos – o ‘mesmo local para dormir’ são apenas aqueles quartos que têm uma ‘entrada’ (*upacara*) comum. Ele continua explicando que uma ‘entrada’ é onde uma pessoa lava os seus pés antes de entrar no conjunto de cômodos. Agora, cada apartamento, habitualmente, tem um capacho no qual a pessoa limpa os pés antes de entrar e, portanto, seguindo o Comentário, o capacho marca a ‘entrada’ (*upacara*) de um ‘mesmo local para dormir.’ Em outras palavras, apartamentos separados se tornam locais para dormir separados para o propósito desta regra." (AB) [lv](#)

Assim, existem interpretações distintas para o que exatamente significa ‘mesmo local.’ Por exemplo, uma porta com tranca faz de um cômodo um local separado? O Comentário sugere que se um prédio for dividido em unidades que não são ligadas e cada um tem uma entrada separada, aí, cada unidade conta como um ‘local’. Portanto, blocos de apartamento seriam permitidos. E hospitais?

No Ocidente, onde existem poucos mosteiros, *bhikkhus* visitantes têm que decidir como seguir essas regras. Não é só a questão de ser rigoroso, mas também sobre como os leigos veriam isso. Eles ficariam inclinados a suspeitar de um *bhikkhu* que estivesse muito próximo de mulheres? Como eles se sentiriam se ele ficasse num quarto de hotel caro? Um bom critério provavelmente será:

"...desde que o Cânone não dê uma orientação clara nesse ponto, a política sábia para um *bhikkhu* é seguir o entendimento da Comunidade à qual ele pertence."
(BMC p.274)

Viajar Junto

O próximo ponto a tratar é o *bhikkhu* viajando com uma mulher. Essa é também uma questão muito prática, sempre alvo de perguntas.

No tempo do Buda, um *bhikkhu* estava para sair de viagem quando ele encontrou uma mulher que tinha acabado de ter uma briga com o seu marido. Ela perguntou onde ele estava indo e se ela poderia acompanhá-lo. Ele concordou. O marido então apareceu procurando pela sua esposa. Ele ouviu que ela tinha saído com um monge e ele entendeu que eles eram amantes, assim quando alcançou os dois ele espancou o *bhikkhu* antes que qualquer explicação fosse dada. Quando o marido percebeu seu erro ele se desculpou com o *bhikkhu*. Portanto, essa regra foi estabelecida:

"Viajar com uma mulher, tendo sido combinado, de um vilarejo para outro é [uma ofensa de Confissão.]" (Pac. Resumido 67; BMC p.434)

(*) A prática moderna difere de acordo com a Comunidade, assim mulheres leigas devem manter essa regra em mente quando tiverem que organizar o transporte para um *bhikkhu* [lvi](#), ou tiverem indo para o mesmo lugar que ele. A relutância de um *bhikkhu* em combinar essas viagens pode também ser explicada por essa regra.

"...parece razoável, como existe alguma incerteza, [quanto à aplicação dessa regra a mais do que um monge e uma mulher somente,] haver uma tolerância maior permitindo uma viagem com uma ou mais mulheres, contanto que exista pelo menos uma pessoa do sexo masculino acompanhando o monge, e a viagem não seja longa. Por exemplo, uma mulher dirigindo dois monges no carro dela para um evento ao qual eles foram convidados, num vilarejo próximo, não parece mais repreensível do que dois monges sentados falando do Dhamma para as mulheres, mas duas mulheres dirigindo pela Austrália com dois monges poderia ser uma razão para preocupação." (AB)

(III) Possessões e Oferendas

O termo '*bhikkhu*' é traduzido como 'mendigo' ou 'mendicante'. Ele é alguém que depende de outras pessoas para as suas necessidades materiais. Esse relacionamento de 'modo de vida correto' incorre em responsabilidades: o *bhikkhu* deve receber e usar as oferendas imediatamente, enquanto que o devoto leigo deveria fazer as oferendas materiais de maneira correta e receber os ensinamentos do Dhamma de maneira correta. (Veja também [Modo de Vida Incorreto](#)). O leigo dá ajuda material, que o *bhikkhu* recebe apropriadamente e usa na sua prática do Dhamma para que possa no devido tempo retribuir com a 'mais alta das oferendas' – o Dhamma.

As necessidades adequadas de um *bhikkhu* e como elas são fornecidas são amplamente tratadas nas Regras do Vinaya. Se todos o *bhikkhus* fossem iluminados, nós obviamente precisaríamos de poucas normas. Entretanto, a maioria dos monges estão ainda no processo de aprendizagem de como erradicar a cobiça, a raiva e a delusão, assim o mau uso das 'possessões' pode facilmente levar a estados mentais inábeis.

Os Quatro Requisitos: O que um *Bhikkhu* Necessita?

O Buda disse que existiam quatro requisitos na vida – vestimenta, comida, moradia e medicamentos – e que eles têm de ser tratados corretamente:

“Refletindo de maneira sábia, ele usa o seu manto somente para proteção do frio, para proteção do calor, para proteção das moscas, mosquitos, vento, sol e criaturas rastejantes e somente com o propósito de ocultar as partes íntimas”.

“Refletindo de maneira sábia, ele não usa os alimentos esmolados nem para diversão nem para embriaguez, tampouco com o objetivo de embelezamento e para ser mais atraente, somente com o propósito de manter a resistência e continuidade desse corpo, como forma de dar um fim ao desconforto e para auxiliar a vida santa, considerando: ‘Dessa forma darei um fim às antigas sensações (de fome) sem despertar novas sensações (de comida em excesso) e serei saudável e sem culpa e viverei em comodidade.”

“Refletindo de maneira sábia, ele usa a sua moradia somente para proteção do frio, para proteção do calor, para proteção do contato com moscas, mosquitos, vento, sol e criaturas rastejantes e somente com o propósito de evitar os perigos do clima e para desfrutar do isolamento”.

“Refletindo de maneira sábia, ele usa medicamentos somente para proteção contra sensações aflitivas que já surgiram e para se beneficiar da boa saúde. [OPpp.46-47; (Pali:M.0,10;A.III,387)]

Vestimenta, comida, abrigo e medicamento são necessários tanto para um leigo como para um *bhikkhu*. O *bhikkhu*, no entanto, deve ter uma postura completamente

equilibrada em relação a esses essenciais. Propaganda e a última moda não devem atraí-lo, pois ele deve estar unicamente voltado para a simplicidade e desapego em relação às coisas [lvii](#). Parece que os requisitos originais eram ‘básicos’, os quais os *bhikkhus* perambulantes poderiam convenientemente carregar consigo, por exemplo, a tigela de comida, três mantos, o pano de sentar, uma caixa com agulha e uma faixa de amarrar na cintura. Entretanto, itens adicionais foram gradualmente dados à medida que a necessidade surgiu, por exemplo, um filtro de água, uma navalha com a sua capa protetora, a pedra e o couro para afiá-la e depois artigos tais como um guarda-chuva e sandálias. Mais tarde, os comentários permitiram outros itens similares.

Um *Bhikkhu* Pede Esmola?

O Buda deixou claro que os *bhikkhus* deveriam evitar pedir esmolas. (Em tempos de grande necessidade um *bhikkhu* tem permissão para pedir seus requisitos básicos, por exemplo, se os seus mantos forem roubados, ele pode pedir para qualquer pessoa leiga um manto para repor a perda). Ele contou esta história sobre “mendicância”:

Um *bhikkhu* veio até o Buda e se queixou sobre um bando de pássaros barulhentos que se empoleiraram à noite perto do lugar onde ele estava vivendo. O Buda sugeriu que se ele queria que eles se fossem dali, ele deveria pedir, várias vezes durante a noite, uma pena de cada pássaro. Os pássaros, pensariam, ‘esse monge quer uma pena e outra, e mais outra...’ e assim deixariam a floresta para não mais retornar. O Buda então explicou que pedir e sugerir eram desagradáveis até mesmo para os animais, quanto mais para os seres humanos.

Um *bhikkhu* que está constantemente pedindo coisas mostra seu estado mental cobiçoso. Ninguém gosta disso, e os leigos que o mantêm podem começar a criticá-lo e daí culpar a sua Comunidade ou até mesmo os Ensinamentos do Buda. O Buda, por isso, estabeleceu muitas regras para guiar os *bhikkhus* sobre o que é a conduta apropriada.

Como Ajudar um *Bhikkhu* - Convite

Normalmente, um *bhikkhu* não pedirá nada. Ao invés disso, esperará que aquilo que ele precisa lhe seja oferecido. Isto está exemplificado na coleta de alimentos, onde o *bhikkhu* não pede nada, ele sequer olha para as pessoas, embora ele possa esperar silenciosamente para ver se uma doação será feita antes de continuar no seu caminho. Uma maneira pela qual os leigos estimulam um *bhikkhu* a pedir uma ajuda é fazendo um convite ou *pavarana* [lviii](#).

O Buda deu permissão para que um *bhikkhu* aceite *pavarana* ou convite. Tal convite é feito quando os leigos decidem se comprometer com o fornecimento de

medicamento se um *bhikkhu* em particular algum dia ficar doente ou ainda podendo ser uma oferta mais ampla de ajuda. (Embora um monge doente tenha permissão para pedir medicamento para qualquer pessoa; pedindo para alguém que já o tenha convidado num convite *pavarana* é obviamente preferível). Portanto, se um leigo encontrar um *bhikkhu* que pareça digno de ajuda e apoio, ele poderá fazer um convite desse tipo. Um grande número de regras (Veja [Pavarana \(Convites\) e suas Histórias de Origem](#)) tratam do que e quanto pode ser pedido quando um doador faz esse convite formal.

Um convite pode, portanto, ser muito específico sobre o que está sendo oferecido e qual a sua duração. (Obviamente, se as circunstâncias mudarem ou o pedido não for razoável, o doador não tem nenhuma obrigação – e um *bhikkhu* consciencioso é sempre sensível a isso.)

Um convite claro [lix](#) ajudará a evitar mal-entendidos. Por exemplo, o *bhikkhu* saberá exatamente o que foi oferecido e assim não pedirá mais do que isso; e o leigo não ficará sobrecarregado por pedidos extravagantes.

As circunstâncias originais da quadragésima sétima Confissão de Ofensa eram assim:

Um doador leigo possuía uma grande quantidade de manteiga ghee medicinal, então ele convidou os monges para que a usassem durante os quatro meses seguintes. Muito desse medicamento ainda ficou sobrando, ele então estendeu seu convite por um outro período de quatro meses e daí para toda a vida. O Buda permitiu isso. Entretanto, o mesmo doador leigo havia criticado uma vez o grupo-dos-seis monges devido à conduta imprópria anterior, eles então decidiram se vingar pedindo-lhe uma quantidade absurdamente grande desse medicamento (ghee) e o criticaram quando ele não pode produzir imediatamente o que ele havia prometido.

Essa regra foi estabelecida:

"Um *bhikkhu* que não esteja doente pode aceitar (fazer uso) um convite de quatro meses de uso (*pavarana*) como um dos requisitos. Se ele o aceitar (para fazer uso dele) por um período mais longo do que este - a menos que o convite seja renovado ou em caráter permanente - é uma [ofensa de Confissão] (Pac. 47; BMC p. 393)

Quando o convite for mais vago - por exemplo, um leigo pode realmente dizer, "Se você precisar de qualquer coisa, Bhante, me avise" - o *bhikkhu* não deverá exceder o espírito do convite. Na verdade, algumas comunidades consideram que um convite onde um leigo não menciona qualquer limite de tempo, é válido somente por quatro meses e que tomar o convite por um prazo maior é uma ofensa.

Um *bhikkhu* tem sempre permissão para pedir requisitos para os seus parentes sem primeiro receber um convite formal. (Se eles irão realmente fornecer alguma coisa,

isso é com eles). "Parentes" são considerados aqueles com quem o *bhikkhu* tem ancestrais em comum há muitas gerações, tanto do lado materno como do paterno. Aqui os "sogros" não contam como parentes. Assim, todos os descendentes de um ta-ta-ta-ta-ta-taravô contam como parentes... [embora] um *bhikkhu* agora seria avisado para considerar como parentes somente aquelas relações consanguíneas com quem os laços de parentesco forem realmente sentidos." (BMC p.183)

O Que um *Bhikkhu* Possui?

As posses ideais de um *bhikkhu* são só os requisitos básicos: três mantos principais (descritos na seção seguinte); a tigela de esmolar comida, o cinto monástico; agulha e linha; barbeador e filtro de água.

A tigela de esmolar comida pode ser feita de barro ou ferro, mas precisa ser queimada adequadamente para endurecer (se for de barro) e à prova de ferrugem (se de ferro). Três tamanhos de tigela são mencionados: pequeno, médio e grande [lx](#). Existem também várias regras sobre como pedir uma nova tigela antes que a velha tigela se torne muito gasta, o que implica em confisco da tigela adquirida de maneira incorreta. (Nis.Pac.22; 23)

O cinto monástico se tornou necessário quando o 'sarong' parte (inferior) do manto de um monge caiu enquanto ele estava no vilarejo. A agulha e a linha são necessárias para emendar e consertar os mantos – e muitos professores instruem que é transgressão um monge não consertá-los no mesmo dia [lxi](#). Enquanto que o barbeador se tornou necessário quando:

"Em uma ocasião, o cabelo dos monges estava comprido. O Buda perguntou aos *bhikkhus*: "*Bhikkhus*, os *bhikkhus* são capazes de cortar o cabelo um do outro?" Quando eles responderam afirmativamente, ele permitiu o barbeador, a pedra de amolar, a caixa do barbeador, a flanela para embrulhar e o equipamento do barbeiro... Os leigos criticaram o grupo de seis *bhikkhus* por terem cabelo comprido. O Buda fez com que isso fosse uma transgressão, permitindo apenas dois dedos de comprimento ou dois meses de crescimento, o que quer que aconteça primeiro... Cabelo e barba não devem ser estilizados, penteados ou suavizados, e nem cabelos brancos devem ser arrancados – tudo isso é considerado 'como prazer desfrutado pelos chefes de família. (HS ch.12)

O filtro d'água é necessário para evitar matar pequenas criaturas na água potável. (Veja também [Matar](#))

Entretanto, a maioria dos *bhikkhus* terão mais do que isso – variando de itens cotidianos como sabonete e creme dental, velas e fósforos, canetas e livros, relógio de pulso ou de bolso, uma lanterna ou tocha, até coisas mais sofisticadas apropriadas ao ambiente deles. O princípio é que tais coisas não deveriam ser

luxuosas ou caras [lxii](#). Qualquer coisa que seja dada (que seja permissível) é dele para manter, e ele tem permissão para doar as suas coisas, se for feito da maneira correta e não fizer com que a fé do doador diminua [lxiii](#).

A cessão ou apropriação de qualquer coisa, que seja de propriedade da Comunidade, ou pertencente ao monastério, é estritamente controlada e protegida por regras que estão na próxima seção.

Depois que um *bhikkhu* morre, suas possessões reverterão para a Sangha:

“Artigos pertencentes aos *bhikkhus* e novicos que tenham morrido têm a [Comunidade] como proprietária, isto é, elas são a herança da Sangha.” (EV,II, p.151)

Recebimento de Oferendas de Maneira Incorreta

Quando um *bhikkhu* recebe uma oferenda geral (isto é, impessoal), existem duas regras que são uma proteção contra o mau direcionamento dessa oferenda pelo *bhikkhu*. (Quando um *bhikkhu* na verdade rouba alguma coisa é uma ofensa de Derrota. Veja [Roubar](#))

A primeira destas regras surgiram quando uma grupo de pessoas estava preparando uma oferenda de refeição e tecido para toda a Comunidade quando o ‘grupo-dos-seis’ *bhikkhus* chegaram e pressionaram os doadores para lhes dar o tecido ao invés da Comunidade:

“Se qualquer *bhikkhu* intencionalmente desviar para si mesmo ganhos que estavam programados para serem doados para uma Comunidade, é [uma ofensa de Confissão com Confisco.]” (Nis. Pac. 30; BMC p.256)

‘Ganhos’ aqui se referem a mantos, comida de oferenda, moradia e remédios... e outras coisas permissíveis. [Eles são] oferendas reservadas exclusivamente para serem ofertadas para a Sangha, mas ainda não oferecidas. Um *bhikkhu* desvia essas oferendas para si próprio pedindo diretamente ou através de um discurso indireto para que o doador os dê para ele.” (Nis. Pac.30; Pât.1969 Ed.; p159)

Na regra acima a ‘oferenda’ obtida incorretamente deve ser confiscada e dada para outro(s) *bhikkhu(s)*. (Entretanto, dinheiro é um caso especial. Veja [Valores e Dinheiro](#)) A regra seguinte complementa a regra acima, mas é uma ofensa de Confissão:

“Persuadir o doador a dar para um outro indivíduo uma oferenda que ele ou ela havia planejado dar para uma Comunidade – quando se sabe que estava

direcionado para a Comunidade – é [uma ofensa de Confissão.]” (Pac.82; BMC p.461)

O que pode ser Oferecido?

Como mencionado acima, o Buda disse que existem quatro necessidades da vida – Vestimenta, Comida ou ‘comestíveis’, Abrigo ou moradia e Medicamento – assim, usaremos essas divisões nas sessões seguintes.

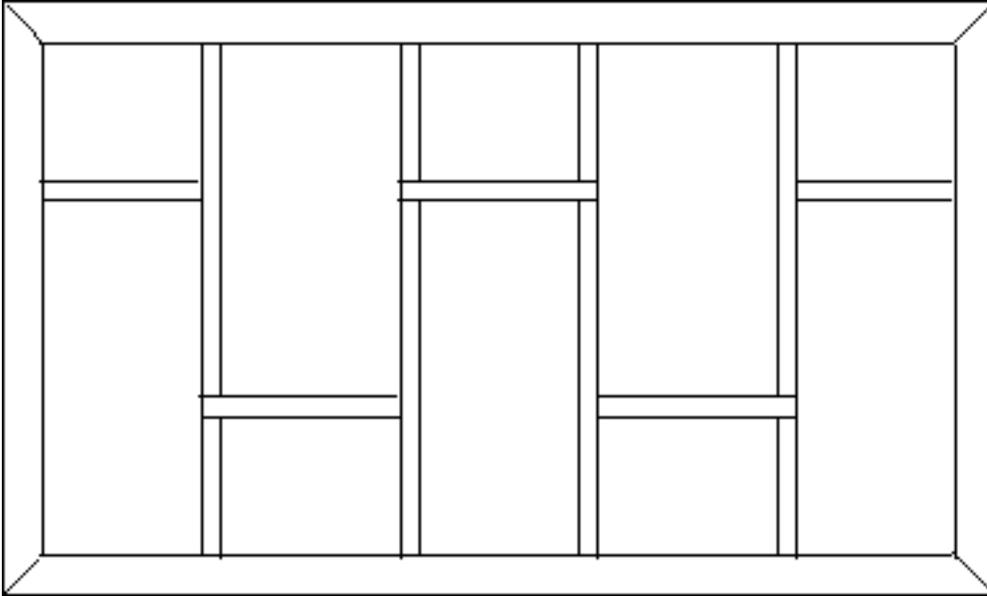
(*) Existe também um Sutta onde é mencionado que os *bhikkhus* não aceitam presentes relacionados com jardins, arrozais e outros tipos de terra ou animais de tração e outros tipos de animais, etc (EV,II,p.150)

VESTIMENTA: OS MANTOS

A vestimenta básica que o Buda originalmente sugeriu para um *bhikkhu* era feita de tecido rejeitado (‘trapos’) costurado e tingido [lxiv](#). Depois de costurados, eles se tornavam grandes pedaços retangulares de tecidos usados enrolados em volta do corpo. No início, [lxv](#) parece que havia dois mantos: um ‘sarong’ do tipo de um manto saia (*antaravasaka*) atado com um cinto, e um manto para cobrir a parte de cima do corpo (*uttarasanga*). Quando o tempo frio exigia mais proteção, o Buda permitia um terceiro manto, que era um manto externo duplamente grosso (*ti*).

Algumas regras limitam o tamanho dos mantos porque o tecido na Índia, naqueles tempos, era caro devido aos métodos simples de fiação e tecelagem. E também para que não valesse a pena roubar o manto, o tecido tinha sempre de ser cortado em painéis que eram costurados com base no desenho dos arrozais vistos do alto de uma montanha [lxvi](#):

Esboço dos Painéis de um Manto



Depois de receber uma oferenda de tecido branco e ter cortado corretamente e costurado os painéis, os *bhikkhus* devem tingi-lo para produzir o 'manto ocre'. Tradicionalmente, as tinturas vegetais eram usadas nesse processo. Plantas distintas e madeiras quando fervidas produzirão tons diferentes de tinta – o texto em Pali chama a cor padrão *kasaya* ou *kasava*, traduzida como 'água de tingir colorida – marrom' [lxvii](#) – assim, existe alguma variedade. Quando os *bhikkhus* de comunidades distintas se juntam, seus mantos tingidos nas diversas tonalidades de 'amarelo' fica bem perceptível. (A destruição das florestas do sudeste da Ásia fez com que as tinturas químicas passassem a ser usadas mais frequentemente, assim, o tecido oferecido hoje em dia é com frequência pré-tingido e em cores mais brilhantes.)

Estilos levemente variados no uso do conjunto tradicional dos três mantos vem se desenvolvendo com o passar dos anos em países diferentes [lxviii](#). Mas, basicamente, o formato retangular do manto é colocado em volta do corpo e as duas pontas verticais são dobradas ou enroladas juntas. E aí, ou são enfiadas para dentro e mantidas de maneira segura por um cinto (para a saia-manto) ou, para os mantos externos maiores, a ponta é 'jogada' ou, colocada sobre o ombro esquerdo e enfiada sob o braço esquerdo para que não escorregue. Existem várias técnicas para isso. (É necessário praticar!)

No tempo do Buda, era um sinal de respeito deixar o ombro direito nu. Portanto, estando num monastério o *bhikkhu* normalmente usará o manto externo mostrando o ombro direito. Ao deixar o monastério indo para áreas habitadas, ele deve cobrir ambos os ombros [lxix](#).

Além desse conjunto de 'manto tríplice' que cada *bhikkhu* deve ter e cuidar, existem panos adicionais que podem ser usados ocasionalmente [lxx](#).

A Ocasão para a Oferta do Manto

No mês seguinte aos três meses do Retiro das Chuvas – no período de Outubro– Novembro – ocorre a tradicional Cerimônia de *Kathina* para a renovação dos mantos dos *bhikkhus* [lxxi](#). Nos tempos antigos, era nessa ocasião quando os *bhikkhus* ajudavam uns aos outros a costurar à mão os tecidos para fazer novos mantos – usando a *kathina*, uma moldura de madeira especial.

Essa é a época em que os devotos leigos sempre fazem uma oferta especial de tecido bem como de outros requisitos a todos os monges dum monastério em particular. Uma máquina de costura é normalmente usada, mas todos os monges ainda tentam ajudar na marcação, corte, costura, ou no processo de tintura. O tecido tem de ser oferecido, costurado e tingido de modo que o manto esteja terminado e pronto para ser usado no mesmo dia. (Com frequência, hoje em dia, o manto já está costurado e pré-tingido). Se esse procedimento for realizado corretamente, os *bhikkhus* então têm direito a concessões especiais durante alguns meses.

A Cerimônia de *Kathina* é opcional, (ao contrário de outras observâncias que são obrigatórias), e requer um quórum de cinco *bhikkhus* (qualificados). No entanto, essa cerimônia se tornou um festival e ocasião importante para doação de recursos.

A OFERENDA DA COMIDA

(*) Como foi mencionado acima, o Buda disse que existiam quatro necessidades da vida: vestimenta, comida, moradia e medicamento.

O Buda sugeriu [lxxii](#) que a fonte básica de comida para os *bhikkhus* fosse recebida na coleta de comida pela manhã (*pindapata*). Essa dependência diária da comida oferecida lembra ambos, os *bhikkhus* e os devotos leigos, da interdependência deles e evita que o *bhikkhu* se torne muito isolado da comunidade leiga. Ele os ‘encontra’ todos os dias e come a comida que compartilham com ele. Várias regras importantes dizem respeito a isso, bem como uma sessão muito importante das regras de Treinamento *Sekhiya*. (Veja abaixo; veja também a história sobre o Ven. Assaji.)

A coleta de comida de oferenda não é considerada como um pedido de esmola, pois o *bhikkhu* não solicita nada, mas está pronto, atento, para receber qualquer oferenda que os leigos desejarem dar. Embora a comida de oferenda possa algumas vezes ser escassa, do *bhikkhu* se espera sempre que ele seja grato pelo que quer que lhe seja dado [lxxiii](#). É surpreendente quão específicos podemos ser sobre qual comida nós gostamos de comer; e que complicações isso pode causar. Isso está refletido na maneira pela qual as regras relativas aos ‘comestíveis’ estão organizadas, as quais

podem parecer muito complexas especialmente quando se espera que a vida do *bhikkhu* seja muito simples. Devemos ter em mente que as regras quase sempre lidam com circunstâncias extraordinárias e tentam evitar que elas se tornem um padrão.

A Coleta da Comida

Quando o 'grupo-de-seis' monges no tempo do Buda solicitou 'comidas especiais' e as comeram, os leigos criticaram isso dizendo, "Quem não gosta de boa comida e doces?" O Buda, por isso estabeleceu essa regra:

"Existem essas comidas finas, isto é, manteiga clarificada (ghee), óleo, mel, açúcar/melaço, peixe, carne, leite fresco e coalhada. Se qualquer *bhikkhu* que não estiver doente, tendo pedido comidas finas como essas para o seu próprio bem, e comê-las é [uma ofensa de Confissão.]" (Pac. 39; BMC p.367)

"Existem comidas suntuosas, a saber, comidas misturadas com manteiga clarificada (ghee), manteiga, óleo, mel, melaço, peixe, carne, leite e coalhada; e um monge que, apesar de não estar doente, pede tais comidas suntuosas para si mesmo e as come, comete [uma ofensa de confissão.]" (Pac.39; BBC p.127)

Os comentadores antigos sugerem que essas 'comidas finas' são efetivamente feitas quando uma pessoa mistura arroz, por exemplo, com ghee ou peixe, etc.

Uma exceção é feita para um monge que está doente, assim um *bhikkhu* pode pedir comida especial para o bem de um monge companheiro que esteja doente. Ele sempre tem permissão para pedir para um parente ou alguém que tenha oferecido um convite *Pavarana*.

Receber e Comer o Alimento Oferecido

Uma sessão inteira [lxxiv](#) das setenta e cinco diretrizes do Treinamento *Sekhiya* se ocupa com como um *bhikkhu* recebe e come sua comida de oferenda. Embora 'boas maneiras à mesa' possam diferir de um país para outro e de época para época, essas regras *Sekhiya* ainda estão amplamente de acordo com o que é considerado boas maneiras:

"Receberei comida de oferenda apreciativamente." [lxxv](#)
(*Sekhiya* 27)

"Ao receber comida de oferenda, focarei minha atenção na minha tigela."
(*Sekhiya* 28)

(*) Isso explica porque o *bhikkhu* não pode olhar para o doador ao aceitar comida – ele está concentrado em recebê-la corretamente.

"Eu receberei/comerei (lentilha-) *curris* na proporção certa em relação ao arroz." (*Sekhiya 29/34*)

É sugerido que essa regra foi estabelecida para os *bhikkhus* para que, na coleta de comida de oferenda não passassem pelas pessoas que oferecem só arroz em favor de comida de melhor qualidade. (Veja EV, I, p.211)

"Eu receberei a comida de oferenda apenas até que ela alcance a borda da tigela." (*Sekhiya 30*)

(*) Entretanto, nos festivais ou ocasiões especiais a tigela dos *bhikkhus* pode ser esvaziada para que todos que queiram se juntar na oferta tenham a oportunidade. [lxxvi](#)

"Eu comerei comida de oferenda com atenção."
(*Sekhiya 31*)

"Quando estiver comendo a comida oferecida, olharei apenas dentro da tigela."
(*Sekhiya 32*)

(*) Essa é também a razão pela qual não se deve esperar que o *bhikkhu* fale enquanto estiver comendo, pois isso distrairá a sua atenção.

"Eu não cobrirei os *curris* ou outra comida com arroz devido ao desejo de obter mais."
(*Sekhiya 36*)

Se os doadores pensarem que o monge tem apenas arroz simples na sua tigela, eles poderão dar-lhe alguma comida 'melhor'.

"Quando não estiver doente, não pedirei *curris* ou arroz para o meu próprio benefício."
(*Sekhiya 37*)

Outras regras *Sekhiya* parecem objetivar *bhikkhus* que comem da sua tigela usando os dedos no modo tradicional da Índia [lxxvii](#):

"Não prepararei uma porção excessivamente grande de comida para por na boca; nem abrirei minha boca até que a porção de comida tenha sido trazida até ela; nem colocarei meus dedos dentro da minha boca; nem falarei com a minha boca cheia.

"Não comerei: enchendo minhas bochechas; sacudindo minha mão em volta; espalhando arroz em volta; colocando minha língua para fora; mastigando ruidosamente; (ou beberei) fazendo ruído de sucção; lambendo minhas mãos; raspando a tigela; lambendo meus lábios. Não pegarei um copo de água com a minha mão suja de comida." (Sessão *Sekhiya*)

A Hora de Comer

No Ocidente a primeira refeição do dia é 'quebra do jejum'. Para o *bhikkhu* isso é literalmente verdade, pois ele não terá comido nenhuma comida desde a manhã anterior.

A ingestão de comida está limitada às horas entre o amanhecer e o meio dia. A prática de não comer após o meio dia é uma tradição muito antiga mencionada nos primeiros *Suttas*. [lxxviii](#) Está incluída também nos Dez Preceitos do noviço (*samanera*), na *dasasila mata* das monjas, e nos Oito Preceitos do devoto leigo [Veja o [Apêndice A](#)].

'Comida' aqui se refere a coisas como grãos cozidos; doces feitos de farinha, feijões, etc.; peixe; carne; leite fresco e leite fermentado; ... frutas, tubérculos e todas as comidas 'do prato principal'. (Veja EV, II, pp.131 – 133)

Quando esses alimentos forem (consumidos) além da hora limite (isto é, depois do meio-dia) um *bhikkhu* incorrerá em ofensa. A história original mostra as complicações que podem surgir pelo fato de sair do monastério na hora incorreta: O 'grupo dos dezessete' *bhikkhus* – um outro grupo de transgressores – saíram uma tarde para se divertir num festival fora da cidade. Quando leigos os viram, lhes deram uma refeição e comida para levar de volta ao monastério. O Buda, portanto, estabeleceu essa regra:

"Se um *bhikkhu* mastigar ou consumir comida em hora incorreta, é [uma ofensa de Confissão.]" (Pac. 37; BMC p.362)

(*) Essa 'hora incorreta' é definida a partir do meio-dia até o amanhecer do dia seguinte [lxxix](#).

Um *bhikkhu* ainda estará em falta se ele genuinamente calcular mal o tempo ou tomar por engano um item de 'comida' como 'remédio.' Portanto, se os doadores estão preparando comida para um *bhikkhu*, eles deveriam ter cuidado para não se atrasarem na sua oferta para que a refeição possa ser consumida antes do meio-dia. É digno de nota também que um *bhikkhu* doente não tem isenção em relação a essa regra, assim, ele da mesma maneira não deve ingerir comida à tarde [lxxx](#).

Os Quatro Tipos de Comestíveis

Qualquer alimento que um *bhikkhu* coloque na sua boca é classificado em quatro grupos, que especificam os limites de tempo durante o qual ele possa consumi-los ou guardá-los:

Comida – Limitada a partir do Amanhecer até o Meio-dia (*Yavakalika*)

Sucos de frutas – Limitados a Uma vez ao Dia (*Yamakalika*)

Tônicos-medicamentos – Limitados a Sete Dias (*Sattahakalika*)

Outros Medicamentos – Para Toda a Vida de uma Pessoa (*Yavajivika*)

Misturar Comestíveis

Quando diferentes tipos de ‘comestíveis’ são misturados, a sua categoria mudará para aquela de mais curta duração. Por exemplo, gengibre pode ser usado como um medicamento para ‘toda vida’ para doenças do estômago. No entanto, gengibre ralado que tenha sido usado na preparação da comida é classificado como ‘comida’ e portanto, não deverá ser mantido durante a noite ou usado como um medicamento. Da mesma maneira, se o mel for usado como um solvente ou base para medicamentos herbais, e pelo fato do mel ter um limite de sete dias, o tempo de vida do medicamento (herbal) se torna sete dias.

(*) Esta é uma outra razão por que os *bhikkhus* devem ser cuidadosos sobre os ingredientes dos medicamentos que lhes são oferecidos. Quando oferecer ‘medicamentos’ o doador deverá tentar ficar atento ao que o *bhikkhu* considera permissível e o que fará com que ele cometa uma ofensa.

Oferecendo ‘Comestíveis’

Já mencionamos a comida de oferenda dos *bhikkhus* e a dependência dele em relação ao recebimento de comida dos leigos que os apoiam. Mas como a oferenda é feita e como é recebida corretamente? Isso é realizado de uma maneira bastante formal e mesmo assim pode ser algo confuso para os devotos leigos, pois monges de escolas distintas recebem uma oferta de comida de modos ligeiramente distintos.

A regra que explica sobre a obrigação de se fazer formalmente uma oferta aos *bhikkhus* surgiu quando um certo *bhikkhu* vivia num cemitério usando mantos feitos de trapos coletados ali. Ele subsistia à base de comida deixada para os ‘espíritos dos mortos’ pelos parentes da pessoa morta. As pessoas leigas o criticaram, suspeitando incorretamente que ele podia também estar se alimentando de carne humana, assim o Buda estabeleceu essa regra [lxxxi](#):

"Se um *bhikkhu* levar à sua boca um comestível que não lhe tenha sido dado – exceto água e palitos de limpar os dentes – é [uma ofensa de Confissão.] " (Pac.40; BMC p370)

"Um monge que põe na sua boca qualquer alimento, que não lhe tenha sido oferecido, comete [uma ofensa de Confissão.] " (Pac. 40; BBC p.127)

Como fazer uma oferenda

A Prática atual referente a essa regra (Pac. 40 acima) varia tanto por causa da complexidade relacionada à interpretação. Entretanto, geralmente, qualquer coisa [lxxxii](#) que se ponha na boca – comida ou ‘medicamentos’ – deveria ser dada corretamente. Isso significa que deveria ser:

(a) dada por meio do corpo, (por ex: dada com a mão), ou por alguma coisa ligada ao corpo, (por ex: uma colher) [lxxxiii](#) ou jogando, (por ex: jogando uma bola de arroz na tigela).

(b) dada de modo que o doador e o *bhikkhu* estejam (literalmente) a um braço de distância um do outro (1.25 m).

(c) recebida por meio do corpo, (por ex: recebida na mão) ou por alguma coisa ligada ao corpo, (por ex: a tigela do monge ou, na Tailândia, o pano de receber doações do monge) [lxxxiv](#).

Os Comentários em seguida expandem os detalhes do modo correto que a comida deveria ser dada:

(d) a comida oferecida não deverá ser tão pesada que um homem de porte médio não a possa levantar. Em várias comunidades isso tem feito com que a comida seja levantada nas mãos do monge ou no pano de receber doações. O Comentário permite que a comida seja deslizada no piso ou na mesa para as mãos do monge.

(e) o doador deve na verdade mover a comida (numa travessa, por exemplo) em direção ao monge, (isto é, o *bhikkhu* não chega até ela primeiro). Isso tem sido compreendido também como significando que o doador faz o gesto (de respeito) ao fazer a oferta. (E tem de ser ajustado com a regra de Treinamento *Sekkhiya* onde é o monge que deverá “ser grato e atento ao receber a comida.”). Entretanto, no Ocidente, esse gesto de respeito pode ser feito de acordo com o costume local. (Veja BMC p.375)

Em alguns monastérios não se considera como comida oferecida corretamente se o leigo usa sapatos ou sandálias ao oferecê-la a um monge descalço. Além disso, em

algumas comunidades, quando a comida oferecida corretamente é tocada novamente ou movida por um leigo, ainda que acidentalmente, ela tem de ser oferecida novamente.

(*) O ponto principal a ser lembrado é que ao oferecer comida (ou qualquer coisa comestível) a um monge existe um modo formal de fazê-lo – caso contrário, o *bhikkhu* pode não ser capaz de comê-la. Uma vez que nos acostumemos a essa interação com o monge, isso se torna um gesto muito significativo.

Armazenar Comida

Depois de receber a comida formalmente, um *bhikkhu* não tem permissão para armazená-la para um outro dia. Essa é uma outra regra que apoia o ideal do mendicante e a interdependência entre monges e leigos e refreia o *bhikkhu* de se tornar apegado aos seus gostos favoritos.

O caso surgiu primeiro quando um monge voltando da oferenda de comida, comia só uma parte da sua comida e aí secava o restante do arroz ao sol para armazená-lo para as refeições dos próximos dias. Dessa maneira, ele não tinha de sair para a ronda de oferenda de comida todos os dias. Pode ser resumido assim:

"Comer comida que um *bhikkhu* – ele mesmo ou um outro – recebeu formalmente no dia anterior é [uma ofensa de Confissão.] " (Pac.38; BMC p.367)

Depois da refeição diária – geralmente os monges da comunidade se juntam para compartilhá-la – todo o excesso do dia pode ser distribuído entre quem quer que esteja presente para que nada seja desperdiçado ou deixado como resto [lxxxv](#).

Os leigos também têm permissão para depositar comida na despensa devidamente aprovada para que possa ser oferecida aos monges num outro dia. Se os leigos a armazenarem ali, não será considerado que os monges a receberam formalmente. Assim, o ato formal de oferecer tem também o propósito de determinar se a comida pode ser armazenada ou não.

Convites para Refeições

É uma tradição para os devotos leigos, em ocasiões especiais, convidar os *bhikkhus* para ir ter uma refeição na sua casa. Isso, normalmente, é uma questão simples e os *bhikkhus* explicarão se eles podem ir nesse dia em particular. Para mostrar alguns aspectos do tempo do Buda, existem essas regras:

(*) A origem dessa primeira regra mostra o cuidado que um *bhikkhu* deveria ter ao aceitar esse convite.

Um trabalhador pobre se sentiu estimulado a convidar o Buda e todos os *bhikkhus* da cidade para uma refeição, e ele insistiu para que eles viessem de qualquer modo mesmo quando o Buda o alertou sobre o grande número de monges envolvidos. Alguns *bhikkhus* acharam que ele não seria capaz de pagar por tanta comida, assim eles primeiro foram esmolar comida e comeram antes. Portanto, quando chegaram para a refeição do homem pobre, eles não puderam comer muito – apesar de que havia uma abundância de alimentos porque outras pessoas tinham ajudado para apoiar a fé do trabalhador pobre, enviando uma rodada de doações de comida. O pobre trabalhador acabou ficando aborrecido dizendo, “Como vocês puderam comer em outro lugar... eu não tenho competência para doar o suficiente?”

A regra é resumida:

"Comer uma refeição [lxxxvi](#) antes de uma outra refeição para a qual alguém tenha sido convidado ou aceitar um convite para uma refeição e comer além disso em outro lugar é [uma ofensa de Confissão] exceto quando alguém está doente ou na ocasião da doação de tecido ou da confecção dos mantos." (Pac.33; BMC p.352)

(*) Se um *bhikkhu* parecer um tanto relutante para aceitar seu convite, esteja ciente de que ele pode não ser capaz de mudar a aceitação de um convite anterior. Existe, no entanto, uma permissão para o *bhikkhu* ‘compartilhar’ ou transferir o convite anterior para um outro *bhikkhu* ou noviço para que ele possa aceitar um novo convite. Mesmo assim, é considerado como boas maneiras primeiramente contatar o primeiro doador sobre isso.

Uma outra regra, um tanto obscura, sobre convites para refeições originou-se assim:

Ven. Devadatta fez uma tentativa de assumir a Sangha e depois tentou matar o Buda. A Sangha informou os moradores da região sobre o comportamento do Ven. Devadatta para que isso não se refletisse na Sangha como um todo. Assim o Ven. Devadatta acabou enfrentando tanta dificuldade em obter comida ofertada que ele acabou tendo que pedir – “tendo pedido e pedido” – (para todo o seu grupo), mas os leigos os criticaram por tal conduta imprópria.

Parece que essa regra, um tanto enigmática, pode proibir os *bhikkhus* de aceitarem um convite para uma ‘refeição em grupo’ de quatro ou mais monges específicos na casa de um doador quando toda a comunidade local não for convidada – como teria sido mais normal no tempo do Buda. Assim, isso teria evitado a formação de grupos dentro da comunidade. (Veja BMC p.342-348)

O Buda, portanto, estabeleceu que:

"Comer uma refeição para a qual quatro ou mais *bhikkhus* individuais tenham sido convidados especificamente – exceto em ocasiões especiais – é [uma ofensa de Confissão.] " (Resumo Pac.32; BMC p. 348)

Uma outra interpretação dessa regra obscura requer que os *bhikkhus*

"... não aceitem convites daqueles que mencionam os nomes das comidas a serem ofertadas. Aquele que convida, compreendendo isso, faz o convite desta maneira: 'Eu o convido a receber essa comida de oferenda,' ou, 'Eu o convido a tomar um café da manhã ... ou almoço.' Falando deste modo torna possível para os *bhikkhus* aceitarem." (Pât. 1969 ED.; p161)

(*) Se a comunidade seguir essa segunda interpretação, deveria ter cuidado ao convidar *bhikkhus* para uma refeição evitar mencionar a comida específica que pretende oferecer.

Ingestão de Carne

Nos países ocidentais o vegetarianismo aumentou recentemente em popularidade e isso tem levado alguns a questionar sobre o fato dos *bhikkhus* comerem carne. Em países menos desenvolvidos a questão é mais 'o que tem para comer? se é que há algo'.

A questão dos monges comerem carne é antiga, tanto que foi levantada originalmente pelo 'monge renegado' Ven. Devadatta. Ele pediu ao Buda para proibir os *bhikkhus* de comerem peixe e carne naquilo que parece ter sido um estratégia para assumir a liderança da Sangha. (A tática do asceta mais rigoroso). O Buda já tinha feito uma regra rigorosa para ambos, *bhikkhus* e leigos, sobre não tirar a vida (veja [Matar](#)), assim, ele não concordou com a nova conceituação do Ven. Devadatta.

O Buda permitia que os *bhikkhus* comessem carne e peixe [lxxxvii](#) exceto nas seguintes circunstâncias:

Se um *bhikkhu* vir, ouvir ou suspeitar que tenha sido matado para ele, ele pode não comê-lo [lxxxviii](#). (M.I,369)

Se na coleta de comida for oferecida carne para um *bhikkhu* e ele não tiver nenhum conhecimento de como o animal morreu [lxxxix](#), ele deve 'recebê-la com atenção.' (Veja [As 75 Sekhiyavatta - Treinamentos](#)) Ele deverá ser grato e lembrar que a comida que lhe é dada é o que o capacita a continuar a viver a vida de *bhikkhu*, e que como um mendicante ele não está em posição de escolher o que recebe. Se ele vier a conhecer a família e eles lhe perguntarem sobre o Dhamma, ele poderá explicar o preceito sobre não matar. Isso pode levá-los a refletir sobre a atitude deles em relação a comer carne.

Uma pessoa leiga pode escolher se deve ou não ser um vegetariano. Problemas normalmente surgem somente quando os vegetarianos querem impor a escolha

deles sobre os outros, e como as refeições são normalmente um assunto familiar ou compartilhado, isso pode criar tensões e mal-entendidos.

Um *bhikkhu*, que vive da coleta de comida oferecida, não pode fazer escolhas desse tipo. Geralmente, os doadores são desconhecidos – talvez nem mesmo Budistas, ou só começando a descobrir o Dhamma – e recusar a generosidade deles pode ofendê-los de tal modo que eles nunca mais tenham nada a ver com o Dhamma novamente.

Finalmente, isso se resume essencialmente nas pessoas leigas que vão ao mercado comprar comida para dar aos *bhikkhus*. Se elas são vegetarianas ou gostam de dar comida vegetariana, então o *bhikkhu* deverá receber essa comida com ‘gratidão’ – especialmente se isso significa que menos animais são abatidos. No entanto, não deveria se tornar uma questão política onde outras pessoas são atacadas devido ao seu comportamento.

A Oferenda de Frutas: *Kappiya*

No tempo do Buda, alguns leigos se queixaram que os monges haviam destruído as sementes da ‘vida’. (Veja também ‘um poder inerente da vida’ acima.) Destruir sementes, portanto, se tornou uma ofensa menor (*dukkata*), e o monge tinha que perguntar aos leigos se eles achavam ‘permissível’ que ele comesse certas frutas.

Frutas com sementes que podem germinar, e raízes (bulbos e tubérculos) que podem ser plantadas novamente poderiam se tornar ‘permissíveis’ ou *kappiya* para *bhikkhus*. Uma pessoa que não é ordenada pode fazer isso tocando-a com fogo, ou passando a faca ou marcando-a com a unha.

Em alguns monastérios existe uma cerimônia – mencionada brevemente no Vinaya vigente, mas em detalhe nos Comentários – onde o leigo que oferece fruta, a torna ‘permissível’ para o *bhikkhu* comê-la [xc](#). Por exemplo, isso pode ser feito com uma laranja, cortando a casca levemente quando o monge diz, "*Kappiyam karohi*" ("Faça com que essa fruta se torne permissível") e respondendo a ele com, "*Kappiyam Bhante*" ("É permissível, Ven. Senhor. "). Se existirem mais laranjas, e se elas estiverem todas juntas, e se tocando, fazendo uma fruta permissível faz todas se tornarem permissíveis. (Em outras comunidades se o doador oferece fruta já ‘danificada’ (por exemplo, sem casca ou cortada) já é considerada permissível.)

Não há necessidade dessa cerimônia com frutas sem sementes, com fruta cujas sementes não estiverem maduras para que elas não possam se regenerar, e com fruta já oferecida cortada com todas as sementes removidas. Ou mesmo, se o *bhikkhu* comer certos tipos de fruta cuidadosamente – por exemplo, manga, jaca, ameixa, pêssigo, ameixa seca, etc. – sem danificar a semente, caroço ou sementinhas, não há ofensa.

Alimentar-se na Selva

A seguinte regra mostra a interdependência e cuidado que devem ser cultivados entre *bhikkhus* e aqueles que os apoiam.

No tempo do Buda, algumas senhoras foram assaltadas em emboscadas e estupradas quando a caminho da doação de comida aos *bhikkhus* que viviam em áreas perigosas na selva. A família delas criticou os *bhikkhus* por não tê-las alertado sobre os perigos. Se os leigos pretenderem doar comida para um *bhikkhu(s)* em zonas de perigo como essa, eles devem declarar isso ao *bhikkhu(s)* antecipadamente para que o *bhikkhu(s)* tenha a chance de alertá-los ou reduzir os perigos. A regra pode ser resumida:

"Comer comida que não tenha sido anunciada, depois de aceitá-la numa selva perigosa, quando não se está doente é [uma ofensa de Reconhecimento.] "
(Patidesaniya 4; BMC p.488)

Sucos de Frutas

As seções acima lidaram com comida (*yavakalika*), mas como já foi mencionado, os sucos de fruta estão incluídos numa categoria diferente. (Veja [Os Quatro Tipos de Comestíveis](#)) Embora os *bhikkhus* não devam comer fruta – que é comida – depois do meio-dia, eles podem beber ‘suco de fruta’ a qualquer hora durante o dia. Entretanto, eles não podem estocar suco de fruta por mais de um único dia. A isso chamamos de *yamakalika*, uma bebida de fruta feita de fruta espremida, que é na ocasião cuidadosamente coada de qualquer polpa ou partícula ^{xcii}. (O Comentário *Vinayamukha* (EV) sugere que o suco não poderia ser estocado depois do próximo amanhecer devido ao açúcar misturado com o suco de fruta que pode levar a uma leve fermentação.)

Ao oferecer suco de fruta é importante que esteja bem coado para que nenhuma polpa ou partícula de fruta permaneça, pois a fruta conta como comida e por este motivo não pode ser consumida à tarde. Alguns lugares na Tailândia coam o suco num filtro de tecido sete vezes para se assegurarem (do resultado), mas o ponto principal é que o filtro seja fino o suficiente ^{xcii}.

"Bebidas de suco incluem o suco de cana fresco espremido, de raiz de lótus, de todas as frutas, exceto grão, de todas as folhas, exceto as verduras cozidas, e de todas as flores, exceto a maurá [bassia latifolia] (Mahavagga.VI.35.6). De acordo com o Comentário, o suco deve ser coado e poderá ser aquecido pela luz do sol, mas não sobre o fogo." (BMC p.339)

Algumas comunidades não aceitarão o suco de fruta feito de ‘frutas grandes’:

"Ao discutir os Grandes Critérios, o Comentário diz que grão é uma "fruta grande," e portanto, o suco de qualquer uma das nove frutas grandes – palmyra, côco, jaca, fruta-pão, cabaça, cabaça branca, melão almiscarado, melancia e abóbora – cairiam dentro da mesma classe de suco de grão... A partir desse julgamento, muitas Comunidades [na Tailândia] inferem que o suco de qualquer uma das nove frutas grandes, assim como o abacaxi e a toranja, também seria classificado como comida [e portanto, não poderia ser consumido à tarde.] " (BMC p.339)

MEDICAMENTOS OU TÔNICOS

Lidamos acima com comida e suco de fruta. Existe agora a categoria dos 'medicamentos-tônicos' (*sattahakalika*). Estes podem ser consumidos a qualquer hora, mas não podem ser estocados por mais de sete dias (depois de serem oferecidos).

Esses medicamentos-tônicos eram inicialmente controlados quando os grandes feitos dos poderes psíquicos do Venerável Pilindavaccha tornaram-no tão famoso fazendo com que ele recebesse muitas ofertas dos cinco 'tônicos'. Mesmo tendo distribuído os medicamentos entre outros monges, havia tanto que o excesso teve de ser estocado e as habitações ficaram tomadas pelos ratos. Leigos visitantes criticaram os monges por "armazenarem bens em abundância como um rei." O Buda, portanto, estabeleceu esta regra:

"Manter quaisquer dos cinco tônicos – manteiga clarificada (ghee), manteiga fresca, óleo, mel ou açúcar/melaço – por mais de sete dias é [uma ofensa de Confissão com Confisco.] (Resumido Nis. Pac. 23; BMC p.242)

(*) Há várias traduções e interpretações sobre esses medicamentos-tônicos – de acordo com as diferentes Comunidades e países. Alguns lugares consideram permissíveis só líquidos, enquanto outras comunidades beberão somente água à tarde. Outras ainda não aceitarão medicamentos-tônicos oferecidos novamente (depois que o período de sete dias tiver terminado), algumas aceitarão sob certas circunstâncias. No entanto, os devotos leigos precisam investigar sobre o costume da sua Comunidade local e agir de acordo [xciii](#).

Algumas observações contemporâneas:

"Os cinco medicamentos – ghee, navanita, óleo, mel e açúcar – eram permitidos pelo Buda para serem consumidos pelos monges 'doentes' a qualquer hora do dia ou da noite. De acordo com o Mahavagga, esses cinco eram 'considerados como medicamentos e embora servissem como alimento para as pessoas, não eram considerados como comida substancial.' O grau de enfermidade requerido antes que um monge tenha permissão para consumir esses [tônicos] medicamentos é um ponto controverso... Parece que sentir-se exausto ou sentir-se cansado depois de um

esforço físico seria uma causa suficiente para ser capaz de fazer uso dos Cinco Medicamentos." (AB)

"A eficácia principal desses medicamentos parece estar no seu valor nutricional. Eles não têm valor medicinal conforme o entendimento geral nos dias de hoje, por exemplo, aliviar a dor ou como um antisséptico. Entretanto, como alimento eles ajudariam a manter a força corporal e estimulariam a recuperação, mas, apesar de serem muito ricos, eles não seriam um substituto da comida usual. " (HS ch.10)

Além disso, se o tônico-medicamento for misturado com uma pequena quantidade de comida, aí ele seria aceitável de acordo com essa permissão:

"...se o açúcar tiver um pouco de farinha misturada simplesmente para torná-lo mais firme – como algumas vezes acontece com os cubos de açúcar e blocos de açúcar de palma – ainda assim é classificado como tônico por ser, apesar disso, considerado simplesmente como ‘açúcar’."(BMC p.238-9)

Se a farinha está (presente) por razões mais relacionadas ao alimento, aí seria considerado como comida. Veja também [Misturar Comestíveis](#).

MEDICAMENTOS PARA TODA VIDA

A quarta categoria de comestíveis (veja [Os Quatro Tipos de Comestíveis](#)) é a dos Medicamentos para toda vida (*yāvajivika*), que inclui o que em geral são considerados medicamentos.

O princípio básico estabelecido pelo Buda sobre todos os medicamentos está nesta reflexão:

“Refletindo de maneira sábia, ele usa medicamentos somente para proteção contra sensações aflitivas que já surgiram e para se beneficiar da boa saúde.”
[OP p.47; (Páli: M.I,10; A.III,387)]

No princípio, os medicamentos herbais básicos permitidos pelo Buda foram aqueles preservados em urina. Mais tarde, praticamente todos os outros tipos passaram a ser considerados permissíveis ^{xciv}. (Veja as permissões separadas em [Medicamentos ou Tônicos](#))

Medicamentos que podem ser consumidos sem limitação de tempo são chamados *yāvajivika*. Os Textos mencionam diferentes tipos de medicamentos herbais tais como: raízes de plantas, por exemplo: gengibre, cúrcuma, cálamo, etc.; decocções, tais como as de nim ou nux vômica; folhas de árvores, tais como folhas de nim, tulsi ou manjeriço santo; frutas, tais como pimentas longas, myrobalan, absinto; resinas, como a asafétida; sais, tais como o sal marinho, o sal-gema, etc. Qualquer outro

medicamento, ou ervas similares a essas, que não for considerado alimento estará incluído nessa categoria 'para o resto da vida' [xcv](#).

(*) Medicamentos ocidentais modernos estão em geral incluídos nessa categoria – usando os Grandes Critérios – portanto podem ser tomados a qualquer hora do dia e podem ser mantidos por tanto tempo quanto for necessário.

DROGAS E ÁLCOOL

Finalmente, nos voltamos para essas 'substâncias de abuso' que são inteiramente proibidas. O quinto dos Cinco Preceitos [Veja o [Apêndice A](#)] para todos os Budistas nos diz para evitar a ingestão de álcool e substâncias similares que destroem a plena atenção e por isso são uma causa frequente de ações e fala inábeis.

A regra equivalente para *bhikkhus* é a quinquagésima primeira Regra de Confissão:

"Beber álcool ou bebidas alcoólicas é [uma ofensa de Confissão.]" (Pac.51; BMC p.402)

A história originária diz respeito ao Venerável Sagata que conquistou uma serpente naga feroz – um tipo de serpente com poderes mágicos – através dos seus poderes psíquicos desenvolvidos com a prática da meditação. Os habitantes da cidade ouviram sobre o feito e queriam lhe fazer um tipo de oferenda, sobre a qual o 'grupo dos seis' *bhikkhus* despidoradamente sugeriram que todos deveriam dar-lhe álcool.

Quando ele chegou da coleta de comida de oferenda cada chefe de família ofereceu álcool e ele finalmente bêbado desfaleceu no portão da cidade e teve que ser carregado de volta para o monastério. Ele estava deitado em estupor com a sua cabeça em direção ao Buda, mas na sua embriaguez ele se virou de lado de modo que seus pés apontassem para o Buda [xcvi](#). O Buda chamou atenção para a mudança de comportamento dele, observando que ele certamente não seria capaz de lutar 'até mesmo com uma salamandra' nesse estado.

O Buda disse também:

"*Bhikkhus*, ... existem essas quatro máculas devido às quais contemplativos e brâmanes não brilham, não reluzem, não resplandecem. Quais são essas quatro? Beber bebidas alcoólicas ... ceder aos desejos de intercursos sexuais ... aceitar ouro e dinheiro ... obter requisitos através de um modo de vida incorreto." (A.II,53) (AB)

Os Quatro Grandes Critérios podem ser usados mais adiante [xcvii](#) para argumentar que usar narcóticos [xcviii](#) – que destroem a atenção plena e levam à negligência – também seria uma ofensa de Confissão. Então existe o princípio geral de respeitar a

'lei da terra' (quando ela está de acordo com o Dhamma) assim, essas drogas ilegais não seriam permissíveis de qualquer maneira.

VALORES E DINHEIRO

Roubar

O roubo é condenado universalmente e é proibido por um dos Cinco Preceitos básicos [Veja o [Apêndice A](#)] para qualquer Budista. Para o *bhikkhu*, a transgressão está coberta pela mais pesada penalidade de Derrota, sendo a segunda *Parajika*.

A regra foi estabelecida originalmente no tempo do Buda quando o Venerável Dhaniya, por engodo, pegou uma quantidade de madeira do rei para fazer uma cabana para si mesmo:

“Um *bhikkhu* que pega alguma coisa que o proprietário não lhe tenha dado e que tenha um valor igual a cinco masaka [‘moedas’] (ou mais) [é Derrotado]” (Resumo Pār. 2; Nv p.5)

Ou:

"O roubo de qualquer coisa que valha 1/24 de uma onça troy de ouro ou mais é [uma ofensa de Derrota.]" (Resumo Pār.2; BMC p.65)

'Derrota significa o término incondicional da vida de transgressor do *bhikkhu*, assim, o roubo que ele fizer deverá ser mais do que um pequeno furto. [xcix](#) Portanto, para que seja uma ofensa, o valor do objeto roubado deve ser de um valor que, tal como mencionado no texto original: "reis... o banirão, dizendo... 'Você é um ladrão!'" (Pequeno roubo é uma grave ofensa (*thullaccaya*) ou uma ação incorreta.)

O *bhikkhu* deve ter uma intenção de roubar para que isso seja uma ofensa. Se um roubo aparente acontecer sem o conhecimento ou conivência dele, ou por engano sem qualquer planejamento da parte dele, não configura nenhuma ofensa. Entretanto, fraude, quebra de confiança, desfalque, sonegação de impostos, contrabando, violação de direitos autorais, etc., estariam incluídos nessa regra [c](#).

***Bhikkhus* e a Riqueza**

Existem muitas regras importantes abrangendo como os *bhikkhus* lidam com a riqueza e o dinheiro [ci](#). (Este é também o décimo dos Dez Preceitos para o noviço (*samanera*) ou monja *dasasila mata* [Veja o [Apêndice A](#)].) As regras foram estabelecidas devido ao fato das doações de um devoto leigo com grande fé no Dhamma, feitas numa ocasião imprópria, poderem causar o corrompimento da vida

de um *bhikkhu*. Embora essas regras possam parecer relativamente simples, existem várias interpretações e modos para a sua prática efetiva. E a prática geralmente não coincide com a teoria. Apesar disso, ela permanece, com certeza, sendo um aspecto importante do Vinaya, protegendo contra o esquecimento do verdadeiro caminho para a felicidade:

"*Bhikkhus*, o abandono do uso do dinheiro, torna real o abandono da busca mundana e mostra aos outros, através do exemplo, que a luta pela riqueza não é o verdadeiro caminho para encontrar a felicidade." (BMC p.215)

Dinheiro

A regra sobre a não aceitação de dinheiro por um *bhikkhu* veio a ser estabelecida quando o Venerável Upananda foi visitar aqueles que o apoiavam regularmente numa coleta de oferenda de comida. A carne que havia sido separada para ele pela família, naquela manhã tinha, ao invés, sido dada a um filho que estava faminto. O chefe de família quis dar alguma outra coisa para compensar e perguntou o que ele poderia oferecer no valor de uma moeda *khapana*. O Venerável Upananda perguntou se ele estava fazendo uma doação de uma moeda *kahapana* e assim ele pegou o dinheiro. Os leigos ficaram aborrecidos com isso, dizendo, "Assim como os leigos aceitam dinheiro, assim também o fazem os monges Budistas!"

Essa Regra tem sido traduzida de modos distintos:

"Se um *bhikkhu* aceitar ouro e prata ou conseguir que seja aceito em seu nome, ou consentir que ele seja depositado (perto dele), estes deverão ser confiscados e ele deverá confessar." (Nis.Pac. 18; BMC p.214)

"Se um *bhikkhu* pegar ou fizer com que peguem para ele, ou der seu consentimento para o depósito de ouro ou prata, isso implica numa Confissão com Confisco." (Nis.Pac. 18; Pât. 1966 Ed.p.42)

"Um monge que aceita ouro ou dinheiro ou consegue que uma outra pessoa aceite por ele, ou concorda que ele seja colocado perto dele, comete [uma ofensa que requer Confissão com Confisco.]" (Nis. Pac. 18; BBC p.116)

"Se um *bhikkhu* recebe pessoalmente ouro e prata (dinheiro) ou consegue que alguém o receba por ele, ou se ele ficar contente com o dinheiro que está sendo guardado para ele, é [uma ofensa de Confissão com Confisco.]" (Nis.Pac. 18; Nv p.11)

(*) Note que existem algumas diferenças sutis na maneira como esta regra é traduzida, especialmente o último exemplo.

De acordo com o Comentário, não existe 'consentimento' se um *bhikkhu* se recusa a aceitar o dinheiro; verbalmente – dizendo ao doador que não é correto receber dinheiro; por atos – gesticulando com esse objetivo; pelo pensamento – pensando que isso não é correto. Pode haver um problema ao comunicar isso aos doadores sem ofendê-los e sem que o próprio *bhikkhu* cometa ofensa [cii](#).

Muitas destas regras referentes a dinheiro, etc., são aquelas de Confissão com Confisco (*Nissaggiya Pacittiya*). Isso significa que o dinheiro ou artigos que são adquiridos de modo incorreto têm de ser confiscados. Além disso, está especificado que eles não podem ser renunciados para um único monge, mas sim, para toda a Comunidade – que então segue um procedimento rigoroso sobre como dispor desses ganhos.

Na prática, essa regra é compreendida por vários *bhikkhus* de maneiras distintas. Isso vai desde alguns monges que procuram contornar completamente a regra dizendo que 'dinheiro é só um papel' e, portanto, não é 'ouro e prata' (*jatarupa-rajata*) e assim fica fora da regra; até as seguintes opiniões mais estritas:

O termo em Pāli *jatarupa* é definido como 'ouro de qualquer tipo' e, enquanto *rajata* é também 'prata' em outros contextos, mas aqui é definido como *masaka* (moedas) de diferentes materiais (cobre, madeira, laca) o que quer que seja usado nos negócios, isto é, dinheiro.

"Atualmente, o termo incluiria moedas e papel moeda, mas não cheques, cartões de crédito, cheques administrativos ou notas promissórias, pois estas – por si mesmas e sem identificação adicional dos portadores – não funcionam como moeda verdadeira." (BMC p.215)

"O termo *jatarupa-rajata* se refere primeiramente a adornos pessoais (de ouro e prata), e em segundo lugar a lingotes, em terceiro à *rupiya*, que são para a compra e venda, referindo-se não só a ouro e prata, mas a qualquer coisa que possa ser usada dessa maneira. Todos os itens acima mencionados estão incluídos neste termo. A frase, 'ficar contente com o dinheiro guardado para ele' [como na tradução acima] sugere que se for apenas *cittupada* (a existência de um pensamento), ele não [cairia em ofensa,] assim, deve referir-se à ação de receber e manter o direito sobre o dinheiro." (Pāt. 1969 Ed. p.158)

"Para os leigos: Um leigo não deveria nunca oferecer dinheiro diretamente a um *bhikkhu* ... mesmo se for colocado dentro de um envelope ou junto de outros requisitos. Eles deveriam ou depositar o dinheiro com o administrador do monastério, colocá-lo numa caixa de doação, ou depositá-lo na conta bancária do monastério. Eles poderão então, declarar o seu convite ao(s) *bhikkhu*(s) referente ao tipo ou quantidade de requisito(s). Na Tailândia, por exemplo, leigos bem informados depositam o dinheiro com o administrador e oferecem ao(s) *bhikkhu*(s) um convite mencionando os detalhes da oferenda." (HS ch.14)

Cheques, Cartões de Crédito, etc.

(*) Nas condições atuais, além de numerário, outros itens têm de ser considerados. E quanto aos *bhikkhus* que usam cheques ou mesmo selos postais ou 'cartões de telefone'? [ciii](#) O que está incluído na regra e onde é que se estabelece o limite? Comunidades distintas entenderão essas regras de modos ligeiramente diferentes – embora provavelmente todos acharão selos postais comuns aceitáveis! Parece que os cartões de crédito e cheques não funcionem exatamente da mesma maneira que numerário, e portanto podem não quebrar a regra sobre aceitação de dinheiro, (Nis. Pac. 18), eles ainda assim cairiam numa outra ofensa. (Veja [Transações de Compra e Venda](#) e [Trocas ou negociações](#))

Algumas opiniões atuais:

"Atualmente o termo ['ouro e prata'] incluiriam moedas e papel moeda, mas não cheques, cartões de crédito, cheques administrativos ou notas promissórias, pois estas – sozinhas e sem uma identificação adicional dos portadores – não funcionam como moeda corrente verdadeira." (BMC p.215)

"Cheques, cartões de crédito e cheques de viagem não são o mesmo que dinheiro porque [eles não são] comumente negociáveis, algo que se possa usar como forma de pagamento em quase qualquer loja, e sem qualquer registro ou papelada adicional, trocá-los por o que quer que uma pessoa deseje ... [portanto] não existe ofensa por receber ou manter essas coisas. Entretanto, usar cheques, cartões de crédito e cheques de viagem ou coisas similares entrariam em 'compra e venda' e as ofensas listadas em [Confissão com Confisco] 19 e 20 têm possibilidade de surgir." (AB)

"A ofensa [Nis.Pac.20] é cometida quando o *bhikkhu* entrega o recibo do cartão de crédito assinado – ou faz com que o entreguem – ao vendedor..." (BMC p.230)

A Concessão Mendaka

Enquanto que o dinheiro é uma mercadoria importante no mundo, os *bhikkhus* não deveriam estar preocupados com isso pois a cobiça e o egoísmo são a verdadeira 'raiz do mal'. Portanto, uma vez mais esse aspecto oferece um papel essencial para os leigos. O *bhikkhu* não armazena comida, mas recebe ajuda de leigos que o fazem; o *bhikkhu* não guarda dinheiro, mas recebe ajuda de leigos que o fazem. De fato, esse relacionamento é mostrado numa permissão na época do Buda quando os *bhikkhus* estavam indo de um lugar para outro enfrentando dificuldades. Comida era difícil de encontrar e Ele, por esta razão, permitiu que eles fossem em busca de mantimentos. Ele também deu uma outra permissão dizendo:

"Existem pessoas de convicção e confiança, *bhikkhus*, que colocam ouro e prata nas mãos de administradores, dizendo, 'Dê ao mestre o que quer que seja permitido.' Eu

permito que vocês, *bhikkhus* aceitem o que quer que seja permitido vindo disso. Mas, de modo nenhum eu digo que dinheiro deve ser aceito ou buscado." (BMC p.198)

"As pessoas que têm grande fé nos *bhikkhus* podem disponibilizar (literalmente, prata e ouro) nas mãos de um [administrador] e pedir a ele para comprar coisas permissíveis para os *bhikkhus*. Os *bhikkhus* podem ficar contentes com as coisas permissíveis compradas pelo administrador com esse dinheiro. Isso não é visto como estar contente com esse dinheiro. Isso é chamado de [Permissão *Mendaka*.] Os *bhikkhus* não devem requisitar coisas do administrador que mesmo sendo apropriadas excedam o valor do dinheiro depositado." (EV,II,p.135)

O Administrador de um *Bhikkhu*

Essa é a regra que explica mais sobre o relacionamento entre o *bhikkhu* e o administrador que está cuidando dos seus fundos.

Na história original, o administrador do Ven. Upananda havia recebido algum dinheiro de um ministro importante para que quando o Venerável Upananda precisasse de um manto, ele poderia receber um. O Ven. Upananda depois de algum tempo, pediu um manto no dia em que o administrador tinha uma reunião importante em que todos eram obrigados a comparecer ou seriam penalizados. O Ven. Upananda se recusou a esperar e forçou o administrador a obter o manto imediatamente e assim o administrador chegou tarde à reunião e sofreu uma multa como punição. Todos lá concordaram que 'esses monges são impacientes e difíceis de ajudar.' Assim, o Buda estabeleceu esta regra:

"Se alguém enviar dinheiro (valores) com o propósito de comprar um manto para um *bhikkhu* e ele (quem quer que traga o dinheiro) quiser saber quem está agindo como o atendente do *bhikkhu* (*veyavaccakara*); e se o *bhikkhu* quiser o manto, ele deverá indicar alguém ligado ao monastério ou um *upasaka* (devoto leigo) dizendo: "Esta pessoa é o atendente de todos os *bhikkhus*." Quando ele (aquele que traz o dinheiro) tiver instruído o atendente e tiver dito ao *bhikkhu*: "Se você quiser um manto, diga ao atendente," então, mais tarde, esse *bhikkhu* deverá encontrar o atendente e poderá dizer-lhe: "Eu necessito de um manto." Se não receber o manto, ele pode pedir até três vezes ao todo. Se ainda assim não receber o manto, ele pode ir e ficar parado onde o atendente possa vê-lo até seis vezes. Se não receber o manto e pedir mais do que três vezes ou ficar parado mais de seis vezes, e então conseguir receber o manto, isso é [uma ofensa de Confissão com Confisco.]

"Se depois de pedir e ficar parado o número total de vezes (permitido) ele não receber o manto, ele deve ir falar com quem quer que tenha doado o dinheiro dizendo: "O que você doou não foi disponibilizado para mim", e ele também deverá

dizer-lhe para pedir o dinheiro dele de volta, caso este não seja disponibilizado. (Nis. Pac. 10; Nv pp.9-10)

Ou em Resumo:

"Quando um fundo tiver sido estabelecido com um administrador indicado por um *bhikkhu*: obter um artigo de um fundo como resultado de ter avisado o administrador mais do que o número de vezes permitido é [uma ofensa de Confissão com Confisco.] " (Nis.Pac. 10; BMC p.206)

(*) O 'preço do manto' permanece como dinheiro do doador, mas em poder do administrador do *bhikkhu* [civ](#). Na prática, o 'preço do manto' pode ser usado para outros requisitos permissíveis. [cv](#) É importante para os doadores checar o modo de prática do(s) bhikku(s) em particular, para quem eles querem fazer a oferenda. Os *bhikkhus* que seguem estritamente a Regra se comportarão de modo diferente daqueles que são mais relaxados. O primeiro será bastante cuidadoso com a sua fala em relação à aceitação do dinheiro e o doador em questão tem de abrir espaço para essa conversa indireta. [cvi](#)

Transações de Compra e Venda

Na época do Buda, o 'grupo-de-seis' *bhikkhus* se engajou em comprar e vender usando dinheiro. Os leigos, vendo isso, e pensando que todos os bhikkus faziam o mesmo, começaram a reclamar dizendo: 'Como podem esses monges Budistas comprar e vender usando dinheiro, eles estão se comportando exatamente como os leigos que desfrutam dos prazeres dos sentidos.' A regra foi então estabelecida:

"Se um *bhikkhu* se engajar em compra e venda com dinheiro (significando, o que quer que seja usado como dinheiro) é [uma ofensa de Confissão com Confisco.] (Nis. Pac. 19; Nv p. 11)

"Obter ouro ou dinheiro através do comércio é [uma ofensa de Confissão com Confisco.]" (Resumo do Nis. Pac.19; BMC p.225)

Note a interpretação diferente nas traduções acima.

De acordo com os textos [cvii](#) isso incluiria investir dinheiro para um retorno monetário ou mesmo fazer a troca do dinheiro em uma outra moeda. (Para as complexidades disso veja BMC p.213-230)

Trocas ou negociações

A regra sobre os *bhikkhus* e a troca se originou no tempo do Buda assim:

Através da costura fina e do tingimento, o Ven. Upananda tinha a habilidade de transformar trapos em mantos de aparência atrativa. Um asceta errante queria um desses mantos e ofereceu o seu próprio manto que era de qualidade e caro em troca do lindo manto do Ven. Upananda feito de trapos. O Ven. Upananda perguntou se ele estava realmente seguro e então concordou com a troca. Mas, mais tarde o asceta errante mudou de idéia e foi até o Ven. Upananda para ter o seu manto de boa qualidade de volta. O Ven. Upananda se recusou a devolvê-lo. O asceta errante ficou com raiva e disse que até os leigos retornavam mercadorias inadequadas que haviam sido trocadas. Assim, essa regra foi criada:

"Se um *bhikkhu* se engajar em vários tipos de comércio, (o artigo obtido) deve ser confiscado e confessado." (Nis.Pac. 20; BMC p.225)

Coisas 'Intocáveis'?

Na época do Buda, um *bhikkhu* foi se banhar num rio e encontrou uma bolsa de dinheiro perdida por um brâmane. O proprietário retornou e para não ter que pagar a recompensa habitual fingiu que uma parte do dinheiro estava faltando suspeitosamente. A regra (Pac.84) portanto, proíbe os *bhikkhus* de pegarem valores perdidos.

Entretanto, existe uma exceção a esta regra. A qualificação é que se o *bhikkhu* encontrar valores no monastério ou no lugar onde ele vive, ele deve (e cai em uma ofensa se não o fizer) pegá-los e mantê-los em lugar seguro para o proprietário. Isso mostra que não é o objeto em si que é o problema – como se ‘por não tocá-lo alguém está livre dele’ – mas o cuidado que se deve ter para que a cobiça e apego não sejam atraídos de maneira a contaminar o objeto, e que uma pessoa não seja vítima da cobiça da outra pessoa.

O Comentário também proíbe os *bhikkhus* de tocar objetos impróprios, que incluem ouro, prata e objetos de valor. [cviii](#)

MORADIA

Moradia é o terceiro dos Requisitos (veja [Os Quatro Requisitos](#)) O Buda primeiro sugeriu [cix](#) que o *bhikkhu* deveria normalmente alojar-se ao pé de uma árvore onde ele pudesse se abrigar (o seu próprio Despertar aconteceu aos pés de uma figueira-dos-pagodes). Entretanto, mais tarde, quando o período do Retiro das Chuvas ficou determinado e os *bhikkhus* estavam mais estabelecidos depois das suas perambulações pela floresta, alojamentos ou kutis vieram a ser oferecidos e construídos. (De fato, aí, se tornou uma exigência permanecer num local mais abrigado durante os três meses do Retiro das Chuvas.) [cx](#) O *bhikkhus* podem voluntariamente assumir práticas austeras (*tudong*). Estas são vistas mais usualmente entre os monges da floresta e são típicas desse modo de prática: por

exemplo, eles se alegram em viver na floresta, ao ar livre, em cavernas, no cemitério ou nos terrenos de cremação e quando ficam em monastérios ficam felizes em aceitar qualquer alojamento que lhes seja oferecido.

Alojamentos Luxuosos

A princípio, a *kuti* ou alojamento pode não ter sido muito mais do que uma cabana com um revestimento de reboco ou piso de argila. As regras foram formuladas em relação ao seu tamanho e luxo. Por exemplo, a sexta Regra *Sanghadisesa* – lembrem-se que essa é a segunda categoria de regras mais sérias que exige uma reunião formal da Comunidade – surgiu quando os *bhikkhus* estavam tendo cabanas extravagantes construídas por eles mesmos. Eles não tinham patrocinadores e estavam, portanto, esmolando materiais junto aos leigos, "dizendo, outra vez e outra vez, 'Dê-me isto, dê-me aquilo ...'" As pessoas ficaram sobrecarregadas com tanto esmolar e quando viam os *bhikkhus* vindo, qualquer *bhikkhu*, elas corriam deles e se escondiam.

"Construir uma cabana revestida de gesso – ou mandar construí-la, sem um patrocinador, destinada ao seu próprio uso, sem ter obtido a aprovação da Comunidade, é uma [ofensa séria que implica em reuniões da Sangha.]
Construir uma cabana revestida de gesso – ou mandar construí-la – sem um patrocinador, destinada ao seu próprio uso, excedendo o padrão de medidas, é também uma [ofensa séria que implica reuniões da Sangha.] (Resumo Sangh.6; BMC p.128)

O Comentário explica que deve ser uma estrutura consideravelmente permanente para se enquadrar nessa regra. Dependendo do quão longa se entenda deva ser o comprimento da antiga unidade métrica *sugata*, a *kuti* não deveria ter mais do que 3 por 1.75 metros. (Veja BMC p.125) A tradição do comentário coloca como sendo três vezes essa medida.

Mobília

Os *bhikkhus* têm permissão para ter uma cama baixa onde dormir e um banquinho onde sentar para evitar a umidade do chão de terra, mas geralmente os alojamentos são de piso de madeira (e em climas tropicais) o *bhikkhu* dorme no chão sobre um tapete comum. Em climas frios isso poderá ser ajustado usando os Grandes Critérios.

Evitar 'camas altas luxuosas' é também um aspecto dos Oito Preceitos [Veja o [Apêndice A](#)] para os leigos que vivem o celibato temporariamente.

(IV) Modo de Vida Correto para os *bhikkhus*

Ensinar o Dhamma

A vida de *bhikkhu* deveria ser dedicada para prepará-lo para ganhar insight no Dhamma. Só então ele terá a sabedoria para comunicar qualquer coisa de real valor para os outros, quando o tempo for apropriado e a audiência adequadamente receptiva. Um monge usualmente espera um convite para falar sobre o Dhamma, assim não haverá nenhuma dúvida sobre ele estar fazendo proselitismo. Ensinar o Dhamma entretanto não é fácil. Se for feito incorretamente pode causar mais mal-entendido do que entendimento.

A quarta regra de Confissão veio a ser estabelecida quando o grupo-de-seis monges ensinou o Dhamma aos leigos através de memorização, o que fez com que os leigos sentissem desrespeito pelos monges:

"Se um *bhikkhu* ensinar o Dhamma a uma pessoa não ordenada (alguém que não seja *bhikkhu*), repetindo junto palavra por palavra, é [uma ofensa de Confissão.]" (Pac.4; Nvp.14)

"Repetir o Dhamma palavra por palavra... foi o método para ensinar outros a memorizar quando não havia livros. Esse método foi usado anteriormente nos templos (tailandeses) e popularmente conhecido pelo nome de 'estudar os livros à noite'. O objetivo de proibir que se pronuncie (Escritura) junto é claramente mostrado na história original dessa regra de treinamento que foi para prevenir que os alunos desprezassem o professor." (Pât.1969 Ed. P.159)

Dezesseis das regras de Treinamento *Sekhiya* estabelecem como e para quem um *bhikkhu* deveria ensinar o Dhamma. Essas regras estão relacionadas também com o cerimonial de mostrar respeito, respeito não só pelo *bhikkhu*, mas mais importante ainda, pelo Dhamma que ele está ensinando. Os Grandes Critérios sugerem que os meios modernos de mostrar respeito e desrespeito estariam similarmente cobertos por essas regras. Essas regras proíbem um *bhikkhu* de ensinar qualquer pessoa que ele considere estar mostrando desrespeito pelo Dhamma. Aqui está um resumo desses Treinamentos *Sekhiya*:

"Eu não ensinarei o Dhamma a alguém que não esteja doente, mas que:

— tenha um guarda-chuva; um bastão de madeira (taco); uma arma nas mãos.

— esteja usando sandálias/sapatos (com sola de madeira); que esteja num veículo; que esteja numa cama (ou divã); que esteja sentado abraçando os joelhos; que tenha a cabeça envolvida (turbante); cuja cabeça esteja coberta; que esteja sentado num assento enquanto eu estiver sentado no chão; que esteja sentado num assento alto enquanto eu estiver sentado num assento baixo; que esteja sentado enquanto eu

estiver de pé; que esteja andando num caminho enquanto eu estiver andando ao lado do caminho." (*Sekhiya* 57-72; Veja BMC pp.505-508)

Como essas regras são observadas pode divergir em comunidades distintas. Algumas seguirão estritamente as regras acima, enquanto outras serão mais flexíveis de acordo com as condições modernas. Como o Venerável Brahmavamso observa:

"...Estas *Sekhiyas* asseguram que se ensine o Dhamma somente a uma audiência que mostre respeito. A pessoa não pode fazer uma exposição do alto de uma caixa de sabão no mercado... para passantes indiferentes. Entretanto, é comum hoje em dia no Ocidente, fazê-lo para uma audiência sentada, usando sapatos e talvez até mesmo um chapéu, ouvindo respeitosamente um orador (que faz a sua exposição) em pé com um atril à sua frente... e visto que a audiência se comporta respeitosamente de acordo com as normas existentes parece não haver razão pela qual um monge não possa ensinar o Dhamma em tal situação." (AB)

Roubo Através de Falsas Alegações

Se um *bhikkhu* mentir sobre as suas realizações espirituais, isso pode ser a base para uma ofensa de 'Derrota'. As circunstâncias que deram origem a essa Regra ocorreram durante a fome quando houve uma escassez de comida e muitos *bhikkhus* tiveram dificuldade para obter a comida de oferenda. Um grupo desses monges concebeu um esquema onde contaram para os leigos sobre as realizações dos 'estados humanos superiores' um do outro, mentindo deliberadamente para impressioná-los. Os leigos fizeram oferendas para esses *bhikkhus* 'especiais' pensando que isso traria um mérito maior e assim eles e as suas famílias ficaram sem comida para alimentar esses monges. Mais tarde, quando o Buda soube disso ele os repreendeu e os descreveu como o pior dos 'Cinco Grandes Ladrões' – monges imorais que obtêm a sua comida de oferenda como um ladrão. Ele estabeleceu:

"Um *bhikkhu* que se vangloria de ['estados humanos superiores'] que ele de fato não realizou, comete [uma ofensa de Derrota.]" (Pār. 4; Nv p.5)

"Mentir deliberadamente para uma outra pessoa que ele realizou um estado humano superior é [uma ofensa de Derrota.]" (Resumo Pār; BMC p.86)

O Comentário classifica 'estados humanos superiores' (*uttarimanussadhamma*) como: absorção meditativa (*jhana*) e certos poderes psíquicos (*abhiññana*) [cxi](#) ou o caminho e fruto que leva a *nibanna*.

Uma mentira deliberada é normalmente uma ofensa de Confissão (Pac.1), mas essa afirmação falsa deliberada de uma realização meditativa é classificada como a Ofensa 'Derrotadora' mais séria. Isso mostra quão mais prejudicial foi considerada.

Quando um *bhikkhu* 'considerado um guru' se promove falsamente como iluminado, sua mentira pode ser destrutiva não só para ele mesmo e seus seguidores, mas para o Budismo como um todo.

"Pode ser difícil imaginar nos dias de hoje porque alegar falsamente condições humanas superiores deve ser julgado tão severamente. Entretanto, através da reflexão de que os *bhikkhus* são totalmente dependentes da generosidade e boa vontade da credulidade dos leigos, pode-se avaliar melhor a situação. Ao alegar falsamente altas realizações espirituais um *bhikkhu* é um vigarista ou defraudador, mas do pior modo, uma vez que isso envolve fraude espiritual – lidando com os mais preciosos e profundos aspectos da existência humana." (HS ch.15)

Um *bhikkhu* não comete infração quando não tiver intenção de fazer reivindicações superiores, mesmo se isso for compreendido erroneamente ou mal interpretado. Se um *bhikkhu* estiver louco, acreditando nas suas delusões de grandiosidade de maneira psicótica e fizer reivindicações extravagantes da sua própria iluminação, ele recebe isenção dessa ofensa. [cxii](#)

A oitava regra de Confissão está intimamente ligada com esta de Derrota, mas alí a 'proclamação' é verdadeira. Ainda assim, entregar-se ao prazer dessa revelação aos leigos exige confissão, especialmente quando, como na história de origem, um *bhikkhu* assim o faz só para obter mais oferendas. O Buda criticou até mesmo a ostentação de realizações supranormais genuínas:

"Falar para uma pessoa não ordenada das suas realizações humanas superiores reais é [uma ofensa de Confissão.] Resumo da Regra, Pac. 8; BMCp.288)

Comportamento Adequado Fora do Monastério

Um *bhikkhu* pode ensinar de muitas maneiras, não só através da fala. Existe essa famosa ocasião mencionada nos textos em Pali quando Sariputa, o futuro discípulo mão direita do Buda, viu pela primeira vez um *bhikkhu* indo para a coleta de comida de oferenda:

"Sariputa o errante viu o Ven. Assaji indo para a coleta de comida de oferenda em Rajagaha: gracioso (...) com os olhos voltados para o chão, perfeito em cada movimento. Ao vê-lo o pensamento lhe ocorreu: 'Certamente, daqueles neste mundo que são *aranhants* ou que entraram no caminho do *arahant*, este é um deles. E se eu o abordasse e o questionasse..." (BMC p.490)

O semblante e conduta do Ven. Assaji foram um 'ensinamento' tão impressionante que Sariputa foi e se tornou um *bhikkhu* e um grande *arahant*.

Quando um *bhikkhu* entra num lugar público, ele se destaca devido aos mantos que usa. O que quer que faça é notado e reflete de volta na sua comunidade e na Sangha em geral. Como o Venerável Thiradhammo escreve:

"O estilo de vida do *bhikkhu* tem um único propósito de realizar *nibbana*. No esforço para esse fim, era reconhecido que certos tipos de comportamento são danosos, distraem, ou são simplesmente inúteis e são também inadequados para um mendicante de oferendas. Muitos tipos de comportamentos impróprios não são na verdade imorais, mas mais do que isso colocam a energia na direção errada ou são expressões de uma atitude descuidada. Alguns tipos de comportamento podem causar a perda da fé dos leigos, outras são imaturas ou infantis, outras más ou feias, e outras maldosas ou desagradáveis." (HS ch.17)

Assim, existem uma série de regras de treinamento para lembrar o *bhikkhu* sobre o procedimento correto. As primeiras vinte e seis regras de Treinamento *Sekhiya* cobrem o comportamento apropriado em lugares públicos. Elas podem também explicar o comportamento aparentemente antissocial de um *bhikkhu*, que pode não olhar no rosto de uma pessoa ou dizer imediatamente um "Bom Dia." Aqui está uma seleção:

"Quando em áreas habitadas, usarei o manto de baixo e o externo adequadamente; estarei coberto adequadamente; serei bastante contido em relação aos meus movimentos; mantereirei meus olhos olhando para baixo; sentarei fazendo pouco som [de voz]."

"Quando em áreas habitadas, não suspenderei meus mantos com um puxão; não andarei ou sentarei rindo alto; não andarei ou sentarei movendo-me impacientemente; não balançarei meus braços, não sacudirei minha cabeça; não colocarei minhas mãos nos quadris; não cobrirei minha cabeça com um tecido; não andarei na ponta dos pés; não me sentarei abraçando meus joelhos." (Veja BMC pp.490-494)

Existe sempre uma exceção nas Regras de Treinamento *Sekhiya* para "aquele que estiver doente" para que o *bhikkhu* possa, por exemplo, cobrir sua cabeça quando o tempo for insuportavelmente frio ou o sol perigosamente quente. O mesmo se aplica a calçados, que normalmente não deveria ser usados em áreas habitadas. [cxiii](#)

Socializar e Recurso Não Apropriado

'Sair para ir à cidade' não é apropriado para os *bhikkhus* e está incluído em várias regras. A octogésima quinta Regra de Confissão descreve como o 'grupo de seis' monges foram ao vilarejo à tarde e sentaram para uma conversa fútil de tal modo que os leigos compararam-nos aos chefes de família. Sair do monastério (exceto para a coleta de comida na parte da manhã) foi portanto regulamentado com esta regra:

"Entrar num vilarejo, vila ou cidade durante o período da tarde até o amanhecer, sem ter obtido licença de um *bhikkhu* disponível – a menos que haja uma emergência – é [uma ofensa de Confissão.] (Resumo Pac. 85; BMCp.470)

Pessoas ou lugares que são um 'local incorreto' para um *bhikkhu* estão divididos em seis tipos (EV,II, pp.178-180). Estes são: passar muito tempo socializando com 'mulheres não casadas' – viúvas e solteironas (divorciadas) ou com *bhikkhunis*. (Veja também as regras sobre [Falar com Mulheres.](#)) 'Local não apropriado' inclui também fazer companhia com aberrantes sexuais (*pandaka*), com prostitutas, e ir a botequins.

Um *bhikkhu* está proibido de ir ver e ouvir dança, canto e música. (Nas circunstâncias atuais isso também se refere a filmes, vídeos e TV, etc) Isso é semelhante ao Oitavo dos Dez Preceitos [Veja o [Apêndice A](#)]. (Veja EV, II, p.72)

"Na época do Buda a pessoa podia apenas ouvir música numa apresentação ao vivo – e portanto, ver canto e música. Entretanto, seguindo os Grandes Critérios, pareceria apropriado incluir formas contemporâneas de entretenimento como dança, canto e música na televisão, vídeos, rádio, gravadores e estéreos. De forma mais abrangente, isso se aplica a ver ou ouvir qualquer tipo de entretenimento como um 'chefe de família que desfruta de prazer'. Ouvir ou ver por educação é um outro assunto." (HS ch. 17)

Formas Incorretas de Comportamento

Conduta brincalhona e não apropriada (*anacara*) para um *bhikkhu* é, por exemplo, brincar como uma criança com brinquedos ou jogos, etc.; ou fazer guirlandas de flores, etc.

Os *bhikkhus* também estão proibidos de estudar ou falar sobre o 'conhecimento inferior animalesco' (*tiacchana-vijja*).

"A explicação de [conhecimento inferior animalesco] parece cobrir todos os assuntos gerais que não estão relacionados com o Dhamma dos *bhikkhus*. Esses são: conhecimentos de feitiços para fazer com que homens e mulheres se amem uns aos outros; conhecimento para fazer com que esta ou aquela pessoa caia em desgraça; conhecimento para usar espíritos ou mostrar vários tipos de magia; conhecimento de profecias, assim como saber com antecedência os resultados da loteria; conhecimentos que levam à auto-delusão, assim como transformar o mercúrio para obter o sobrenatural, como na transmutação da prata e cobre em ouro.

"Esses conhecimentos são [conhecimento inferior animalesco] porque eles são conhecimentos de coisas duvidosas que são enganosas ou delusivas, não sendo um

conhecimento verdadeiro. Um professor disso é um enganador e um aluno é o que pratica para enganar ou é um grande tolo, uma pessoa deludida." (EV,II,pp.120-121)

Modo de Vida Incorreto

Modo de vida incorreto para um *bhikkhu* está dividido em duas categorias:

Uma categoria diz respeito a um *bhikkhu* que busca viver de um modo que é também considerado incorreto pelas normas mundanas. Por exemplo, roubar e enganar os outros através de alegações que ele é iluminado e com isso receber oferendas e apoio devido à crença das pessoas. (Veja [Roubo através de Falsas Alegações](#)).

A segunda categoria envolve um modo de vida incorreto de acordo com o Vinaya. Por exemplo: esmolar ou pedir para uma pessoa inadequada ou numa hora não apropriada (veja [Convite](#)); pensar em ganhar algo dando pouco, mas esperando muito em retorno; investir para ganhar juros; ganhar a vida através do comércio, por exemplo, dando tratamento médico para obter recompensa. [cxiv](#)

Igualmente, buscar recompensa através de: "cerimônia de [entoação de cântico] *paritta* (versos de proteção), que consiste em, produzir água benta e o cordão sagrado, soprar uma fórmula encantada encima de uma pessoa por um *bhikkhu* é também proibido... É permitido somente recitar o *paritta* [versos de proteção], mas isso também ocorre mais tarde e não é encontrado em Pali [textos] ... [Isso é modo de vida incorreto e um] *bhikkhu* que busca a sua sobrevivência dessa maneira é chamado *alajji*, 'aquele que não tem vergonha.'" (EV,II p.129)

Corromper Famílias

Uma regra *Sanghadisesa* muito grave (que requer reuniões formais da Comunidade) sobre 'corromper famílias' [cxv](#) diz respeito ao tipo de relacionamento apropriado que os *bhikkhus* deveriam desenvolver com os seguidores leigos.

Ela se originou quando dois do grupo de seis monges, transgressores frequentes, negligenciaram a sua prática do Dhamma e se comportaram incorretamente [cxvi](#) para se tornarem populares entre os leigos. Os leigos vinham desfrutar de monges sociáveis e brincalhões, tanto que quando monges, que seguiam a prática correta, mais serenos, apareceram, eles foram considerados pretenciosos e enfadonhos.

"Se um *bhikkhu* corromper famílias – em outras palavras, se ele lisonjear e bajular leigos – e outros *bhikkhus* conduzirem-no para fora do monastério e por isso ele os criticar, e se um outro *bhikkhu* então lhe disser que ele não deve fazer isso, mas ele não ouvir, a Sangha deveria recitar [um advertência formal] para induzi-lo a abandonar esse modo de comportamento. Se ele não o

abandonar, isso [implica em reunião inicial e subseqüentes da Comunidade]"
(Sangh.13;Nvp.7)

Um *bhikkhu* culpado de favorecer habitualmente essas práticas (algumas vezes chamada de 'conduta indigna e baixa' ou *papasamacara*) deveria ser 'banido' da sua Comunidade em particular até que ele se corrija.

É claro, um *bhikkhu* pode se envolver nos assuntos dos leigos se isso se relacionar com os deveres religiosos. Além disso: "as obrigações com relação à mãe e ao pai, ou de pessoas que se preparam para serem ordenadas, chamadas *pandupalasa*, (literalmente, folhas amarelas, prontas para cair da árvore), ou do seu próprio *veyavaccakara* (administrador, patrocinador, aluno) pode ser feito por ele, mesmo que estas estejam desassociadas dos deveres religiosos." (EV, II, pp.121-122)

O relacionamento entre o *bhikkhu* e seu patrocinador deveria ser muito especial: "... Um *bhikkhu* que é aperfeiçoado na boa conduta não se rebaixa para se tornar íntimo de uma família da mesma maneira que um leigo o faz. Ele não é agressivo ou destrutivo, mas mostra um coração cheio de amor-bondade e se conduz moderadamente, fazendo, desta maneira, com que a boa fé e a reverência surjam neles em relação a ele mesmo. Ele é então chamado *kuylapasadako* (aquele em quem as famílias têm fé). Ele é o esplendor do [Ensino]..."

"Os *bhikkhus* que não são rigorosos na sua prática se rebaixam para se tornarem homens moralmente inferiores, mas *bhikkhus* excessivamente rigorosos não estão interessados em mostrar [compaixão] para ajudar os chefes de família de várias maneiras." (EV, II, pp.123-124)

Modo de vida incorreto de um *bhikkhu* também inclui:

"entregar mensagens e fazer pequenas tarefas para reis, ministros de estado, chefes de família, etc. Um exemplo moderno seria participar de campanhas políticas." (BMC p.152)

Intrometer-se nas Famílias

O sentido de uma das regras de Confissão é incerto – como pode ser visto pelas diferentes traduções abaixo – mas pode explicar porque *bhikkhus* visitantes podem ficar relutantes em invadir o espaço da família.

A Quadragésima terceira Regra de Confissão (Pac.43) surgiu da visita do Ven. Upananda a um homem e sua mulher que estavam sentados juntos na cama deles. O marido disse para a sua mulher para dar ao Ven. Upananda uma refeição e quando tivesse terminado, que ela solicitasse ao monge que se retirasse. A mulher notou que o marido estava ficando sexualmente excitado, e não desejando participar, pediu ao

Ven, Upananda para ficar. Ele ficou. Isso aconteceu três vezes depois do que o marido saiu enraivecido, indignado com o comportamento do Ven. Upananda.

A Regra tem sido compreendida de maneiras um tanto diferentes:

"Se qualquer *bhikkhu* entrar e sentar-se no (quarto de) uma família com ambas as pessoas, (o homem e a mulher, presentes, e um deles não concordar com a permanência dele), isso implica numa ofensa de Confissão." (Pac. 43; Pāt, 1969 ED.p.163)

"Sentar, introduzindo-se, nos aposentos privados de um homem e de uma mulher – quando um ou ambos estão sexualmente excitados, e quando um outro *bhikkhu* não estiver presente – É [uma ofensa de Confissão.]" (Resumo Pac. 43; (BMC p. 385)

"Se um *bhikkhu* sentar-se, introduzindo-se numa família, enquanto eles estão comendo, é [uma ofensa de Confissão.]" (Pac.43; NVp19)

"Um monge que se introduz e senta-se numa casa onde o marido e a mulher estão sozinhos desfrutando da companhia um do outro, comete [uma ofensa de Confissão.]" (Pac.43; BBC p.128)

(V) Diversos

Disputas

Quando o Buda foi viver em Ghositarama, na cidade de Kosambi, ele viu que uma disputa tinha surgido entre os *bhikkhus*. Um grupo de monges subordinados a um 'especialista em Vinaya' acusou o líder 'expositor do Dhamma' (de um outro grupo) de uma ofensa relacionada a uma transgressão menor. O *bhikkhu* 'expositor do Dhamma' não queria admitir isso, assim uma discórdia surgiu entre os dois grupos. (Veja também [Severidade e Culpar os Outros](#)) Mesmo quando o Buda apontou para ambos os grupos os perigos disso e como colocar o assunto de modo apropriado, eles ainda assim não puderam concordar. Então o Buda deixou-os e foi viver sozinho na Floresta de Rakkhitavan.

Os leigos de Kosambi culpavam os *bhikkhus* briguentos de causarem a partida do Buda e como consequência eles concordaram conjuntamente em não prestar respeito a esses *bhikkhus*.

Quando os *bhikkhus* viessem às suas casas, eles não dariam a comida de oferenda, pedindo que eles 'se fossem, que deixassem a vida de *bhikkhu*, ou então que retornassem ao modo de prática que agradava ao Buda.' Depois desse tratamento,

ambos os grupos de *bhikkhus* se tornaram razoáveis e concordaram em ver o Buda, quando então a disputa foi adequadamente resolvida. (Veja EV, III, p.129)

Um conjunto de procedimentos formais foi estabelecido para resolver disputas dentro da Comunidade que estão resumidos nas regras da *Adhikaranasamatha*, as últimas sete das 227 Regras do *Patimokkha*. (Veja o [Apêndice B, Harmonia da Comunidade](#))

As Escolas do Budismo

Para uma pessoa de fora, uma das características mais notáveis do Budismo é a grande quantidade e diversidade de escolas no Budismo. Quando disputas (tais como a descrita acima) ficam sem resolução, existe uma tendência para a formação de *nikaya* ou 'escolas' que são passadas através da 'linhagem de ordenação' para gerações futuras de *bhikkhus*. Historicamente, como o budismo se espalhou por toda a Ásia [cxvii](#), a prática das Comunidades locais se adaptou gradualmente a novas circunstâncias. As pequenas divergências originais cresceram de tal modo que hoje, não só temos as principais Escolas do 'Sul' (Theravada) e as do 'Norte' (Mahayana, Tibetana) e as do 'Leste' (Mahayana, Chan, Son, Zen, etc.), mas também uma quantidade inumerável de diferenças locais.

"Tempos mais tarde, quando os distintos grupos se tornaram estabelecidos em lugares fora das terras originais, aquelas duas [escolas] se tornaram muito distantes, tanto nos textos como na linguagem dos cânticos, até no vestuário e costumes – compare por exemplo, os monges vietnamitas com o monges tailandeses." (EV,III p.230)

"[Na Escola Theravada,] isso chegou a um ponto em que as entoações usadas ao falar o *Pali* [linguagem] diferiam: tais como na Tailândia, Sri Lanka, Burma e os Mons, por exemplo. Cada grupo afirma que o modo deles é melhor do que o dos outros grupos. Mesmo que tenham contato uns com os outros, eles não são unidos como um grupo único e, [escolas] menores surgem desses grupos determinadas de acordo com a nacionalidade...

"Nessas [escolas] nacionais, algumas prosperam em determinados momentos, enquanto outras tomam-nas como modelo a ser seguido... [por] alguns *bhikkhus* que requisitam entrada naqueles grupos pedindo uma nova ordenação ou reordenação ... A [escola] que pratica os métodos de uma outra [escola] promove ainda novas diferenças no seu método até que elas se tornem uma [escola] separada. Estas adotam nomes diferentes da sua nacionalidade tais como a [Tailandesa] Mahanikaya e Dhammayuttika-nikaya; a Birmanesa Culaganthii e Mahhaganthi. [Não se pode mais encontrar esses nomes, agora são a Sudhamma Nikaya (o grupo maior), a Shwegyin Nikaya e a pequena Dvara Nikaya]; e a Upalivamsa, Maramavamsa e Ramannavamsa do Sri Lanka. (Agora, mais frequentemente conhecida como Siam Nikaya, Amarapura Nikaya, e Ramanna Nikaya.)" (EV,III,pp.230-231)

Parece ser uma tendência natural para as comunidades de prática mais rígida atrair mais respeito dos leigos e portanto mais apoio – incluindo mais auxílio material. [cxviii](#) Entretanto, como ‘luxos tendem a se tornar necessidades’ existe com frequência um declínio correspondente na prática do Vinaya.

O próximo estágio parece ser que quando a prática do Vinaya tenha se deteriorado a ponto da negligência, um grupo de monges será espontaneamente atraído de volta para os mais altos padrões e irá viver junto num monastério para colocá-los em prática formando finalmente um novo grupo ou *nikaya*. Essa prática mais rígida atrai apoio dos leigos e isso força as comunidades mais negligentes a modificarem as suas práticas. E aí, à medida que os padrões declinam...

Uma outra maneira pela qual a prática local do Vinaya é rejuvenescida é através da importação de monges de prática rigorosa para formar uma comunidade modelo. Por exemplo, os monges Singaleses foram convidados para o Siam há mais de quinhentos anos, e alguns séculos mais tarde os monges Tailandeses foram convidados de volta para o Sri Lanka depois que a Sangha local havia se extinguido.

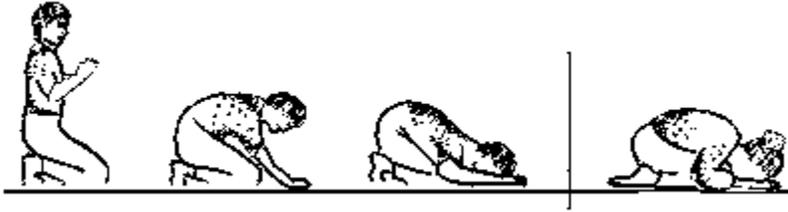
Convidar monges estrangeiros para reformar a prática local era frequente devido à instigação do rei Budista e parece que funcionava muito bem. No entanto, tentativas feitas pelas autoridades centrais para reunir forçosamente as suas escolas locais de monges (*nikayas*), raramente tiveram sucesso, especialmente por que o Budismo não favoreceu o uso da violência na repressão religiosa. O que sempre acontece é que ao invés de fundir duas *nikayas* em uma, isso acaba forçando a formação de uma outra escola. Passando então a serem três – as duas originais mais uma nova escola combinada. Isso acontece provavelmente por que a Sangha tem uma estrutura de comunidade local que é orientada pelo Vinaya para a maioria dos *bhikkhus*. Assim, o Vinaya, mais do que uma autoridade central, é o que une os grupos.

Etiqueta/Cerimonial

O Buda permitia muitas maneiras de mostrar respeito aos outros ‘para a beleza e pelo bem da comunidade (de ambos, monges e leigos).’ Elas incluem:

Vandanā – curvar – se ou ‘mostrar reverência com os cinco pontos,’ isto é, a testa, dois antebraços e os dois joelhos. [cxix](#)

Curvar-se em *Vandanā* no estilo Tailandês



Note que os movimentos masculinos e femininos começam e terminam um pouquinho diferentes.

- i. *utthana* — em pé para dar as boas-vindas. [cxx](#)
- ii. *añjali* — juntando as palmas das mãos em respeito
- iii. *samicikamma*, quaisquer outras maneiras de mostrar respeito que são bonitas e boas. (Veja EV,II,p.78)

Um outro modo antigo de mostrar respeito é andar em volta do objeto de veneração três vezes no sentido horário – de modo que o ombro direito da pessoa esteja voltado na direção, por exemplo, da cetiya, árvore figueira-dos-pagodes, ou pagoda. [cxxi](#)

Em muitas partes da Ásia é considerado extremamente rude apontar os pés [cxxii](#) para qualquer pessoa ou qualquer objeto religioso. Um exemplo encontrado na Regra de Confissão 51 (Pac. 51) onde um *bhikkhu* excepcionalmente habilidoso foi embebedado e no seu entorpecimento voltou e apontou seus pés na direção do Buda.

Os *bhikkhus* usam esses modos de etiqueta para mostrar respeito aos que têm sido *bhikkhus* por mais tempo do que eles, independentemente da sua idade. [cxxiii](#) Um *bhikkhu* ‘mais novo’ pode chamar um outro *bhikkhu*, “*Bhante*” (“Venerável Senhor” ou “Reverendo Senhor”), e, da mesma maneira, uma pessoa leiga pode usar isso como uma forma geral para se dirigir aos *bhikkhus*. Cada país terá seu próprio modo de se dirigir aos mais velhos e aos *bhikkhus* mais seniores que seja apropriado à idade e experiência deles. (Veja abaixo.)

Nomes e Formas de Tratamento

Durante a sua ordenação, o *bhikkhu*-candidato é perguntado formalmente qual o seu nome. Seu preceptor (usualmente) ter-lhe-á dado um nome em *Pali* e esse é o que ele usará. No entanto, mais tarde, em ocasiões menos formais, ele pode ser tratado de modo diferente. Essa variedade de termos de tratamento pode ser bastante confusa para as pessoas não familiarizadas. Por exemplo, na Tailândia, o monge mais frequentemente usará o nome que lhe foi dado (desde antes da ordenação) com um honorífico precedendo-o apropriado à sua senioridade e posição como monge. [cxxiv](#) O nome em *Pali*, e o título se houver, seria adicionado em ocasiões mais

formais. Entendo que no Sri Lanka, e algumas vezes em Burma, é o lugar de origem ou residência do *bhikkhu* que pode ser prefixado ao seu nome em Pali.

Alguns monges podem usar a descrição *Bhikkhu* antes do nome em Pali (*Bhikkhu X*), enquanto outros o usarão como um sufixo (*X Bhikkhu*). Se eles estiverem usando os mantos há mais de dez anos, poderão usar *Thera* (Ancião) e se for muito sênior, *Mahathera*. (Veja também [Tornar-se um Bhikkhu](#))

Existem muitos outros títulos e classificações para os *bhikkhus* seniores. O rei (na Tailândia) ou governo em geral os confere em reconhecimento pelo serviço ou habilidade administrativa. Quando a administração de todos os *bhikkhus* do país é parte de um dos departamentos do governo central, pode então ser dividida em regiões e distritos sob a supervisão dos ‘respeitáveis’ monges seniores locais. Por outro lado, a base de tudo isso é o Vinaya que ainda guia o modo tradicional de vida do *bhikkhu*, sem classe ou privilégio, e permanece como o fundamento para a continuação da prática do Dhamma como tem sido nesses últimos vinte e cinco séculos.

* Provavelmente a forma de tratamento mais universalmente aceitável para qualquer *bhikkhu* é "*Bhante*" ou "Venerável Senhor."

Pavarana (Convites) e suas Histórias de Origem

(i) O filho de um grande mercador estava tão inspirado pela palestra do Dhamma do Ven. Upananda que fez um convite relacionado aos quatro requisitos, em que o Ven. Upananda pediu um dos pedaços de tecidos que o leigo estava na verdade usando. O leigo respondeu que traria um outro tecido de casa porque andar por aí com apenas um tecido não era adequado para ele. Não obstante, o Ven. Upananda se tornou tão insistente que o leigo teve de dar o tecido. As pessoas criticaram os monges por serem cobiçosos e não serem razoáveis nos seus pedidos. A regra resultante pode ser resumida:

“Pedir e receber de um leigo, sem parentesco, material para o manto, exceto quando um dos mantos tenha sido roubado ou destruído, é [uma ofensa de Confissão com confisco].” (Nis.Pac.6; BMC pág. 189)

(ii) Se ele mendigar e obtiver o manto, ele deve entregá-lo para um outro *bhikkhu* e confessar a ofensa. Quando as circunstâncias forem tais que ele tenha permissão para pedir um manto, ele não deve pedir mais do que dois mantos. Isto é tratado na próxima Regra:

“Pedir e receber de leigos, sem parentesco, material em excesso para o manto, quando os mantos do *bhikkhu* tenham sido roubados ou destruídos é [uma ofensa de Confissão com Confisco]. Resumido Nis.Pac.7; BMC pág.192)

(iii) A Oitava Regra (*Nissaggiya Pacittiya 8*) surgiu porque um *bhikkhu* ouviu um dos patrocinadores do Ven. Upananda dizendo que pretendia lhe dar um manto. O *bhikkhu* foi e contou para o Ven. Upananda, depois do que o Ven. Upananda visitou (sem ser convidado) o ‘doador’ e especificou exatamente que tipo de manto ele queria. O leigo patrocinador comentou, “esses monges são insaciáveis e não se contentam facilmente. Como pode ele, sem primeiro ter sido convidado por mim, fazer exigências sobre um manto?”

“Quando um leigo que não for parente estiver planejando obter um manto para alguém, mas ainda tiver que perguntar que tipo de manto ele quer: receber o manto depois de fazer o pedido que aumentaria o seu custo é [uma ofensa de Confissão com Confisco.]” (Resumo: Nis.Pac. 8; BMC pág. 195)

(iv) A vigésima sexta Regra de Confissão com Confisco:

“Se um *bhikkhu* pedir fios para um leigo, que não é um parente e que não tenha feito um [convite] *pavarana*, e aí consegue que o manto seja tecido por tecelões, é [uma ofensa de Confissão com Confisco].” (Nis.Pac.26; Nv p.12)

(v) A vigésima sétima Regra de Confissão com Confisco:

“Se um leigo, que não é parente e que não tenha feito um [convite] *pavarana*, pedir aos tecelões para tecerem um material para um manto para o *bhikkhu*, se aí o *bhikkhu* instruir os tecelões dizendo que se eles o fizerem melhor do que eles fariam, ele dará a eles uma recompensa, isso é [uma ofensa de Confissão com Confisco.]” (Nis.Pac 27; Nv p.12)

Embora essas Regras sejam sobre o material do manto, *bhikkhus* conscienciosos considerariam outros requisitos com o mesmo espírito.

Outros comentários sobre os medicamentos tônicos

“Alguns dizem que *navanitam* é manteiga, outros dizem que é queijo. Entretanto, existe um argumento razoável seguindo os Quatro Grandes Critérios do Buda (*Mahavaga*, capítulo 6 verso 40) que estabelece que manteiga e queijo são suficientemente similares à verdadeira *navanitam* e diferentes daquilo que não tenha sido permitido pelo Buda, fazendo com que a manteiga e o queijo também sejam permissíveis, juntamente com a *navanitam* como um dos Cinco Tônicos. No Ocidente, queijo é algumas vezes considerado como comida, e monges que são vistos comendo queijo podem ser mal vistos por algumas pessoas leigas. Parece melhor em algumas situações fazer uso somente da permissão para comer queijo à tarde ou à noite quando houver mais do que um mero cansaço, mas ao invés disso, uma doença debilitante.

“... Pode ser que o [tônico] medicamento seja abandonado, sem esperar o seu benefício, antes que sete dias tenham transcorrido; nesse caso, se, sem nenhuma sugestão do monge, ele for oferecido novamente, esse medicamento pode ser aceito e mantido por mais sete dias. (AB)

“Esses cinco medicamentos são definidos como:

- i. *sappi*: ghee, manteiga clarificada, um óleo fino usado na cozinha indiana; obtida do processamento do leite da vaca, cabra, búfalo ou outro animal cuja carne seja permitida;
- ii. *navanita*: manteiga/queijo• fresco feito do leite de qualquer animal cuja carne seja permitida;
- iii. *telam*: óleo, vegetal ou animal;
- iv. *madhu*: mel de abelha;
- v. *phanita*: açúcar, frequentemente traduzido como “melaços”, porém isso parece uma definição bastante limitada; quando o açúcar de cana é mencionado especificamente, parece que o que se quer dizer é todos os tipos de açúcar**. Açúcar de cana era provavelmente a fonte original do açúcar e teria sido num estado bastante bruto muito parecido com o jaggery (rapadura) do Sri Lanka e o ‘num oy’ da Tailândia. (HS cap.10)

*Feito com coalhos fermentados... similar à manteiga pasteurizada dos dias de hoje e como o queijo é também processado com coalhos, muitos *bhikkhus* incluem queijo nessa categoria também (na Tailândia, o nome para manteiga e queijo é o mesmo – manteiga é a variedade ‘macia’ e o queijo a variedade ‘dura’). Uma complicação com isso é que no Ocidente queijo é considerado uma comida substancial. Assim, se usado como um tônico deverá ser consumido com moderação.” (HS notas Finais)

** Nessa lista estaria incluído ‘água com açúcar’ e muitas comunidades permitiriam ‘limonada’ e outras bebidas não alcólicas.” (HS notas Finais)

O que Buda disse sobre *Bhikkhus* e dinheiro

“Quem quer que concorde com ouro ou dinheiro, chefe, concorda também com as cinco ramificações do prazer sensual e quem quer que concorde com as cinco ramificações do prazer sensual, chefe, você pode ter como certo que esse não é o caminho de um recluso, que esse não é o caminho de um monge Budista.” (Veja P.T.S. Kindred Sayings, Vol. 4 pág.232)

“Um *bhikkhu* que não aceita dinheiro inspira grande fé no Budismo entre os leigos; de acordo com a seguinte citação ele é comparado a ‘um exemplo brilhante’ – enquanto que o *bhikkhu* que aceita dinheiro é comparado a uma ‘nódoa’ ou ‘mácula’:

“*Bhikkhus*, ... existem essas quatro máculas devido às quais contemplativos e brâmanes não brilham, não refletem luz, não brilham como uma chama. Quais são

essas quatro? Beber bebidas alcólicas... gratificar-se com relações sexuais... aceitar ouro ou dinheiro... obter os requisitos através de um modo de vida incorreto.” (A.II.53)” (AB)

“No ato de aceitar dinheiro ou fazer com que ele seja aceito em nome de alguém, a pessoa está aceitando todas as preocupações, responsabilidades e perigos que vêm junto com essa posse; no ato de arranjar um negócio, a pessoa está aceitando a responsabilidade pela legitimidade do negócio: que isso não deprecia nem a generosidade da pessoa que doou o dinheiro, nem as mercadorias e serviços da pessoa que recebe o dinheiro na troca.” (BMC pág.197)

Cetiyas

As *cetiyas* (ou estupa, chedi, algumas vezes pagode) são um dos mais antigos objetos usados como um foco de recordação e devoção para com o Buda. Buda-rupas (estátuas do Buda) vieram mais tarde através, provavelmente, da influência greco-bactriana. Portanto, existem diversas tradições e práticas:

“É uma tradição de *bhikkhus* e quem quer que entre na área da *cetiya*, que é um lugar de recordação do Mestre, deve se comportar de uma maneira respeitosa, não abrindo a sua sombrinha nem colocando sandálias, nem usando o [manto] cobrindo ambos os ombros. Eles não devem falar alto ali ou sentar com as suas pernas abertas com seus pés apontando (para a *cetiya*), não mostrando dessa forma respeito por esse lugar. Eles não devem evacuar ou urinar, cuspir nos terraços da *cetiya* (ou) diante de uma imagem do Sublime Buda, assim, o bom comportamento deles mostra respeito pelo Mestre.” (EV,II,pág.82)

Interpretações em sânscrito da Regra do *Patimokkha* contêm regras adicionais do Treinamento Sekhiya quase sempre relacionadas com as maneiras de mostrar respeito. Por exemplo, Regra 60 a 85 são todas relativas às Estupas do Buda:

Regra 63: Não usar sapatos de couro dentro da Estupa do Buda é uma regra que eu observarei;

Regra 77: Não carregar uma imagem do Buda dentro de um lavatório é uma regra que eu observarei;

Regra 84: Não sentar com meus pés para fora em frente de uma Estupa do Buda é uma regra que eu observarei.” (*Shaikshas* dos Preceitos do *Pratimoksha*)

Apêndices

Apêndice A: Preceitos leigos

Qualquer pessoa, de qualquer religião ou nenhuma, pode apreciar estas diretrizes práticas fundamentais sugeridas pelo Buda sobre as ações e a fala. Quando estamos

atentos para perceber que temos escolha em relação às nossas ações e fala, esses Preceitos estão aí para ajudar a responder as perguntas sobre, "O que devo fazer, o que devo dizer?" Eles são práticos e realistas e não requerem que a pessoa prometa primeiro acreditar em alguma coisa sobrenatural. Como as linhas das pistas na estrada, eles ajudam a pessoa a andar rapidamente na sua viagem sem colidir com qualquer outro viajante ou sair completamente fora da estrada.

Os Preceitos marcam de maneira direta o modo de vida que não prejudica ou causa sofrimento a alguém, enquanto oferece à pessoa a escolha de transformar a sua vida a partir da crescente atenção plena até a perfeita virtude, sabedoria e compaixão.

Os Cinco Preceitos

Os Cinco Preceitos formam um dos elementos essenciais ao seguir o Caminho do Buda. Aceitar esses Preceitos (e 'buscar refúgio') são frequentemente a primeira afirmação formal de um Budista. Isso é feito normalmente através da repetição das frases pronunciadas por um monge (em *Pali*):

"Eu tomo o preceito de treinamento:

- 1) de abster-me de matar seres vivos.
- 2) de abster-me de tomar o que não me for dado
- 3) de abster-me do comportamento sexual impróprio.
- 4) de abster-me da linguagem incorreta.
- 5) de abster-me de bebidas alcóolicas e outros intoxicantes que causam a negligência."

Os Oito Preceitos

Os Cinco podem ser aprimorados nos Oito Preceitos:

"Eu tomo o preceito de treinamento:

- 1) de abster-me de matar seres vivos.
- 2) de abster-me de tomar o que não me for dado
- 3) de abster-me do comportamento não casto.
- 4) de abster-me da linguagem incorreta.
- 5) de abster-me de bebidas alcóolicas e outros intoxicantes que causam a negligência.
- 6) de abster-me de comer nos horários proibidos (após o meio-dia)
- 7) de abster-me de dançar, ouvir música, ver espetáculos de entretenimento, usar ornamentos, usar perfumes e embelezar o corpo com cosméticos.
- 8) de abster-me de deitar em leitos elevados ou luxuosos."

Uposatha - Dias de Observação Especial de Preceitos

No Ocidente, o Shabbat – no sábado ou domingo – tem sido normalmente dia de observação especial da semana. No Budismo, que continua a seguir o calendário tradicional lunar [cxxv](#), o dia estabelecido para a observação religiosa especial acontece quinzenalmente, nos dias de lua cheia e nova, com os dias de um quarto de lua entre eles. [cxxvi](#) Esses dias de lua cheia e nova, chamados de Dias de *Uposatha*, são quando os *bhikkhus* se reúnem para ouvir a recitação das Regras do *Patimokkha*.

O dia de observância semanal que cai no dia de um quarto de lua é quando os devotos leigos se reúnem no monastério local para observar os preceitos mais estritamente e ouvir e falar sobre o Dhamma. O padrão básico e mínimo dos preceitos para Budistas leigos praticantes são os Cinco Preceitos. As pessoas que estão seguindo os Ensinamentos do Buda são conhecidos por *upasaka* (masculino) e *upasika* (feminino). [cxxvii](#) No entanto, no dia de Observância (ou outra ocasião especial), eles podem decidir fazer o treinamento com os Oito Preceitos, o que os traz mais próximos de como um monge ou monja praticam. [cxxviii](#)

Os Dez Preceitos

O noviço (*samanera*) tem os Dez Preceitos, assim como a monja *dasasila mata*. Eles são iguais aos Oito acima, no entanto, o sétimo preceito é dividido em dois e um décimo preceito extra é adicionado. Assim:

"Eu tomo o preceito de treinamento:

- 1) de abster-me de matar seres vivos.
- 2) de abster-me de tomar o que não me for dado.
- 3) de abster-me do comportamento não casto.
- 4) de abster-me da linguagem incorreta.
- 5) de abster-me de bebidas alcólicas e outros intoxicantes que causam a negligência.
- 6) de abster-me de comer nos horários proibidos (após o meio-dia).
- 7) de abster-me de dançar, ouvir música, ver espetáculos de entretenimento.
- 8) de abster-me de usar ornamentos, usar perfumes e embelezar o corpo com cosméticos.
- 9) de abster-me de deitar em leitos elevados ou luxuosos.
- 10) de abster-me de aceitar ouro e prata (dinheiro).

Apêndice B: As Outras Regras do *Patimokkha*

Esse livro tem sido principalmente focado nas 227 Regras do *Patimokkha* que são do interesse do devoto leigo. Aqui incluiremos um resumo da maior parte das regras

remanescentes tiradas da Introdução às Regras do *Patimokkha* do Venerável Thanissaro, onde ele agrupou as regras nessas categorias:

Fala Correta

Fazer uma acusação infundada a um *bhikkhu*, que ele cometeu uma ofensa *parajika*, na esperança de que ele abandone os mantos, é uma ofensa *sanghadisesa*. [Sangh.8]

Distorcer a evidência ao acusar um *bhikkhu* de ter cometido uma ofensa *parajika*, na esperança de que ele abandone os mantos, é uma ofensa *sanghadisesa*. [Sangh.9]

Fazer uma acusação infundada a um *bhikkhu* – ou fazer com que alguém outro faça a acusação por ele – que ele é culpado de uma ofensa *sanghadisesa* é uma ofensa *pacittiya*. [Pac.76]

Espalhar fofocas entre os *bhikkhus*, na esperança de ganhar favorecimento ou causar uma divisão no grupo, é uma ofensa *pacittiya*. [Pac.3]

Um insulto feito a um outro *bhikkhu* com intenção maldosa é uma ofensa *pacittiya*. [Pac.2]

Ação Correta

... Causar intencionalmente a sua própria emissão de sêmen ou fazer com que uma outra pessoa cause – exceto durante o sonho – é uma ofensa *sanghadisesa*. [.1]..

Depois de ter dado para um outro *bhikkhu* um manto sob uma condição e aí – irritado e descontente – tomá-lo de volta subitamente é uma ofensa *nissaggiya pacittiya*. [Nis.Pac.25]

Fazer uso de tecido ou de uma tigela guardada, que é propriedade compartilhada – a menos que a propriedade compartilhada tenha sido rescindida ou a pessoa esteja pegando o item em confiança – é uma ofensa *pacittiya*. [Pac.59]

Modo de Vida Correto

Manter um pedaço do tecido para costurar um manto por mais do que dez dias sem determiná-lo para um uso ou colocá-lo sob propriedade dupla – exceto quando no fim do *vassa* ou quando os privilégios da *kathina* estiverem em vigor – é uma ofensa *nissaggiya pacittiya*. [Nis.Pac.1]

Estar numa zona separada de qualquer de um dos três mantos ao amanhecer – exceto no fim do *vassa* ou quando os privilégios da *kathina* estiverem em vigor, ou

quando o monge tiver recebido uma autorização formal da Comunidade – é uma ofensa *nissaggiya pacittiya*, [Nis.Pac 2]

Manter tecido recebido fora de época por mais de 30 dias quando não for suficiente fazer um pedido e houver expectativa de mais – exceto quando no fim do *vassa* e os privilégios da *kathina* estiverem em vigor – é uma ofensa *nissaggiya pacittiya*. [Nis.Pac.3]...

Quando dois ou mais leigos que não forem parentes de uma pessoa estiverem planejando obter mantos separados para ela, e ainda tiverem que perguntar que tipo de manto ela deseja: Receber um manto deles depois de pedir-lhes para juntarem fundos para comprar um manto – devido ao desejo de ter algo fino – É uma ofensa *nissaggiya pacittiya*. [Nis.Pac.9]

Fazer um cobertor/tapete de feltro misturado com seda para uso próprio – ou conseguir que alguém o faça – é uma ofensa *nissaggiya pacittiya*. [Nis. Pac.11]

Fazer um cobertor/tapete de feltro totalmente de lã preta para uso próprio – ou conseguir que alguém o faça – é uma ofensa *nissaggiya pacittiya*. [Nis.Pac.12]

Fazer um cobertor/tapete com mais da metade da lã em cor preta para uso próprio – ou conseguir que alguém o faça – é uma ofensa *nissaggiya pacittiya*. [Nis.Pac.13]

A menos que a pessoa tenha recebido autorização da Comunidade para assim agir, fazer um cobertor/tapete para uso próprio – ou conseguir que alguém o faça – menos do que seis anos depois do seu último tapete ter sido feito é uma ofensa *nissaggiya pacittiya*. [Nis.Pac14]

Fazer um tapete de sentar de feltro para uso próprio – ou conseguir que alguém o faça – sem incorporar um pedaço de feltro velho de 23 cm é um ofensa *nissaggiya pacittiya*. [Nis. Pac.15]

Tentar obter e receber um tecido de banho das chuvas antes do quarto mês da estação quente é uma ofensa *nissaggiya pacittiya*. Usar um tecido de banho das chuvas antes das últimas duas semanas do quarto mês da estação quente é também uma ofensa *nissaggiya pacittiya*. [Nis. Pac.24]...

Manter um tecido de manto oferecido em situação de urgência, passado o fim do período dos mantos (*kathina*), depois de tê-lo aceitado durante os últimos onze dias do Retiro das Chuvas é uma ofensa *nissaggiya pacittiya*. [Nis. Pac.28].

Fazer uso de um manto não marcado é uma ofensa *pacittiya*. [Pac.58]

Obter um tecido de sentar exageradamente grande, depois de fazê-lo – ou conseguir que alguém o faça – para uso próprio é uma ofensa *pacittiya* que requer que a pessoa corte o tecido no tamanho certo antes de confessar a ofensa. [Pac.89]

Obter um tecido exageradamente grande para cobrir uma erupção cutânea, depois de fazê-lo – ou conseguir que alguém o faça – para uso próprio é uma ofensa *pacittiya* que requer que a pessoa corte o tecido no tamanho certo antes de confessar a ofensa. [Pac.90]

Obter um tecido exageradamente grande para o banho das chuvas, depois de fazê-lo – ou conseguir que alguém o faça – para uso próprio é uma ofensa *pacittiya* que requer que a pessoa corte o tecido no tamanho certo antes de confessar a ofensa. [Pac.91]

Obter um manto exageradamente grande, depois de fazê-lo – ou conseguir que alguém o faça – para uso próprio é uma ofensa *pacittiya* que requer que a pessoa corte o manto no tamanho certo antes de confessar a ofensa. [Pac.92]

Comida

Comer comida obtida do mesmo centro público de oferenda de comida dois dias consecutivos, a menos que a pessoa esteja muito doente para deixar o centro, é uma ofensa *pacittiya*. [Pac.31]...

Aceitar mais do que três tigelas cheias de comida que o doador preparou para uso próprio, para dar como presente ou como provisões para uma viagem é uma ofensa *pacittiya*. [Pac.34]

Comer comida de primeira necessidade ou não, depois de aceitá-la – quando a pessoa não está doente e tampouco foi convidada – na casa da família formalmente designada como "em treinamento," é uma ofensa *patidesaniya*. [Pat.3]...

Moradia

Quando um *bhikkhu* estiver construindo ou fazendo reparos numa habitação ampla para uso próprio, usando recursos doados por outra pessoa, ele não poderá reforçar a janela ou os batentes da porta com mais do que três camadas de material de cobertura ou gesso. Se exceder essa quantia, é uma ofensa *pacittiya*. [Pac.19]

Obter uma cama ou banco com pernas mais longas do que oito medidas aproximadas de uma polegada *Sugata* – ou mandar fazê-los – para o próprio uso é uma ofensa *pacittiya* que requer que a pessoa corte as pernas da cama ou banco antes de confessar a ofensa. [Pac.87]

Obter uma cama ou banco estofado com algodão, depois de montado – ou mandar fazê-los – para uso próprio é uma ofensa *pacittiya* que requer que a pessoa remova o estofamento antes de confessar a ofensa. [Pac.88]...

Tigelas e Outros Requisitos

Carregar lã que não tenha sido transformada em tecido ou fio por mais do que três léguas é uma ofensa *nissaggiya pacittiya*. [Nis.Pac.16]

Manter uma tigela de coletar comida mais do que dez dias sem determinar um uso para ela ou colocá-la como propriedade compartilhada é uma ofensa *nissaggiya pacittiya*. [Nis. Pac.21]

Obter uma caixa de agulha feita de marfim, osso ou chifre, depois de fazê-la – ou mandar fazê-la – para uso próprio é uma ofensa *pacittiya* que requer que a pessoa quebre a caixa antes de confessar a ofensa. [Nis. Pac.86]

Harmonia da Comunidade

Persistir na tentativa de um cisma, depois do terceiro anúncio de uma repreensão formal, numa reunião da Comunidade, é uma ofensa *sanghadisesa*. [Sangh.10]

Persistir no apoio a um cisma em potencial, depois do terceiro anúncio de uma repreensão formal numa reunião da Comunidade, é uma ofensa *sanghadisesa*. [Sangh.11]

Persistir numa atitude que torna difícil a admoestação, depois do terceiro anúncio de uma repreensão na Comunidade, é uma ofensa *sanghadisesa*. [Sangh.12]

Persistir – depois do terceiro anúncio de uma repreensão formal na Comunidade – por criticar um ato de banimento realizado contra ele mesmo é uma ofensa *sanghadisesa*. [Sangh. 13]...

Falar para uma pessoa não ordenada sobre uma séria ofensa de um outro *bhikkhu* – a menos que a pessoa esteja autorizada pela Comunidade para fazê-lo – é uma ofensa *pacittiya*. [Pac.9]

Responder persistentemente de modo evasivo ou manter silêncio ao ser questionado numa reunião da Comunidade, para ocultar as suas próprias ofensas – depois de uma acusação formal de evasivas ou falta de cooperativismo que tenha sido trazida contra a pessoa – é uma ofensa *pacittiya*. [Pac.12]

Se um oficial da Comunidade for inocente de uma acusação preconceituosa, criticá-lo de modo que isso possa ser ouvido por um outro *bhikkhu* é uma ofensa *pacittiya*. [Pac.13]

Quando a pessoa tiver colocado uma cama, banco, colchão ou assento que pertença à Comunidade ao ar livre: Deixar o local sem guardá-lo ou arranjar para que seja guardado é uma ofensa *pacittiya*. [Pac.14]

Quando a pessoa tiver posto a roupa de cama ao ar livre, numa habitação pertencente à Comunidade: Sair do monastério sem guardá-la ou arranjar para que a guardem é uma ofensa *pacittiya*. [Pac.15]

Invadir o lugar de dormir ou sentar de um outro *bhikkhu*, numa habitação pertencente à Comunidade, com o único propósito de deixá-lo desconfortável e forçá-lo a sair, é uma ofensa *pacittiya*. [Pac.16]

Ser a causa da expulsão de um *bhikkhu* de uma habitação pertencente à Comunidade – quando o motivo principal é raiva – é uma ofensa *pacittiya*. [Pac. 17]

Sentar ou deitar numa cama ou banco com pernas destacáveis, num loft não cercado de madeira, numa habitação pertencente à Comunidade, é uma ofensa *pacittiya*. [Pac. 18]

Enganar deliberadamente um outro *bhikkhu* através de truques fazendo com que ele transgrida a regra *Pacittiya* 35, na esperança de criticá-lo, é uma ofensa *pacittiya*.

Falar ou agir desrespeitosamente ao ser repreendido por um outro *bhikkhu* por transgredir uma das regras de treinamento é uma ofensa *pacittiya*. [Pac. 54]

Debater para reabrir uma questão, sabendo que foi tratada adequadamente, é uma ofensa *pacittiya*. [Pac.63]

Não informar outros *bhikkhus* de uma ofensa séria que a pessoa saiba que outro *bhikkhu* tenha cometido – seja por causa do desejo de protegê-lo da penalidade, ou para protegê-lo dos comentários zombeteiros de outros *bhikkhus* – é uma ofensa *pacittiya*. [Pac. 64]

Agir como preceptor na ordenação de uma pessoa que a pessoa saiba que tem menos de 20 anos é uma ofensa *pacittiya*. [Pac. 65]

Recusar-se a desistir do entendimento incorreto de que não existe nada de errado em transgredir intencionalmente as regras do Buda – depois do terceiro anúncio de uma advertência formal numa reunião da Comunidade – é uma ofensa *pacittiya*. [Pac. 68]

Juntar-se, unir-se em comunhão ou deitar sob o mesmo teto com um *bhikkhu* que tenha sido suspenso e não tenha sido restabelecido – sabendo que esse é o caso – é uma ofensa *pacittiya*. [Pac. 69]

Apoiar, receber serviços, unir-se ou deitar-se sob o mesmo teto com um noviço que tenha sido expulso – é uma ofensa *pacittiya*. [Pac. 70]

Dizer alguma coisa como subterfúgio para não praticar o treinamento estipulado na regra de treinamento, ao ser repreendido por um outro *bhikkhu*, devido à transgressão de uma regra é uma ofensa *pacittiya*. [Pac.71]

Criticar o treinamento na presença de um outro *bhikkhu*, na esperança de evitar o seu estudo, é uma ofensa *pacittiya*. [Pac.72]

Usar meias-verdades para fazer com que os outros acreditem que a pessoa não conhece as regras do Patimokkha, depois dela já ter ouvido o Patimokkha completo três vezes, e um ato formal expondo a fraude da pessoa ter sido declarado contra ela, é uma ofensa *pacittiya*. [Pac. 73]

Dar um golpe num outro *bhikkhu*, motivado pela raiva, é uma ofensa *pacittiya*. [Pac.74]

Fazer um gesto de ameaça contra um outro *bhikkhu* quando motivado pela raiva é uma ofensa *pacittiya*. [Pac.75]

Dizer para um outro *bhikkhu* que ele pode ter transgredido uma regra sem perceber, simplesmente com o propósito de causar ansiedade nele, é uma ofensa *pacittiya*. [Pac.77]

Ouvir secretamente *bhikkhus* envolvidos numa discussão sobre uma questão – com a intenção de usar contra eles o que eles dizem – é uma ofensa *pacittiya*. [Pac. 78]

Reclamar sobre um ato formal da Comunidade para o qual a pessoa deu seu consentimento – se ela souber que o ato foi realizado de acordo com a regra – é uma ofensa *pacittiya*. [Pac. 79]

Levantar e deixar uma reunião da Comunidade no meio de um ato formal válido – sem ter primeiro dado seu consentimento para o ato, e com a intenção de invalidá-lo – é uma ofensa *pacittiya*. [Pac. 80]

Depois de participar de um ato formal da Comunidade de doação de tecido para mantos para um monge da Comunidade: Reclamar que a Comunidade agiu com base em favoritismo é uma ofensa *pacittiya*. [Pac. 81]

Quando a Comunidade estiver lidando formalmente com uma questão, a Comunidade toda deve estar presente, bem como todos os indivíduos envolvidos na

questão; os procedimentos devem seguir os padrões estabelecidos no Dhamma e Vinaya. [*Adhikarana samatha*1]

Se a Comunidade unanimemente acredita que um *bhikkhu* é inocente de uma acusação feita contra ele, eles podem declará-lo inocente com base na memória dele sobre os eventos. [*Adhikarana samatha* 2]

Se a Comunidade unanimemente acredita que um *bhikkhu* estava louco ao cometer ofensas contra as regras, eles podem absolvê-lo de qualquer responsabilidade por ofensas. [*Adhikarana samatha* 3]

Se um *bhikkhu* cometer uma ofensa, ele deverá voluntariamente sofrer a penalidade apropriada de acordo com o que ele realmente fez e com a real seriedade da ofensa. [*Adhikarana* 4]

Se uma disputa importante não puder ser resolvida por uma decisão unânime, ela deverá ser submetida à votação. A opinião da maioria, se de acordo com o Dhamma e Vinaya, é então considerada decisiva. [*Adhikarana samatha* 5]

Se um *bhikkhu* admitir uma ofensa apenas depois de ser interrogado numa reunião formal, a Comunidade deverá realizar um ato de censura contra ele, revogando-o somente quando ele tiver reparado seus modos. [*Adhikarana samatha* 6]

Se, no curso de uma disputa, ambos os lados agirem de maneiras indignas de contemplativos, e a designação das penalidades só fizerem prolongar a disputa, a Comunidade como um todo pode fazer uma confissão abrangente das suas ofensas leves. [*Adhikarana samatha* 7]

As Regras do Contemplativo

...Entregar comida ou medicamento para um mendicante ordenado fora do Budismo é uma ofensa *pacittiya*. [Pac. 41]

Durante a coleta de comida de oferenda com um outro *bhikkhu*: mandá-lo de volta para que ele não testemunhe qualquer má conduta que a pessoa esteja planejando praticar é uma ofensa *pacittiya*. [Pac.42]..

Observar um grande contingente do exército – ou grande força militar similar – na ativa, a menos que exista uma razão adequada, é uma ofensa *pacittiya*. [Pac.48]

Ficar mais do que três noites consecutivas com um exército na ativa – mesmo quando a pessoa tenha uma razão adequada para estar ali – é uma ofensa *pacittiya*. [Pac. 49]

Ir a um campo de batalha, à chamada de presença, à uma série de tropas em formação de combate ou para ver uma revisão das unidades de combate enquanto a pessoa está ficando com o exército é uma ofensa *pacittiya*. [Pac. 50]...

Fazer cócegas em um outro *bhikkhu* é uma ofensa *pacittiya*. [Pac. 52]

Pular e nadar na água por diversão é uma ofensa *pacittiya*. [Pac.53]

Tentar assustar um outro *bhikkhu* é uma ofensa *pacittiya*. [Pac. 55]

Acender um fogo para se aquecer – ou conseguir que alguém o faça – quando a pessoa não necessita de calor por motivo de saúde é uma ofensa *pacittiya*. [Pac. 56]

Banhar-se mais frequentemente do que uma vez em duas semanas estando vivendo no meio do Vale do Ganges, exceto em certas ocasiões, é uma ofensa *pacittiya*, [Pac. 57]

Esconder a tigela de um outro *bhikkhu*, o manto, o pano de sentar, a caixa de agulha ou o cinto – ou conseguir que alguém o faça – como brincadeira ou com o propósito de irritá-lo, é uma ofensa *pacittiya*. [Pac. 60]

Viajar por arranjo com um grupo de ladrões de uma aldeia para outra – sabendo que eles são ladrões – é uma ofensa *pacittiya*. [Pac. 66]

Ingerindo a Comida Recebida

Ao comer, um *bhikkhu* deve:

Comer sua comida metodicamente, de um lado da tigela para o outro.

Comer curry de feijão somente na devida proporção em relação ao arroz.

Nivelar o seu arroz antes de comê-lo.

Evitar jogar fora – em áreas habitadas – a água de lavagem da tigela que contenha grãos de arroz. [*Sekhiya*]

Apêndice C: Pronúncia em Pali

Este apêndice [cxxxix](#) destina-se àquelas pessoas interessadas no idioma Pali e na pronúncia das várias palavras em Pali encontradas neste livro.

O alfabeto do Pali é feito de quarenta e uma letras. Elas estão divididas em oito vogais, trinta e duas consoantes e um som puramente nasal chamado *niggahita*

[o .m.]

As vogais

a como a pronúncia de abono (a pronúncia é mais curta)

ā como casa (a pronúncia é mais longa)

i como bico

ii como Alice

u como duque

uu como rude

e como rei

o como gol

As consoantes

k como kilo

kh como .k e .h aspirado

g como gato

gh como .g e .h aspirado

"n como singular

c como doce

ch como cheque

j como jóia

jh é um .j aspirado

ñ como canhoto

.t mais ou menos como um t anasalado

.th é um t aspirado

.d é mais ou menos um .d anasalado

.dh é um d aspirado

.n é mais ou menos um .n anasalado

t com estado

th como também

d como data

dh é um d aspirado

n como nome

p como pato

ph como p e h aspirado

b como barriga

bh é um b aspirado

m como moda

y como imóvel

ay como ainda

r como arado

l como lado

v como Wilson

s como sol

h como radical (pronúncia aspirada)

.l como fala

.m como

Os Ts e Ds dentais são pronunciados com a ponta da língua colocada contra a frente dos dentes superiores.

As consoantes aspiradas kh, gh, .th, .dh, th, dh, ph, bh, são pronunciadas com um som de h que segue imediatamente; por exemplo, blockhead, pighead, cat-head, log-head, etc., onde o h em cada uma é combinado com a consoante que o antecede na pronúncia.

Apêndice D: Exemplos da Prática do Vinaya

Este apêndice ilustra como as regras dos *bhikkhus* são praticadas na realidade em distintos mosteiros e comunidades. Cada exemplo é tirado do próprio guia da comunidade ou da experiência dos devotos.

Australia: Mosteiro Bodhinyana

Um Guia Budista para Leigos do Código de Conduta dos Monges [cxxx](#)

...Um *bhikkhu* deve ter todos os comestíveis e bebidas (incluindo os medicamentos) exceto água pura, formalmente oferecidos nas suas mãos ou colocados em alguma coisa em contato direto com as suas mãos. Para prevenir contato com uma mulher, ele geralmente colocará um lenço para receber coisas oferecidas por uma senhora... Na Tradição das Florestas da qual nossos monges residentes são parte, leite é considerado comida, como são as bebidas maltadas como Ovomaltine e Milo, assim nenhum desses seria permitido fora das horas apropriadas.

De acordo com a disciplina um *bhikkhu* está proibido de comer frutas ou vegetais que contenham sementes férteis. Assim, ao oferecer essas coisas, um leigo pode ou remover as sementes, ou fazer a fruta permissível danificando levemente a fruta com uma faca. Isso é feito perfurando a fruta e dizendo ao mesmo tempo, "*kappiyam bhante*" (que significa "Eu faço esta fruta permissível, venerável senhor.")

É instrutivo notar que mais do que limitar o que pode ser oferecido, o Vinaya coloca ênfase no como oferecer. Isso se refere à maneira apropriada de oferecer ou seja, quando a pessoa leiga aborda um *bhikkhu* numa distância de um antebraço, ela tem um modo respeitoso (assim, por exemplo, ela tentará estar numa posição mais baixa do que o *bhikkhu*) e está oferecendo alguma coisa que um *bhikkhu* possa carregar (!). Tudo isso serve para fazer do ato de oferecer um ato com plena atenção e reflexão independentemente do que a pessoa esteja dando – e faz com que uma grande alegria surja...

Os *bhikkhus* da Floresta geralmente fazem os seus próprios mantos do tecido que é dado. Algodão branco é sempre útil (pode ser tingido na cor ocre correta) ou lã para

o manto mais grosso (*ti*). Num clima frio, o 'triplo manto' básico do Buda é suplementado com suéteres, gorros, meias, etc., e estes, de uma cor apropriada, podem também ser oferecidos...

Os preceitos do *bhikkhu* não permitem que ele durma mais do que três noites com uma pessoa do sexo masculino, e nem mesmo se deite no mesmo aposento com uma mulher. Ao fornecer um quarto temporário por uma noite, a pessoa não precisa de uma grande quantidade de mobília, um quarto livre, simples, que seja privativo é adequado...

Um *bhikkhu* tem permissão para usar medicamentos se forem oferecidos do mesmo modo que a comida. Uma vez oferecido, nem a comida, nem o medicamento deve ser tocado novamente pela pessoa leiga, pois isto faz com que não sejam mais permissíveis.

Medicamentos podem ser considerados como: aquelas coisas que são específicas para uma doença; aquelas coisas que têm tônico ou qualidade restaurativa (como chá e açúcar); e certos itens que têm um valor nutricional em tempos de debilitação, fome ou fadiga (como queijo, sopa misô).

Existem limitações distintas referentes à quantidade de tempo durante o qual um *bhikkhu* pode armazenar tais 'medicamentos':

Permissão de um dia: Suco de fruta filtrado (isto é, sem polpa) de uma fruta menor do que um punho mediano. Esses sucos são permitidos, podem ser recebidos e bebidos a qualquer hora entre um amanhecer e o amanhecer do próximo dia – esse limite de tempo evita o perigo da fermentação.

Permissão de sete dias: Ghee, óleo animal ou vegetal, qualquer tipo de açúcar (incluindo melaços) e queijo podem ser mantidos e consumidos a qualquer hora até o amanhecer do oitavo dia depois que eles foram recebidos.

Permissão para a 'vida toda': medicamentos farmacêuticos, vitaminas, plantas-raízes, tais como o gengibre; decocções, tais como a camomila; bebidas tais como chá, café e chocolate...

O monge não requisita comida nunca. Esse princípio deverá ser mantido em mente ao oferecer comida – mais do que perguntar ao monge o que ele gostaria, é melhor perguntar se você pode oferecer alguma comida. Considerando que uma refeição será a refeição do dia, ofereça o que parece certo reconhecendo que o *bhikkhu* pegará o que ele necessita e deixará o resto. Uma boa maneira de oferecer é trazer tigelas de comida para o *bhikkhu* e deixá-lo escolher o que ele precisa de cada tigela.

Pode-se também fazer um convite, '*pavarana*,' para cobrir quaisquer circunstâncias das quais você possa não estar ciente – um problema de saúde, necessidade de uma escova de dente, etc., dizendo, "*Bhante*, se o senhor precisar de qualquer medicamento ou requisito, por favor, me avise." Para evitar mal-entendidos, é

melhor ser bem específico, assim - "*Bhante*, se o senhor precisar de mais comida..., " "Se o senhor necessitar de um par de sandálias... " A menos que especificado, um convite só pode ser aceito em até quatro meses, depois do que caduca a menos que seja renovado. Especificar o limite de tempo ou dar alguma indicação do escopo da oferta é bom para evitar mal-entendidos – para que, por exemplo, quando você estiver querendo oferecer um pouco de suco de fruta, o *bhikkhu* não tenha a impressão de que você quer comprar uma máquina de lavar para o monastério!...

Em termos práticos, os monastérios são controlados financeiramente por administradores leigos, que então fazem um convite aberto para pedir o que eles necessitam sob a direção do Abade. Assim, até os monges júniores têm de pedir para um agente designado (geralmente um *bhikkhu* sênior ou Abade) se eles podem aceitar a oferta do administrador – para pagar um tratamento dental, obter calçados ou medicamentos, por exemplo. Isso significa que, dentro do que é razoavelmente possível, as doações dadas aos administradores para auxiliar a Sangha não sejam desperdiçadas em caprichos desnecessários.

Se uma pessoa leiga desejar fazer uma doação para um *bhikkhu* em particular, mas tem dúvida sobre o que ele necessita, ela deve fazer um convite. Quaisquer doações financeiras não devem ser feitas para o '*Bhikkhu X*', mas para os administradores do monastério, talvez mencionando se é para um item em particular ou para as necessidades de um certo *bhikkhu*. Para itens tais como despesas de viagem, o dinheiro pode ser dado para um *anagarika* acompanhante (vestido de branco) ou uma pessoa leiga acompanhante, que pode comprar ingressos, bebidas para a viagem, ou qualquer outra coisa que o *bhikkhu* possa precisar nessa ocasião. É um bom treinamento para uma pessoa leiga considerar realmente quais itens são necessários, e oferecê-los ao invés de dinheiro...

Os *bhikkhus* devem ter uma pessoa do sexo masculino presente, que possa compreender o que está sendo dito quando ele conversar com uma senhora, e numa situação semelhante o mesmo se aplica para as monjas...

Assim, para evitar mal-entendidos – embora infundados – um *bhikkhu* tem de estar acompanhado por um homem sempre que em presença de uma mulher – numa viagem ou sentado sozinho num lugar isolado (não se chamaria de isolado uma sala de meditação ou uma estação de trem). Geralmente, os *bhikkhus* se refreiam de manter correspondência com mulheres, a não ser que para assuntos ligados ao monastério, arranjos de viagem, para fornecer informação básica, etc. Ao ensinar o Dhamma, mesmo numa carta, é fácil, por inspiração ou compaixão, criar apego...

Consequentemente para uma palestra do Dhamma, é bom estabelecer uma sala onde os ensinamentos podem ser escutados de modo que seja mostrado respeito pelo palestrante. Em relação à etiqueta – conversação harmoniosa ao invés de rude – isso significa oferecer um assento para o palestrante que seja mais alto do que a sua audiência, não apontar os pés na direção do palestrante, remover o chapéu ao

ouvir a palestra, e não interromper o palestrante. Perguntas são bem-vindas no final da palestra.

Além disso, como sinal de respeito, ao convidar um *bhikkhu*, é usual para a pessoa fazer o convite e fazer também os arranjos para a viagem – direta ou indiretamente...

As pessoas leigas podem estar interessadas em aplicar [essas] convenções [de etiqueta] para seu próprio treinamento em sensibilidade, mas não deve ser considerado como algo que necessariamente se espera delas.

Primeiramente, existe o hábito de curvar-se diante do santuário ou do professor. Isso é feito ao entrar pela primeira vez na presença dele ou ao sair. Feito naturalmente na hora apropriada, esse é um gesto bonito que honra a pessoa que o faz; numa hora não apropriada, feito compulsivamente, parece tolo.

Um outro gesto de respeito comum é colocar as mãos de modo que as palmas estejam se tocando, os dedos apontados para cima, e com as mãos enfrente ao peito. O gesto de levantar as mãos até um pouco abaixo da testa é chamado '*añjali*'. Esse é um modo agradável de saudar, se despedir, saudar o fim de uma palestra do Dhamma, concluir uma oferenda.

A linguagem corporal é algo que é bem compreendida nos países asiáticos. Exceto pelo óbvio lembrete de sentar para ouvir uma palestra do Dhamma, ao invés de recostar-se ou reclinar no chão, a pessoa mostra uma conduta de deferência abaixando-se se tiver que passar entre um *bhikkhu* e a pessoa com quem ele estiver conversando. Da mesma maneira, não se deve ficar em pé numa posição mais alta do que um *bhikkhu* para falar com ele ou oferecer-lhe algo, mas abordá-lo no nível em que ele estiver sentado.

Nova Zelândia: Monastério Bodhinyanarama

Aviso para os hóspedes [cxxx](#)

...O Abade é tratado habitualmente por "*Ajaan*," que vem do Tailandês e significa "Professor." Os outros monges podem ser tratados por "Venerável" ou pelo equivalente do Tailandês "*Tahn*." Essas designações podem ou não ser seguidas pelo nome de ordenação do indivíduo. Um outra alternativa, qualquer monge pode ser chamado de "*Bhante*," um termo mais geral. Nessa tradição é considerado indelicado se referir aos monges pelo seu nome de ordenação sem o honorífico apropriado precedendo-o...

Os Preceitos: A Comunidade do Bodhinyanarama é regulada pelo código monástico de conduta, a base do qual está formalizada nos oito preceitos seguintes:

Inocuidade: não tirar intencionalmente a vida de nenhuma criatura viva.

Confiabilidade: não tomar qualquer coisa que não tiver sido dada.
Castidade: refrear-se de qualquer atividade sexual.
Fala correta: evitar a linguagem falsa, abusiva ou maldosa.
Sobriedade: não tomar qualquer bebida ou droga embriagante.
Renúncia: não comer depois do meio dia.
Contenção: refrear-se de assistir jogos e shows, e de se adornar.
(É pedido aos hóspedes que se vistam modestamente, e que não toquem rádios, fitas ou instrumentos musicais.)
Vigilância: refrear-se da excessiva complacência ao dormir.

Os Preceitos são um meio de promover a harmonia dentro da comunidade e servem como uma estrutura para a contemplação. É solicitado aos hóspedes que aceitem os oito preceitos sinceramente pelo insight que eles proporcionam, e em consideração a todos os demais na comunidade...

Tome cuidado especial ao se vestir e agir modestamente (sétimo preceito). Num lugar onde se adere à castidade é apropriado que uma pessoa modere as qualidades atrativas da aparência pessoal e do seu comportamento. Quando na companhia de um monge, monja ou noviço(a), tenha em mente que a disciplina deles proíbe contato físico com os membros do sexo oposto.

A propriedade do monastério surgiu da generosidade de alguém para a Sangha, e os hóspedes são solicitados a tratá-lo respeitosamente. Objetos pessoais deveriam ser mantidos em ordem, especialmente nos espaços que estão sendo usados comunitariamente. Se algo necessita reparo, substituição ou recarga, por favor, avise o supervisor dos hóspedes.

Um monastério é um santuário à parte das preocupações mundanas usuais para aqueles que têm se dedicado à prática espiritual. Os hóspedes estão compartilhando dessa vida como visitantes, não é apropriado vir e ir sem avisar, ou se ocupar com negócios externos durante a estadia ...

Tailândia: Wat Pah Nanachat

Observâncias [cxxxii](#)

...Espera-se que os leigos usem roupa branca ou cores claras durante a estadia ... Os homens se banham em poços e são solicitados a não se banharem nus, mas que usem um tecido de banho ou shorts de banho, e que não andem com o peito descoberto em áreas públicas do Wat.

Espera-se que as mulheres usem tudo branco ou blusas brancas e saias pretas...

Se for falar com os monges sêniores, especialmente o professor, encontre uma hora e lugar convenientes. Os monges sêniores devem ser tratados de "Ajaan", os outros

de "Tahn" e os noviços como "Nêyn". Essas designações podem ou não ser seguidas do nome em *Pali* do indivíduo. É considerado indelicado se referir a pessoas ordenadas pelo nome delas em *Pali* sem o honorífico apropriado precedendo-o...

A cultura Tailandesa tem uma etiqueta e costumes sociais variados – decorrentes em grande parte do Código de Disciplina dos monges – governando muitos aspectos do comportamento físico, compreendendo uma forma de regras para a linguagem corporal apropriada. Mais aparente são os gestos de respeito usados dentro de uma comunidade monástica que ajudam a abrir o coração, harmonizam a mente e encorajam um sentido de bondade para com os outros. Essas formas de cortesia ajudam a desenvolver uma sensibilidade em relação aos outros com os quais a pessoa se relaciona diariamente e reduz o número de aborrecimentos que surgem com o comportamento inconsiderado ou agressivo...

Añjali é um gesto habitual usado pelos Tailandeses para saudar os outros e também durante o tempo que uma pessoa estiver falando com um monge. Também conhecido em Tailandês como o *wai*, trata-se de levantar as mãos até o peito, as palmas unidas. O gesto é também usado depois de oferecer alguma coisa ou receber algo de uma pessoa ordenada.

... O ato formal de curvar-se ou *grahp* é uma outra formalidade usada frequentemente, sendo um meio excelente de expressar respeito para com o Buda, Dhamma e Sangha e para cultivar a humildade. Sempre curve-se antes de sentar na sala, *Bot* ou na *kuti* do Abade. No fim das reuniões e quando se levantar, ou para uma bebida, ou ao terminar de conversar com um monge, lembre-se de curvar-se três vezes...

Em todas as posturas tente estar atento de onde o seu corpo está em relação ao monge, especialmente se ele estiver ensinando o Dhamma. Ao falar com um monge, é habitual para os leigos andar um pouco atrás, ao invés de exatamente ao seu lado. Se acontecer de uma pessoa leiga passar na frente de um monge que estiver sentado, é delicado abaixar-se.

Se um monge estiver sentado, os leigos deveriam agachar-se ou sentar-se antes de se dirigir a ele; é considerado impróprio para os leigos estar num nível mais alto ao falar com um monge.

O Buda instruiu os monges para não ensinarem o Dhamma para aquele que não está preparado ou mostrando desrespeito (permissões são feitas para aqueles com saúde precária). Ao sentar e receber uma palestra ou ao conversar com um monge é costume sentar na posição de *Pap-piap* – uma perna dobrada enfrente, e outra dobrada do lado. Sentar-se com os braços em volta dos joelhos é impróprio. Se estiver sentado numa cadeira, sente-se atento e ereto...

É inapropriado deitar-se na sala ou sentar com os pés esticados em direção à imagem do Buda ou monge...

Tenha cuidado para não tocar a comida ou medicamentos já oferecidos sem primeiro informar um monge...

Comer é um ato que deve ser feito em silêncio sem raspar muito o prato ou bater nos utensílios, ou fazer uma bagunça desnecessária. A pessoa não deve comer ou beber em pé.

Depois do meio dia, todos os membros da comunidade devem se refrear de comer qualquer comida, incluindo bebidas que contenham leite, cereais, ovos, etc., ou qualquer tipo de sopa. Existem certos 'medicamentos' permitidos para consumo segundo o Vinaya. Eles incluem: suco de fruta (sem cozinhar e peneirado), refrigerantes, manteiga e ghee, óleo vegetal, mel e melaço (incluindo açúcar), chá, café, cacau e bebidas herbais. Tais medicamentos são mantidos separadamente e oferecidos quando necessário...

Os visitantes devem estar cientes do modo apropriado de conduta para os homens e mulheres dentro do monastério. Eles devem estar cientes que alguns comportamentos que são perfeitamente aceitáveis e suficientemente normais para estrangeiros, estão abertos à má interpretação pela comunidade Tailandesa, cujos padrões de comportamento são naturalmente diferentes.

A segregação completa de sexos é obrigatória todo o tempo. Nenhum homem deve entrar nos alojamentos das mulheres (ou vice versa) sem a permissão do Abade. Se algum contato for necessário, deverá ser feito através do Abade. Os homens leigos devem tomar cuidado na cozinha para não se aproximar muito das mulheres leigas, especialmente das Tailandesas.

É requisitado às mulheres que sejam discretas e respeitosas ao se relacionarem com os monges, mantendo uma distância ainda maior do que os homens leigos. Tomem as mulheres Tailandesas como exemplos da maneira apropriada de se comportar com os monges, assim como no caso de se ajoelharem ou agacharem se forem conversar com um monge.

As mulheres devem ficar cientes que é uma ofensa contra a disciplina monástica se um monge tocar uma mulher. Ao oferecer alguma coisa a um monge, ou coloquem a oferenda na tigela dele, ou no lenço especial de recebimento – nunca diretamente nas mãos dele.

Os homens devem estar cientes que as mulheres com cabeça raspada podem preferir não entregar nada ou receber nada diretamente deles. Coloque na mesa e deixe que a outra pessoa pegue. As mulheres devem tomar cuidado ao entrar nas salas (como a biblioteca) onde um monge possa estar presente; é uma ofensa para um monge estar sozinho com uma mulher numa sala com a porta fechada.

Conselho de uma Mulher Ocidental

Visitante de um Monastério da Floresta Tailandês

Você vai ver que (no monastério da floresta) o espaço do armário é fornecido para sua comida (você não deve pegar nada comestível da área da cozinha) e que existe geralmente uma garrafa térmica com cubos de gelo, uma caixa de gelo com os perecíveis, e que existe uma casa de banho e toalete. Você lava as suas roupas com a água que vem do poço – não com a proveniente dos tanques de água das chuvas! Não existe eletricidade, então você necessitará de uma lamparina e uma grande quantidade de velas e um bom acendedor ou fósforos.

Peça um lugar para colocar os seus objetos de valor numa ‘caixa com tranca’. Mostrarão onde você vai ficar, que é uma área separada do monastério distante de onde os monges ficam. No entanto, por favor, lembre-se de vestir-se adequadamente. As leigas que seguem os oito preceitos usam blusa branca e um tecido preto por cima da saia.

Se você não for cumprir os oito preceitos completos não importa muito o que você use com tanto que seja modesto e as cores suaves.

Você receberá um mosquiteiro, cobertores, travesseiro e uma fronha. (Mas não vá pegando qualquer coisa até que esteja segura que foi disponibilizado para você.) Eu também levaria um creme contra mosquitos, lenços umedecidos antissépticos, band-aids, lenços de papel, pó de banho para água fria, sabonete e prickly heat powder, (um talco para após o banho que contém um óleo essencial natural). Tocha (lanterna), sandálias de dedo, lençol para saco de dormir, toalha e coisas como essas.

Os ‘permissíveis’ para a tarde incluem: açúcar caramelizado, doces fervidos, chocolate amargo, queijo, chá e café. (‘Ovaltine, leite de soja e branqueadores de café não são permitidos à tarde neste Wat).

É hábito curvar-se três vezes quando a pessoa vê o seu professor e quando ela vai ao salão principal (*sala*). Se observar o que os Tailandeses fazem, você logo aprenderá o jeito certo de fazê-lo. Você provavelmente se sentirá perdida nas primeiras 24 horas, mas aí, com paciência e atenção plena tudo deverá fazer sentido. Os Tailandeses – e especialmente o professor – são tão bons e generosos que sinto ser importante não ofendê-los.

À tarde (ou noite) existe geralmente uma oportunidade de ouvir uma palestra do Dhamma. De manhã a pessoa pode preparar a comida para oferecer aos monges e compartilhar com os seus companheiros meditadores. O resto do dia, a pessoa pode fazer a rotina da meditação que lhe for mais adequada.

A maioria das pessoas fazem uma doação – não existe nenhum custo – antes de sair. *Tan Ajaan* (o abade) não gosta das pessoas que dão mais do que podem. Você deve descobrir como fazer isso.

Prática Sugerida pelo Templo Auckland

[cxxxiii](#) Se você encontrar um monge no templo ou dentro da casa mostre seu respeito antes de começar sua conversa. Quando sair, por favor, faça o mesmo.

Quando o monge estiver fazendo um sermão, por favor, não o interrompa até a hora das perguntas. Evite entrar e sair da sala durante o sermão.

Por favor, não entabule conversa frívola ou dê aperto de mão num monge. Ao falar com o monge seja sempre educado e nunca levante a sua voz.

Não aponte os pés ou dê as suas costas para um monge. Isso é considerado desrespeitoso.

A menos que você esteja servindo uma refeição de uma travessa, ofereça sempre qualquer coisa com ambas as mãos. Não deixe a comida enfrente do monge sem oferecê-la.

Uma outra pessoa deve sempre acompanhar uma pessoa do sexo feminino ao ir ver um monge. Mesmo quando oferecer transporte para um monge, uma pessoa do sexo masculino deve sempre acompanhar uma pessoa do sexo feminino e a pessoa do sexo feminino não deve sentar próxima do monge.

Os leigos não devem comer as suas refeições diante do monge, e eles só devem comer depois do monge ter terminado a sua refeição.

Por favor, não interrompa o monge quando ele estiver descansando ou meditando. Por favor, lembre-se que os monges também precisam descansar e portanto, não inicie longas conversações. Preferivelmente, peça permissão antes da sua conversa.

Por favor, não corra no templo. Os pais devem assegurar-se de que as crianças se comportarão bem. O templo é um lugar sagrado e a qualquer hora as pessoas devem se comportar de uma maneira calma e silenciosa.

Por favor, não use sapatos, capuzes ou chapéus dentro do templo. Se você estiver falando com um monge, por favor, tire o seu chapéu.

Entendimento da Mulher

O padrão de vestimenta para a mulher: as roupas não devem ser muito reveladoras tais como os shorts, mini-saia, decote ou vestimentas sem mangas.

Não é apropriado amamentar na presença de um monge ou mesmo na mesma sala.

Não é respeitoso alongar as pernas quando sentada ou apontá-las na direção do monge, ou da Estátua do Buda.

As pessoas não devem ficar em pé ou falar com um monge quando ele estiver sentado.

As normas de boas maneiras devem ser observadas, isto é, as pessoas não devem falar ou rir alto ou fazer um barulho quando o monge estiver falando com alguém na mesma sala.

As mulheres não devem ter um conversa em particular com um monge ou estar a sós na mesma sala sem uma pessoa do sexo masculino presente.

Um Monastério Tailandês na Austrália

As Coisas Corretas que devem ser feitas ao Ofertar

Dicas gerais, O que deve ser Observado

[cxxxiv](#) Um *bhikkhu*(s) deve ser abordado de maneira respeitosa pela pessoa que for oferecer *dana*, ela deve sempre tentar manter uma posição corporal mais baixa do que a do *bhikkhu*.

A pessoa que estiver fazendo a oferenda deve estar sem sapatos, deve estar vestida modestamente (veja Nota abaixo) e deve ter uma atitude respeitosa em geral em relação ao(s) *bhikkhu*(s).

Como em qualquer cumprimento ou abordagem, a pessoa que oferece *dana* deve prestar respeito de maneira normal, curvando-se três vezes diante do *bhikkhu* – uma vez para cada uma da Jóia Triplice.

Se em dúvida sobre como proceder além dessa abordagem básica, outros membros mais experientes da comunidade leiga ou o(s) *bhikkhu*(s) mesmo certamente serão capazes de oferecer ajuda.

Como regra geral, não se fala com um monge ao oferecer *dana*, a menos que o *bhikkhu* inicie uma conversa.

Mover-se com plena atenção e talvez um pouco mais devagar do que de costume diminua a possibilidade de cometer erros.

Lembre-se de que a melhor maneira de aprender e de evitar situações potencialmente embaraçosas é buscar orientação das outras pessoas presentes ou, se houver alguma barreira devido à língua, seguir o exemplo das pessoas ao redor.

Mas, lembre-se também que as regras para os homens e para as mulheres são muito diferentes, portanto assegure-se de que você está seguindo o exemplo de um membro do mesmo sexo!

É muito importante que todos sempre mantenham alguma distância respeitosa dos *bhikkhus* e da Sangha.

Oferecer Comida

As duas situações mais comuns para oferecer *dana* em forma de comida é quando uma fila de *bhikkhus* está sentada em uma plataforma/assento monástico aceitando *dana*, ou quando uma fila de *bhikkhus* está fazendo a coleta de comida de oferenda (*pindabata*).

Próximo da plataforma/assento monástico

Nesta situação, o leigo deve se juntar à fila de pessoas que estão oferecendo comida, se houver. Se ele estiver oferecendo sozinho, então o procedimento é basicamente o mesmo.

A pessoa que estiver oferecendo deve se ajoelhar assim que estiver suficientemente próxima do(s) *bhikkhu(s)* e sinaliza a sua intenção de oferecer comida, bebida, etc, segurando o item no alto, à altura da sua testa, ao mesmo tempo se lembrando com plena atenção do propósito da oferenda.

A ordem usual é oferecer primeiro o arroz cozido seguido dos outros pratos. Dessa maneira, a pessoa pode oferecer várias vezes.

A comida é colocada com cuidado dentro da tigela de coleta de comida, começando pelo *bhikkhu* mais sênior e daí prosseguindo na fila (comece da esquerda para a direita olhando de frente para a fila sentada).

Uma vez feita a oferta, a pessoa deve mover-se para trás, distanciando-se dos monges, enquanto olha de frente para os *bhikkhus* e mantém uma posição abaixada. Ela deve também, nesse estágio, repetir uma saudação respeitosa de se curvar três vezes.

Depois que todas as ofertas tenham sido feitas, os *bhikkhus* entoarão um cântico e aí comerão a sua refeição.

Quando os *bhikkhus* tiverem terminado de acomodar a sua refeição, é comum que o *bhikkhu* mais sênior lidere os outros num cântico de bênçãos para toda a comunidade ali presente. O *bhikkhu* mais sênior então indicará que as pessoas leigas poderão ter a sua refeição.

Na Coleta de Comida de Oferenda

Espere silenciosamente usando o tempo para refletir no sentido da ação que está para acontecer.

A comida deve ser mantida bem acima do chão e os sapatos devem ser removidos em prontidão.

Quando os *bhikkhus* são vistos se aproximando, a pessoa deve se ajoelhar e segurar a comida acima da sua cabeça numa posição de oferenda e refletir no sentido da ação que está para acontecer.

Assim que o *bhikkhu* parar, a pessoa deve se levantar e colocar a porção de comida na tigela de coleta de comida que o *bhikkhu* estará oferecendo silenciosamente, mantendo a posição mais baixa do que a do *bhikkhu* (isso é conseguido mais facilmente dobrando-se os joelhos e/ou dobrando o corpo a partir da cintura). Se a tigela estiver cheia, a tampa da tigela poderá ser oferecida.

É muito importante manter uma distância respeitosa e colocar a comida cuidadosa e gentilmente no centro da tigela sem tocar ou interferir com ela de qualquer maneira que seja.

Ajoelhe-se novamente e repita o procedimento até que o *dana* tenha sido oferecido a todos os *bhikkhus*.

Uma vez que a fila se afaste, pode ser apropriado prestar respeito do modo usual.

Oferecer um Dana que Não Seja Comida

Mulheres

Quando uma mulher leiga deseja oferecer para um *bhikkhu* algum tipo de *dana* que não seja comida, (isto é, livros, bebidas, medicamentos), o primeiro passo é abordar respeitosamente o *bhikkhu* que está sentado do modo descrito acima, prestar respeito e comunicá-lo que gostaria de fazer uma oferenda, indicando exatamente qual é a natureza da oferenda. (Dessa maneira, o *bhikkhu* pode evitar de modo hábil que qualquer oferenda inapropriada lhe seja feita).

O *bhikkhu* colocará no chão uma peça de tecido e a pessoa poderá então mover-se para frente e colocar cuidadosamente a oferenda sobre ele.

A pessoa deverá então prestar respeito novamente e mover-se um pouco para trás. Como nas oferendas de comida, os sapatos devem ser removidos e uma posição mais baixa em relação ao *bhikkhu* deve ser mantida.

Homens

Os homens leigos podem seguir o procedimento acima também, exceto que o item ofertado pode ser dado diretamente ao *bhikkhu*.

Modos de se Relacionar com os Monges

Geral

Ao visitar os *bhikkhus* o leigo deve lhes prestar respeito da maneira usual curvando-se três vezes diante de cada *bhikkhu* presente na ordem de ordenação, se isso for do conhecimento dele.

O leigo pode então assumir uma posição sentada natural, confortável um pouco para trás e se possível mais baixa do que a do *bhikkhu*. A única coisa a ser lembrada aqui é que, se a saúde permitir, os pés devem estar dobrados e distantes do monge, pois não é educado apontar os pés diretamente para um *bhikkhu* (ou, na verdade, para qualquer pessoa Tailandesa).

Ao se dirigir a um *bhikkhu* é hábito colocar ambas as mãos juntas na altura do peito quando estiver falando com ele, ou quando ele responder – especialmente quando ele estiver expondo o Dhamma. Além de indicar respeito essa ação ajuda a atenção plena em geral.

Se for a um *bhikkhu* buscar aconselhamento ou uma explicação do Dhamma, um leigo deveria conceder um certo espaço na conversação, isto é, deixar pausas na conversação antes do *bhikkhu* falar ou responder.

Embora seja tentador, é uma boa idéia não se deixar envolver em conversas sobre assuntos mundanos, seja com os *bhikkhus* ou com outros leigos, ao sentar na presença da Sangha.

As mulheres leigas especialmente devem praticar muita atenção plena quando na presença da Sangha. Se, por exemplo, uma leiga ficar sozinha na presença de um *bhikkhu*, pois outros amigos se afastaram ou saíram, a coisa mais apropriada a fazer é prestar respeito a esse *bhikkhu* e partir.

Ao caminhar em companhia de *bhikkhus*, os leigos devem andar um pouco atrás, mas a uma distância em que possam ser ouvidos.

Um leigo não deve ficar muito próximo de um *bhikkhu* quando estiver em pé. É melhor permanecer a uma pequena distância e ficar numa posição agachada se ele se sentir confortável.

Prestando respeito

Embora não seja de modo nenhum obrigatório, prestar respeito da maneira tradicional, seja para a imagem do Buda ou para a Sangha, é o sinal mais básico do respeito de um leigo pela Jóia Tríplice. É também um excelente exercício de atenção plena. Para aprender o modo correto e mais gracioso de executar essa ação, em geral é mais fácil seguir o exemplo de uma pessoa leiga experiente ou os próprios *bhikkhus* que também devem prestar respeito às imagens do Buda ou aos *bhikkhus* mais sêniores.

Como se vestir

Ao visitar um Wat ou templo, é bom estar atento ao tipo de roupa que se usa – exatamente como quando vamos à igreja ou a um prédio sagrado de qualquer tipo. A vestimenta para ambos, homens e mulheres, deve ser modesta e não reveladora, e os enfeites devem ser evitados.

As mulheres leigas especialmente devem prestar atenção ao que usar, evitando coisas como tecidos transparentes; decotes baixos, blusas sem manga. Praticantes sérias pensarão em não usar perfume, maquiagem ou jóias tampouco.

Abreviações

AB: Notas de Ajahn Brahmavamsa

BA: Banner of the Arahants – Atributos dos Arahants

BBC: Burmese Buddhist Culture

BMC: The Buddhist Monastic Code, Volume I

EN: End Notes – Notas Finais

EV: The Entrance to the Vinaya, (*Vinayamukha*)

HS: The Heritage of the Sangha

Nv: *Navakovada*: Instructions for newly ordained *Bhikkhus* and *Samaneras* –

Instruções para os monges e noviços recém-ordenados

Nis. Pac: *Nisaggiya Pacittiya* offence – transgressão *Nisaggiya Pacittiya*

OP: Ordination Procedure – Procedimento de Ordenação

Pac: *Pacittiya* offence – transgressão *Pacittiya*

Par: *Parajika* offence – transgressão *Parajika*

Pat: *Patimokkha*

Sangh: *Sanghadisesa* offence – transgressão *Sanghadisesa*

Referências

A Lay Buddhist's Guide to the Monks' Code of Conduct. © Bodhinyana Monastery, Lot 1, Kingsbury Drive, Serpentine, Western Australia 6205, Australia.

(1) Buddhist Monastic Code; (2) Introduction to the Patimokkha Rules. © Thanissaro *Bhikkhu*, Metta Forest Monastery, PO Box 1409, Valley Center, CA 92082, USA.

Bodhinyanarama's Advice for Guests. © Bodhinyanarama Buddhist Monastery, 17 Rakau Grove, Stokes Valley, Wellington, New Zealand.

(1) The Entrance to the Vinaya, Vinayamukha, 3 vols; (2) Navakovāda: Instructions for Newly ordained *Bhikkhus* and *Sāmaneras*; (3) Ordination Procedure and the Preliminary duties of a New *Bhikkhu*; (4) The Patimokkha, trans. by Ven. Nyanamoli Thera — All © Mahamakut Rajavidyalaya Press, Phra Sumeru Road, Bangkok 1020, Thailand.

The Heritage of the Sangha, The lifestyle and training of the Buddhist religious community. (Newly revised Edition), Thiradhammo *Bhikkhu*, December 1996

Observances, © Wat Pah Nanachat, Ban Bung Wai, Ubon Ratchathani, Thailand.

Bibliografia

The Age of Vinaya, A Historical Cultural Study, por G.S.P. Misra, Munshiram Manoharlal, 1972.

The Banner of the Arahants, Buddhist Monks and Nuns from the Buda's Time till Now, by *Bhikkhu* Khantipalo, Buddhist Publication Society, Kandy, Sri Lanka, 1979

The Book of the Discipline, trad. I.B. Horner, em 6 volumes, Pali Text Society, 1970-86, 73 Lime Walk, Headington, Oxford OX3 7AD, England. [Essa é (quase) a mais completa tradução inglesa dos textos originais em Pali.]

Burmese Buddhist Culture, The Initiation of Novicehood and the Ordination of Monkhood, por Sao Htun Hmat Win, Department of Religious Affairs, Rangoon, Burma, 1986

The Buddhist Monastic Code, The Patimokkha Training Rules, traduzido e explicado pelo Thanissaro *Bhikkhu*, Metta Forest Monastery, PO Box 1409, Valley Center, CA 92082, USA (Publicado para distribuição gratuita, disponível também nos sites Buddhist WWW. Veja abaixo) [Um livro referência excelente, especialmente para os *bhikkhus*. Este trabalho se apoia extensivamente nele.]

Buddhist Monastic Discipline, Jotiya Dhirasekera, Ministry of Higher Education Research Publication Series, 1982, Sri Lanka.

Buddhist Monastic Discipline: The Sanskrit Prātimoksa Suutras of the Mahāsāṃghikas and Muulasarvāstivādins, por Charles S. Premish, The Pennsylvania State University Press, 1975, ISBN 0-271-01171-8. [Contém duas outras versões do Patimokkha e um pouco dos eventos que levaram à ocorrência das regras e uma bibliografia importante.]

The Buddhist Monk's Discipline, *Bhikkhu* Khantipalo, Wheel Publication ā130/131, Buddhist Publication Society, Kandy, Sri Lanka, 1969.

Buddhist Monastic Life — de acordo com os textos da tradição Theravada, Mohan Wijayaratana, Cambridge University Press 1990, ISBN 0-521 -36428 -0.

Dictionary of Buddhism, Phra Dhammapitok (P. A. Payutto), Mahachulalongkorn University, Bangkok, 1995, ISBN 974-8357-89-9 [A maior parte em tailandês com algumas partes em inglês muito úteis. O autor é atualmente um dos principais acadêmicos Budistas na Tailândia.]

The Entrance to the Vinaya, Vinayamukha, m 3 vols, Ven. Somdet (Phra Maha Samana Chao Krom Phraya) Vajiranyanavarorasa, Mahamakut Rajavidyalaya Press, Bangkok, 1969-83. [Comentário Padrão do Vinaya em Tailandês para *bhikkhus*, traduzido para o inglês.]

Forest Monks and the Nation-State, An Anthropological and Historical Study in Northeastern Thailand, J.L. Taylor, ISEAS 1993, ISBN 981-3016-49-3. [Um estudo inteligente, e técnico, que mostra a interação entre um grupo de monges da floresta e a sociedade em geral.]

A Guide to Buddhist Monasteries and Meditation Centres in Thailand, por Bill Weir, Third Edition, 1991, World Fellowship of Buddhists, 33 Sukhumvit Road, Bangkok 10110, Thailand. [Contém também informação sobre a etiqueta e aspectos práticos para ficar nos mosteiros tailandeses.]

The Heritage Of The, The lifestyle and training of the Buddhist religious community, por Thiradhammo *Bhikkhu*. [Edição 'recentemente revisada', Dezembro 1996, em Manuscrito]

An Introduction to Buddhism, Teachings, history and practices, por Peter Harvey, Cambridge University Press, 1990, ISBN 0521 31333 3

Introduction to the Patimokkha Rules, traduzido e explicado por Thanissaro *Bhikkhu* (Geoffrey DeGraff), Metta Forest Monastery, PO Box 1409, Valley Center, CA 92082, USA.

Lay Buddhist Practice, por *Bhikkhu* Khantipalo, Wheel No. 206/207, Buddhist Publication Society, Kandy, Sri Lanka, 1982.

A Lay Buddhist's Guide to the Monks' Code of Conduct, Serpentine Buddhist Monastery, Lot 1 Kingsbury Drive, Serpentine, WA 6205, Australia.(Also: Bodhinyanarama Monastery, 17 Rakau Grove, Stokes Valley, Wellington, New Zealand.) [Pamphlet]

The Middle Length Discourses of the Buda, traduzido por *Bhikkhu* Ñanamoli and *Bhikkhu* Bodhi, Wisdom Publications, 1995. ISBN 0-86171-072-X [Uma excelente tradução do original Pali oferecendo muitos pontos de vista autênticos da vida antiga dos *bhikkhus*.]

Navakovada: Instructions for Newly-ordained *Bhikkhus* and Samaneras, compilado por Ven. Somdet (Phra Mahā Samana Chao Krom Phraya) Vajiranyanavarorasa, Mahamakut Rajavidyalaya Press, Phra Sumeru Road, Bangkok 10200, Thailand, 1990. Traduzido do original tailandês. [Um bom guia das Regras do Patimokkha, embora um tanto condensado, apropriado para os leigos.

Observances, Wat Pah Nanachat, Ban Bung Wai, Ubon Ratchathani 34310, Thailand. [Panfleto] Ordination Procedure and the Preliminary duties of a New *Bhikkhu*, por Ven. Somdet (Phra Mahā Samana Chao Krom Phraya) Vajiranyanavarorasa, traduzido por *Bhikkhu* Thanissaro and *Bhikkhu* Kantasilo, Mahamakut Rajavidyalaya Press, Phra Sumeru Road, Bangkok 10200, Second Edition, 1989.

The Patimokkha, traduzido por Ven. Ñanamoli Thera, Mahamakut Rajavidyalaya Press, Bangkok, 1966; Second Edition 1969.

Vinaya in Theravada Temples in the United States, Journal of Buddhist Ethics, Volume 1: 1994: Discussion Article, by Paul David Numrich.

Outros textos que ajudam a demonstrar como todas as Tradições Budistas ainda preservam os textos do Vinaya:

Advice from Buda Shakyamuni concerning a Monk's Discipline, An Abridged Exposition of the Bhikshu's Precepts, por Tenzin Gyatso, traduzido por Tsepak Rigzin and Glen H. Mullin, Library of Tibetan Works and Archives, Dharamsala, 1982.

The Bhikshu Pratimoksha Precepts, from The Four-Part Vinaya of the Dharmagupta School, traduzido por The Buddhist Text Translation Society, Tathagata Monastery, City of Ten Thousand Budas, Talmage, California, 95481-0217, USA

Notas:

ⁱ O Vinaya foi traduzido como ‘Disciplina’ na tradução completa dos seis volumes (*The Book of the Discipline*) pela Pali Text Society. Literalmente isso significa que leva à ‘disciplina pelo

afastamento das falhas' e cobre as ações corporais e verbais dos *bhikkhus* à medida que eles se desprendem do sofrimento.

ii Nesse trabalho usei a palavra *bhikkhu* e monge alternadamente.

iii Veja o [Apêndice B](#) para um resumo da maioria das outras Regras do *Patimokkha*

iv Veja o [Apêndice A](#).

v *Uposatha*, veja [Apendice A](#).

vi O  [Mahaparinibbana Sutta](#) (DN 16) reporta que o Buda disse ao Venerável Ananda que poderia abolir as regras menores depois do seu falecimento. No entanto, o Conselho realizado logo depois decidiu que deixar assim como estava era mais seguro e não mudou nada, principalmente porque o Venerável Ananda tinha deixado de perguntar quais eram essas 'regras menores'. Essa abordagem conservadora desde o princípio permitiu que os Ensinamentos originais fossem preservados.

vii “Budismo é a religião da renúncia ao mundo por excelência e a origem, suspeita-se, de todo monasticismo, como ele se desenvolveu em diferentes religiões fundamentadas em bases ‘teológicas’ bem distintas, notadamente o Cristianismo e o Islamismo”(Extraído do Prefácio do Prof. da Oxford R.C. Zaehner’s para “The Origin and The Early Development of Buddhist Monasthisism”).

viii *Pali* é uma língua indiana antiga (aparentada do sânscrito) na qual as Escrituras Budistas Theravada foram preservadas (Veja também o [Apêndice C](#)).

ix “Na época do Buda, o estilo de vestimenta dos que abandonavam a vida em família e seguiam a vida santa e a dos chefes de família era muito parecida – um tecido em volta da cintura e outro que caía pelos ombros... A única diferença seria a cor, que era ocre para os que seguiam a vida santa.” (HS cap. 8)

x Práticas ascéticas voluntárias que monges e outros praticantes de meditação podem adotar de tempos em tempos ou como um compromisso a longo prazo de forma a cultivar a renúncia e o contentamento/satisfação, e para estimular a energia. Para os monges existem treze práticas deste tipo: (1) usar somente mantos feitos com retalhos; (2) usar somente um conjunto de três mantos; (3) esmolar alimentos; (4) não evitar nenhum doador de esmola de alimentos; (5) não comer mais do que uma refeição ao dia; (6) comer somente da tigela de coleta de esmola de alimentos; (7) recusar qualquer alimento oferecido depois da coleta de esmola de alimentos; (8) morar na floresta; (9) morar sob uma árvore; (10) viver a céu aberto; (11) viver em um cemitério; (12) estar satisfeito com qualquer moradia que tenha; (13) dormir sentado e nunca se deitar.

xi Ele segue os Oito Preceitos, raspa a cabeça e usa manto branco.

xii Essas são as diretrizes que determinam como a regra é aplicada em novas circunstâncias. Veja [Modernização? Os Grandes Critérios](#).

xiii Uma pessoa calculou que nessa época os monges Theravada em localidades mais distantes estavam ao norte da Islândia e ao sul da Nova Zelândia.

xiv Por vezes, isso acontece no Dia da Observância semanal (veja [Uposatha, Apêndice A](#)), às vezes, ao passar longos períodos no monastério. Em alguns lugares isso se torna um estágio preliminar para se tornar um *bhikkhu*. Por exemplo, em alguns monastérios da Inglaterra, um candidato normalmente tem de seguir os Oito Preceitos e usar branco como um *anagarika* (aquele que abandonou a vida em família) antes de ser considerado para a ordenação.

xv Samantapasadika I, 102.

xvi Veja OP p. 13-17.

xvii Abandonar a vida em família é algumas vezes interpretado pela palavra em inglês ‘ordenação’. Não importando as conotações desta palavra, é habitualmente uma abreviação fácil.

xviii Uma pessoa com menos de 15 anos de idade, a menos que possa assustar corvos (isto é, seja maduro) não deveria receber *pabaja* para se tornar um *samanera* (Vin. I,79). Depois de receber o consentimento de seus pais (Vin. I,83), ele terá a cabeça e a barba raspadas, colocará o manto cor de ocre e, prestando homenagem aos *bhikkhus*, receberá os Tres Refúgios e os Dez Preceitos do Treinamento.” (HS cap.19)

xix “Para se qualificar para a Aceitação, um candidato deve também ter os mantos necessários, a tigela e um preceptor. Quando o procedimento da Aceitação era finalizado, perguntavam formalmente ao candidato se ele estava livre dos vários obstáculos para a qualificação, ... bem como ser um ser humano, um homem, com pelo menos 20 anos de idade, ter o consentimento dos seus pais e estar completo no que se refere aos mantos e a tigela. Era ainda pedido para dizer o seu nome e o do seu Preceptor.” (HS Cap. 19)

xx OP pp. 17-24

xxi Essa é a Admoestação (*Anusasana*), que sempre inclui uma explicação das quatro Ofensas de Derrota (relações sexuais, roubo, assassinato e alegar falsamente poderes supra-humanos) juntamente com os quatro suportes ou requisitos básicos (comida esmolada, mantos feitos de tecidos descartados, alojar-se sob uma árvore, medicamento de urina fermentada).

xxii “... mesmo que ele tenha conhecimento do Dhamma e Vinaya, ainda assim não é conveniente se ele não aceitar *nissaya* (a dependência) e viver sob o controle do seu [preceptor] ou [professor]. Não viver desse modo é proibido pelo Buda.” (EV,II p.52)

xxiii “Ele é o que tem fê, vergonha e temor das transgressões, esforço e atenção plena; ele é abalizado com preceitos morais, boa conduta, entendimento correto, profundo conhecimento e sabedoria; ele sabe o que é uma [ofensa], o que não é [uma ofensa], o que é uma [ofensa] leve, o que é uma [ofensa] pesada, e ele memorizou corretamente o *Patimokkha* sem qualquer erro; ele tem cinco ou mais Chuvas.” (EV, II,p.53)

xxiv “Ele mesmo pode cuidar ou pedir para cuidar, de um [monge dependente]. Ele pode acabar, ou procurar uma outra pessoa para acabar com uma paixão que surgiu em um [monge dependente] que está insatisfeito com a [vida santa de um monge], ou conseguir uma outra pessoa para que assim o faça. Ele pode aliviar o tédio relacionado com o Caminho do Dhamma que surgiu para um [monge dependente] ou conseguir uma outra pessoa que assim o faça. Ele conhece as [ofensas] e o caminho para se livrar das [ofensas]; Ele pode treinar um [monge dependente] no mais alto treinamento para uma conduta apropriada e dar conselho para [ele] no treinamento principal da vida pura, a lei-do-Buda que é essencial para a [vida santa]. Ele pode dar um conselho progressivo do Dhamma e Vinaya. Ele pode liberar um [monge dependente] de um entendimento incorreto através do caminho do Dhama; Ele tem dez Chuvas ou mais.” (EV, II,p.53)

“Parece que esses princípios não são para que o bhikkhu considere por ele mesmo. É para a consideração do seu [preceptor] ou professor ou de um monge mais velho que é o seu sênior, ser isso adequado ou não para um bhikkhu que vive com eles ser liberado para ficar sozinho, e se um bhikkhu que é liberado da [dependência] é capaz de ser um [líder de uma assembléia de monges].” (Veja EV,II, págs. 45-54)

xxv Para uma descrição interessante desse aspecto, veja *Burmese Buddhist Culture*.

xxvi Esse afastamento (*sattaha*) especial só pode ser tomado para: visitar ou cuidar de amigos do Dhamma e pais enfermos; apoiar *bhikkhus* companheiros que estão pensando em deixar o hábito;

para atender a uma obrigação essencial da Comunidade; para dar apoio a fiéis devotos leigos que fazem um convite. (Veja EV,II, págs.84-90) .

^{xxvii} Hoje em dia existe muito interesse entre as mulheres que querem restabelecer essa linhagem, mas como alcançar isso é problemático. Felizmente, existem lugares onde as mulheres podem praticar a ‘Vida Santa’ vestindo mantos como monjas *dasasila mata* desenvolvendo o melhor caminho da prática do Dhamma por elas mesmas. (*Dasasila mata* é a ordenação de uma monja baseada nos Dez Preceitos.) Por exemplo: a Comunidade das Monjas, Monastério Budista Amaravati.

^{xxviii} A recitação do *Patimokkha* nos dias de *Uposatha* seria a atividade comunal Budista, uma ocasião para se reunirem na confirmação comunal desses padrões de comportamento com os quais eles estão todos comprometidos.” (HS cap.20)

^{xxix} Note que qualquer pessoa culpada de uma ofensa de Derrota automaticamente não é mais um *bhikkhu* e portanto não pode tomar parte na recitação do *Patimokkha*.

^{xxx} “Nós estamos lidando principalmente com regras, mas regras não são a única maneira para expressar as normas disciplinares e os textos que nós estamos levantando expressam as suas normas numa variedade de formas: as regras, princípios, modelos e virtudes. Formas distintas são as mais adequadas para propósitos diferentes. Princípios, modelos e virtudes destinam-se aos padrões pessoal e subjetivo e tendem a ser definidos livremente. A interpretação e aplicação deles são deixadas para o indivíduo julgar.

Regras destinam-se a servir mais como padrões objetivos. Para funcionar, elas devem ser definidas com precisão de uma maneira aceitável para a Comunidade em geral. Os compiladores do Cânone, reconhecendo essa necessidade, forneceram as definições para a maioria dos termos usados nas regras e os autores dos comentários continuaram essa tarefa, realizando-a com uma profundidade ainda maior.

Essa necessidade de precisão, no entanto, relata a fraqueza das regras em geral como guia universal de comportamento. Primeiro, existe a questão de onde demarcar a linha entre o que é e o que não é violação da regra. Um ponto claro de quebra é necessário porque regras – diferentemente dos princípios – trabalham em duas cores: preto e branco. Em alguns casos, é difícil encontrar um ponto claro de quebra que corresponda exatamente ao sentido de uma pessoa do que é certo e errado, e por isso é necessário incluir as áreas cinzentas seja com o branco ou com o preto. Em geral, mas não sempre, a posição do Vibhanga [texto] é para incluir o cinza com o branco, e depender dos princípios do Dhamma para encorajar o indivíduo *bhikkhu* para ficar distante do cinza.” (BMC pp. 16-17)

^{xxxi} O ‘monge derrotado’ não necessita passar pela cerimônia formal para deixar os mantos por que o ato de violar a regra é um ato de abandono dos mantos por si mesmo. Mesmo se ele continuar a fingir que é monge, ele na realidade não é considerado um monge; assim que os fatos forem de conhecimento da comunidade, ele deve ser expulso da Sangha . Ele não mais poderá ordenar-se corretamente como um *bhikkhu* nesta vida. Se ele tentar se ordenar em uma Comunidade que não saiba da sua ofensa, sua ordenação não terá valor, e ele deve ser expulso assim que a verdade for descoberta.

“O Comentário, entretanto, estabelece que tal transgressor pode ‘abandonar a vida em família’ como um noviço [se a Comunidade o aceitar].” (BMC p.87)

“Um *bhikkhu* que cometeu qualquer uma das quatro ofensas *Parajika* não pode mais ter [comunhão] (*samvasa*) com a Sangha. Ele é um que está condenado por toda a sua vida. Não existe nenhum jeito de remediar isto. Ele deve sair do grupo. Esse é o único caminho para ele. Se esta pessoa não desistir da sua posição por si mesma e continuar se declarando um *bhikkhu*, uma vez que a Sangha saiba disso, deverá expulsá-lo do grupo.” (EV, III, pags.242-243)

^{xxxii} “...ele é colocado em provação por seis dias, durante os quais é despojado da sua senioridade, ele não é mais um *bhikkhu* confiável para ir a qualquer lugar desacompanhado de outros quatro monges que estejam em situação regular, e diariamente ele tem de confessar sua ofensa para todos os monges que vivem ali ou que estejam visitando o monastério. No final da sua provação, vinte monges têm de se reunir para reintegrá-lo à sua posição original.” (Introdução às Regras do *Patimokkha*; Penalidades)

^{xxxiii} Existem seis razões porque um *bhikkhu* comete uma ofensa: falta de vergonha; ele não sabe que aquilo é uma ofensa; ele tem dúvida, mas ainda assim vai e comete a ofensa; ele pensa que tem de fazer alguma coisa quando de fato não tem; ele pensa que não tem de fazer alguma coisa quando de fato tem; ele faz alguma coisa sem pensar (distratamente).” (Nv p.4)

^{xxxiv} “Uma outra desvantagem resultante da necessidade de precisão nas regras é que quanto mais precisamente uma regra for definida para servir numa data e lugar específicos, menor a probabilidade dela servir em outros tempos e lugares. Os compiladores do Cânone, para compensar essa fraqueza, passaram a disponibilizar as histórias que deram origem e os precedentes para mostrar o tipo de situação que a regra intencionava prevenir, fornecendo princípios e modelos que indicam o espírito da regra e que ajudam na sua aplicação em contextos distintos.” (BMC págs. 15-18)

^{xxxv} “Embora o *Vibanga* e os *Kandakas* (dos textos originais em Pali) cubram um número enorme de casos, eles não cobrem é claro, todas as possíveis contingências que existem no mundo; e a partir do que nós temos visto da maneira pela qual o Buda formulou as regras – lidar com casos à medida que eles surgiam – existe razão para duvidar que ele mesmo queria que elas formassem um sistema hermético. Para os casos que não surgiram durante a sua vida, ele estabeleceu... os Grandes Critérios... – para o julgamento dos casos não mencionados nas regras...” (BMC p.26)

^{xxxvi} Veja o *Vinaya* nos Templos Theravada nos Estados Unidos para uma discussão ‘sociológica’ moderna desse ponto; enquanto EV, I, págs. 21-22 menciona a tendência para encontrar meios para contornar as regras.

^{xxxvii} “Isso é bastante verdadeiro agora que os monastérios de diferentes nacionalidades estão se fixando uns próximos dos outros no Ocidente. No passado, os Tailandeses, Birmaneses e Cingaleses não podiam olhar uns para as tradições dos outros sem o perigo de causar atrito, já que viviam em países separados e falavam línguas distintas.

Agora, no entanto, nós nos tornamos vizinhos e começamos a falar línguas comuns, então é melhor que levemos a sério os escritos dos peregrinos chineses que visitaram a Índia há alguns séculos. Eles relataram que mesmo depois que os primeiros budistas se separaram em 18 escolas, cada uma com o seu *Tipitaka* [Cânone] e *Patimokkha* [Regras], e os Mahayanas adicionaram seus textos à tradição, os *bhikkhus* pertencentes às diferentes escolas poderiam ser encontrados vivendo juntos no mesmo monastério praticando e conduzindo as atividades comunais em paz e harmonia. É um exemplo digno. Nós não deveríamos deixar nossas diferenças menores se tornarem obstáculos no nosso caminho...” (BMC p. 16)

^{xxxviii} *Asubha kammathana*, veja o  [Satiphattana Sutta](#) (MN 10)

xxxix “É digno de nota que enaltecer a morte ou participar em morte assistida mesmo que por compaixão, isto é, eutanásia, ainda assim é considerado Derrota para um *bhikkhu* (Vin.III,79; 86).” (HS cap. 15)

xl Para uma discussão de assuntos que envolvem o cuidado dos pacientes doentes terminais, veja BMC págs. 72-78.

xli Outros exemplos da consciência antiga sobre a ‘não poluição do ambiente’ e da higiene estão nas duas regras do Treinamento *Sekiya* (*Sekiya* 74, 75). Elas proíbem um *bhikkhu* de defecar, urinar ou cuspir na água ou na vegetação verde.

xlii *Deva* é uma deidade ou ser celestial (literalmente: ‘um ser radiante’) do qual existem muitos níveis. Entretanto, todos ainda estão sujeitos ao repetido renascimento, envelhecimento e morte. Uma *deva* de árvore é uma deidade que ‘vive’ numa árvore.

xliii “Confinada é a vida em família, um caminho empoeirado, a vida santa é como o ar livre. Não é fácil viver numa casa e praticar a vida santa completamente perfeita, totalmente pura, como uma concha polida. E se eu raspasse o meu cabelo e barba, vestisse os mantos de cor ocre e seguisse a vida santa?” (HS cap.19)

xliv “A vida religiosa Budista objetiva a completa pureza sexual (e sensual) e a renúncia a toda atividade sexual. Deve ser enfatizado que isso não está baseado meramente na condenação ou negação da sexualidade mas num reconhecimento claro e numa compreensão da natureza e efeitos da sexualidade. O Buda exortou seus discípulos a compreenderem a gratificação, o perigo e a libertação dos prazeres sensuais.” (HS cap.13)

xlv “... A palavra usada para intenções sensuais: (*ottinna*, literalmente “possuído por”) é bastante forte: ‘apaixonado, cheio de desejo, coração atraído’. Palavra também usada, *viparinatena cittena*, literalmente; ‘uma mente mudada para pior’, definida como obsessivamente apegada, corrompida, cega’ (Vin.III, 121). O Comentário define a mente com desejo sensual (*raga*). Portanto, chegar a um contato físico com uma mulher sem desejo sensual, tal como bater na mão de uma mulher acidentalmente durante uma oferta de comida, ou o contato feito ao tentar fugir do contato, não é uma transgressão. (HS cap.13)

xlvi “O Vinaya menciona casos de *bhikkhus* tocando a mãe, filha e irmã – isto é, relações diretas consanguíneas – ‘por afeição,’ e isso foi declarado não se tratar de uma transgressão para uma Reunião Formal, mas um Malfeito (Vin.III,126).” (HS cap. 13)

xlvii Em resumo: “Se um *bhikkhu*, tomado pelo desejo, com a mente alterada, falar na presença de uma mulher em louvor ou cuidando da sua própria sensualidade assim: “Esta, irmã, é a mais alta contribuição, a de ajudar um seguidor da vida celibatária, virtuoso, de fina natureza, como eu mesmo estou fazendo com este ato” – aludindo ao ato sexual – isso implica numa reunião inicial e subsequentes da Comunidade.” (4; BMC p.100)

xlviii “É principalmente como resultado dessas diretrizes que os *bhikkhus* não realizam cerimônias de casamento, isto é, um *bhikkhu* não deve de modo nenhum ser responsável por, na realidade, formalizar a relação. No entanto, não existe uma transgressão em abençoar o casal depois deles terem se casado formalmente ou em reconciliar um casal não divorciado que se separou. (Vin.III.144).” (HS cap.13)

xlix “Digno de confiança” é definido como alguém que é pelo menos um que entrou na correnteza. Entretanto, mesmo se o crítico for uma ‘pessoa ordinária’ a Comunidade pode investigar o caso se julgar necessário.

¹ “A intenção de privacidade é mais importante nesses casos, assim, por exemplo se um *bhikkhu* sem intenção se encontrar a portas fechadas num lugar retirado ou não com uma ou mais mulheres

quando todos os outros homens tiverem deixado o local, ou um *bhikkhu* entrar num local das mulheres, não existe transgressão – mas talvez não seria aconselhável permanecer ali por muito tempo. Tecnicamente, se o *bhikkhu* ficar não existe transgressão, no entanto, mesmo ficando num lugar recluso pode levantar suspeitas, qualquer que seja a intenção do *bhikkhu*.

A melhor solução é ter um outro homem presente. Portanto, um *bhikkhu* em visita a leigos está usualmente acompanhado por um outro *bhikkhu* ou por um atendente do sexo masculino.” (HS cap. 13)

^{li} De acordo com o Comentário, se houver duas mulheres, essa regra não é quebrada. Assim, essa regra sobre falar junto continua a ser aplicada. (Veja [Falar em Particular](#).)

^{lii} “Um monge sozinho aconselhando uma discípula do sexo feminino provoca uma intimidade excessiva e encoraja rumor. Se ele tiver de falar mais do que poucas sentenças para uma mulher ele deve sempre chamar um outro monge, noviço, ou leigo, para ficar a uma distância onde ele possa ouvir.” (AB)

Conversas telefônicas íntimas e particulares devem agora ser incluídas neste caso. Algumas comunidades exigem que um outro monge seja informado do que está acontecendo, ou sobre as conversas telefônicas ou (sobre a familiaridade) por escrito.

Essa diretriz se aplicaria a conversações telefônicas, mas não à comunicação escrita, embora uma reflexão cuidadosa (e talvez a orientação de um outro *bhikkhu*) deveria ser exercida.” (HS cap.13)

^{liii} “A explicação para essa orientação define o Dhamma muito literalmente como o que é falado pelo ‘Buda’, seus discípulos, videntes ou seres celestiais conectados com o objetivo, conectados com o Dhamma.’ Não é, portanto, tecnicamente uma transgressão falar com uma mulher mais de seis sentenças sobre qualquer outro tópico, embora possa levantar suspeitas. Presumivelmente, qualquer conversa entre um *bhikkhu* consciencioso e uma mulher aspirante espiritual seria somente sobre o Dhamma, vários tipos de tópicos mundanos foram considerados como ‘conversa animalasca’ e indignas de um verdadeiro contemplativo.” (HS cap. 13)

^{liv} A quinta Regra de Confissão é similar à sexta, mas é voltada para os homens. Ela surgiu quando alguns *bhikkhus* recentemente ordenados se deitaram e dormiram no saguão na presença de leigos: “de modo negligente, irrefletidos, nus, balbuciantes, roncando.” Os leigos criticaram-nos, assim o Buda proibiu os monges de dormir sob o mesmo teto dos leigos. Entretanto, mais tarde ele descobriu que o noviço Rahula estava tendo que dormir em um banheiro do lado de fora porque não havia de outro modo nenhum quarto, assim ele relaxou a regra permitindo que ficassem juntos temporariamente.

Resumo da Regra: “Deitar ao mesmo tempo, no mesmo alojamento, com um noviço ou leigo por mais do que três noites consecutivas é [uma ofensa de Confissão].” (Paac.5;BMC p.276)

^{lv} Todavia, um outro comentarista não pensa que um ‘bloco de flats ou apartamentos’ caia dentro desta interpretação pois na verdade trata-se de construções que são conectadas por vestíbulos e passarelas no estilo asiático.

^{lvi} “A ênfase principal nessa diretriz está na organização formal, assim não existe transgressão se os arranjos forem feitos por alguém outro, e um *bhikkhu* e uma mulher acabem viajando juntos, se a mulher fizer os arranjos e o *bhikkhu*, sem consentir, for junto, ou se existir alguma catástrofe. No entanto, outros fatores deveriam ser considerados, isto é, um carro é um local privado (Paac.45) e conversas íntimas podem ocorrer (Paac.7).” (HS cap.13)

lvii “...um *bhikkhu* deve desejar usar coisas que são simples e comuns, não usar as coisas boas que são populares no momento e que podem ser chamadas de luxuosas ... Os requisitos simples e bons devem ser usados de acordo com o tempo, mas aqueles que são feitos para ele mesmo não devem objetivar a beleza, mas sim a utilidade ou qualidade para que possam ser usados por um longo tempo. Quando um *bhikkhu* compreende este assunto, ele deve praticar no caminho do meio que é adequado para o tempo e lugar.” (EV,II, págs.36 -41)

“*Bhikkhus* que procuram uma vida sem violar as tradições dos *bhikkhus* recebem oferendas da maneira correta. Eles devem saber como fazer uso dessas oferendas devidamente e não fazer nada com elas que fará diminuir a fé do doador ”. (EV.II, pág.130)

lviii Essa *pavarana* não deve ser confundida com o último dia do Retiro das Chuvas, que é também chamado Dia do *Pavarana*.

lix Na Tailândia dos dias de hoje uma pessoa pode oferecer apoio dando um papel impresso que pode dizer: "Eu o convido com os Quatro Requisitos que se iguala em quantia ao valor de X que já foi entregue para o administrador. Quando você tiver necessidade disso, por favor peça para o administrador.”

lx Na Tailândia, a tigela de ferro foi substituída pela tigela de aço inoxidável. EV relata que uma tigela de tamanho médio tem cerca de 22.5 cm de diâmetro. (Veja BMC pág. 231)

lxi Depois de ficar dez dias sem reparo o manto é considerado confiscado (Nis. Paac.)

lxii “Itens permissíveis (isto é, facas e dedais) não eram para serem feitos de coisas caras, mas apenas de osso, marfim, chifre, cana, bambu, madeira, goma-laca, fruta, cobre ou concha. Esses materiais também eram permitidos para uma variedade de artigos menores tais como uma caixa de unguento, unguento em bastão, colher de nariz, tubos de vapor, removedor de cera de ouvido, fivelas de cintos, laços, e etiquetas para mantos. Bolsas também, com uma tira e um cordão para amarrá-las e fechá-las, a maioria dos artigos acima eram permitidos bem como os medicamentos e sandálias.” (HS cap. 12)

lxiii “...coisas que são dadas pelos doadores para um *bhikkhu* para sua posse ou que um *bhikkhu* tem [adquiridas corretamente] como possessões pessoais. Mesmo coisas que a Sangha distribuiu, a posse dessas coisas é dada ao *bhikkhu* e elas são coisas pessoais. Um *bhikkhu* que é proprietário de tais coisas tem o direito de desistir delas ou dá-las, como quiser. O ponto aqui é que a pessoa não deve causar a diminuição da fé do doador.” (EV, II, pág.149) “É apropriado distribuir coisas entre os companheiros amigos do Dhamma, bem como aos leigos que trabalham no monastério ou aqueles que ajudam no trabalho de um *bhikkhu*. Devem ser dados a essas pessoas como o custo da comida e como o custo do trabalho ou devem ser dadas as coisas que um *bhikkhu* tenha recebido para que elas possam ser usadas e não desperdiçadas, pois isso é apropriado.” (EV, II, pág.130) No entanto: “...dizer para um leigo pegar os pertences de alguém sendo como dele/dela é um “roubo de fé” (*saddha-deyya*) – isto é, um mau uso das doações que os leigos patrocinadores tenham disponibilizado para o uso do *bhikkhu*.” (BMC pág.229)

lxiv O ‘tecido descartado’ deveria ser lavado completamente e possivelmente branqueado antes de ser tingido. Hoje em dia, os mantos feitos dessa maneira são raros e provavelmente usados somente por poucos monges da floresta. Ele fez esta reflexão: “Considerando adequadamente o manto, eu o uso: simplesmente para a proteção contra o frio, para a proteção contra o calor, para a proteção contra o contato com os mosquitos, simplesmente com o propósito de cobrir as parte do corpo que causam vergonha.” [OP pág.46; (Pali: M.I,10; A.III,387)]

lxv “Na época do Buda, o estilo de roupa daqueles que seguiam a vida santa e do chefe de família eram muito similares – um tecido em volta da cintura e outro envolvendo os ombros. Assim, no Vin.III,211, o Venerável Upananda pede ao filho de um rico mercador o tecido da parte superior. A única diferença estaria na cor, que é ocre para os que seguem a vida santa”. (HS cap.8)

lxvi Existe alguma incerteza quanto ao tamanho máximo permitido. (Veja BMC pág. 528) Além disso, agora tecido não é um luxo e as pessoas nos dias de hoje parecem ser fisicamente maiores; os mantos podem agora ser encontrados na medida de 3 x 2 metros para o manto externo, parte superior dos mantos, e 2.5x1 metro para a saia.

lxvii Traduzido de maneiras variadas: Pali English Dictionary (pág 212) diz ‘um tipo de marrom, isto é, ocre’; Childers (pág 190) menciona ‘amarelo avermelhado, amarelo; Upasak (pág 70) diz ‘cor amarela avermelhada’. Atualmente os renunciantes na Índia usam roupa cor de laranja. Talvez ‘ocre’ seria uma boa tradução. Na Tailândia os mantos variam de cor, do laranja brilhante ao marrom avermelhado para os monges que vivem nas cidades e vilarejos, ao amarelo avermelhado até o chocolate-marrom para os monges que vivem na floresta.” (HS notas Finais)

Na Tailândia essa cor é considerada como “amarelo misturado com muito vermelho ou como ocre amarelo que é a cor obtida do cerne da árvore da Jaca.” (EV,II,págs.15-17) O cerne da árvore da Jaca (*Artocarpus integrifolia* (Urticaceae)) é agora difícil encontrar devido ao desmatamento.

lxviii Por exemplo, na Tailândia, o manto exterior de espessura dupla é quase sempre dobrado ‘cerimonialmente’ sobre o ombro esquerdo; em Burma, o manto superior, algumas vezes, chega até o pescoço. E o método de usar e enrolar as pontas do manto vão diferir de comunidade para comunidade.

lxix As Regras do Treinamento *Sekhiya* requerem que um *bhikkhu* esteja devidamente coberto do pescoço até os joelhos e que o manto ‘seja nivelado por toda a volta’. Veja [Comportamento Adequado Fora do Monastério](#).

lxx Istó é, pano de banho, lenço, toalha, etc. Na Tailândia se tornou uma prática aceita para um monge sempre usar um ‘pano de ombro’ (*angsa*). Enquanto trabalha no monastério ele pode então deixar de lado o seu manto superior. Nos países do ocidente, com invernos rigorosos, um ‘manto extra para usar por baixo do manto’ com meias, luvas, etc., são frequentemente usados para ajudar a aquecer.

lxxi A permissão original surgiu: “Quando um grupo de trinta *bhikkhus* ascéticos para visitar o Buda enfrentou chuvas e inundações e chegou encharcado e cansado, o Buda deu permissão para os *bhikkhus* que mantiverem a Residência das Chuvas conduzir a cerimônia de *Kathina*.” (HS cap.21)

lxxii Ele fez esta reflexão: “Considerando a esmola de comida corretamente, eu a uso: não como forma de diversão ou para embriaguez, tampouco com o objetivo de embelezamento e para ser mais atraente; mas somente com o propósito de manter a resistência e continuidade deste corpo, como forma de dar um fim ao desconforto e para auxiliar a vida santa, considerando: ‘Dessa forma darei um fim às antigas sensações (de fome) sem despertar novas sensações (de comida em excesso) e serei saudável e sem culpa e viverei em comodidade’”. [Op pág.46; (Pali: M.I 10; A.III,387)]

lxxiii O *bhikkhu* pode também voluntariamente assumir as práticas especiais *dhutanga* (*tudong* na Tailândia). Estas são vistas mais comumente entre os monges das florestas e são características da sua prática. Por exemplo, eles sempre tentam esmolar comida; comem a comida que foi coletada

nas suas tigelas de coleta de comida em uma sessão e podem recusar a comida que chegar mais tarde.

^{lxxiv} Veja BMC páginas 495-504. As traduções seguintes são baseadas nisso. Desobedecer a *Sekhiya* é considerado usualmente uma ofensa de transgressão.

^{lxxv} “Essa regra ensina os *bhikkhus* a mostrar a sua apreciação aos doadores pois eles não devem desprezá-los, mas sim, mostrar a sua apreciação pela comida doada. Eles não devem se comportar de tal modo (como sugerindo) que eles a estão aceitando para se divertir ou jogá-la fora mais tarde.” (EV, I, pág.210)

^{lxxvi} Quando a Comunidade Budista vem junto celebrar um dia de festival isso pode mostrar a sua harmonia e propósito comum através da coleta de comida esmolada. O *bhikkhu* carrega a "tigela do Buda" e todos os leigos, jovens e idosos, se juntam colocando um montante simbólico de arroz ou comida dentro da tigela. A comida abundante é normalmente depois compartilhada entres todos presentes.

^{lxxvii} Hoje em dia os *bhikkhus* frequentemente usam pratos e talheres. No entanto, os *bhikkhus* das florestas geralmente mantêm as tradições antigas – que é também parte das práticas *dhutanga*. A prática de comer da tigela usando os dedos ainda é encontrada no Sri Lanka.

^{lxxviii} Veja o  [Bhaddali Sutta](#) (MN65).

^{lxxix} Ao meio-dia é quando o sol está no seu zênite ou mais alta elevação no céu, a meio caminho entre o nascer e o por do sol (numa planície). Não é necessariamente 12 horas, horário do relógio, porque os relógios são mudados com frequência dependendo da estação e da vigência do ‘Horário de Verão’. Entretanto, muitas comunidades mantêm o meio dia como a hora limite estabelecida.

^{lxxx} Por outro lado, existe “uma permissão no Mahavagga (I.14.7) para um *bhikkhu*, que tenha tomado um purgante, tomar um caldo de carne coado, caldo de arroz coado ou caldo coado de grama verde (feijão mung) a qualquer hora do dia. Usando os Grandes Critérios podemos dizer que um *bhikkhu* que tenha uma doença similar ou pior pode tomar esses caldos a qualquer hora; algumas pessoas argumentaram que outros caldos de feijão – como o leite de soja – também entrariam nessa categoria do caldo de grama verde. No entanto, diferente do caso relacionado com os cinco tônicos, a pura fome ou cansaço não parecem contar como razões suficientes para tomar qualquer dessas substâncias na ‘hora errada’... algumas pessoas argumentam, usando os Grandes Critérios, que a permissão especial para essa substância [- *lonasoviraka*, que agora não é mais feita –] deveria ser estendida para o miso também, mas esse é um ponto controverso.” (BMC págs. 363-364) “Outros ‘medicamentos’ podem ser interpretados pela aplicação dos Grandes Critérios... alguns daqueles mencionados especificamente no Vinaya. Assim, o leite de soja pode ser uma forma de ‘caldo fino de feijão mung’..., miso pode ser uma forma de ‘mingau de aveia salgado e azedo’...” (HS cap.10)

^{lxxxi} Note que o Buda de outro modo permitiu e elogiou viver num cemitério e que se usasse mantos feitos de trapos, pois estas são duas das práticas *dhutanga*.

^{lxxxii} Água e palitos de limpar os dentes são exceção à regra. Algumas Comunidades também contam creme dental como fazendo parte dessa exceção, alguns o consideram mais como um medicamento e portanto exigem que ele seja oferecido apropriadamente.

Enquanto algumas Comunidades exigem que o gelo, água quente e garrafa d’ água sejam também oferecidos – outras não.

lxxxiii Porém note que uma colher não deve ser batida no lado da tigela para retirar qualquer arroz que ficou pegado. Porque a tigela é tradicionalmente de barro ou ferro pode ser danificada facilmente e existem várias regras que lembram o *bhikkhu* para cuidar da sua tigela. Se a tigela rachar ele não tem permissão para pedir uma outra até que fique inutilizável. (Nis. Paac.22)

lxxxiv Os *bhikkhus* na Tailândia nunca recebem comida de uma mulher diretamente nas suas mãos. Ela é sempre oferecida dentro da sua tigela ou num ‘pano de receber’. Essa prática não aparece diretamente nos textos. Mas provavelmente funciona como uma segurança extra para os monges, relacionada à regra muito séria sobre tocar as mulheres (veja [Intimidade – O Contato Físico](#)). Muitas monjas Tailandesas seguidoras dos oito preceitos, adotam um comportamento recíproco quando recebem qualquer coisa de um homem. No Sri Lanka e Myanmar os monges geralmente aceitam oferendas das mulheres diretamente nas mãos.

lxxxv O Comentário permite que um leigo ou noviço receba qualquer coisa que sobre da refeição dos *bhikkhus* e guarde numa despensa que seja aprovada para esse fim. Contanto que o *bhikkhu* tenha abandonado completamente a possessão da comida, um leigo ou noviço pode, por sua própria iniciativa, voltar a oferecê-la no dia seguinte e o *bhikkhu* pode aceitar e comer a comida. No entanto, muitas Comunidades ignoram essa permissão com receio de que abusarão dela e que não receberão a comida que tenha sido oferecida anteriormente.

lxxxvi Um lanche (que não seja comida) não está incluído nessa regra, portanto, o *bhikkhu* não deve comer demais para que isso não estrague o seu apetite. Além disso, o doador original pode fornecer o lanche tira-gosto ou dar permissão para tomar o café da manhã antes.

lxxxvii “Existem aproximadamente 26 referências relativas a comer carne para os *bhikkhus* e *bhikkhunis* (4 para caldo de carne). Dez se referem aos cinco tipos de comida (*bhojana*). Muitas dessas referências são muito casuais, por exemplo, um ministro chefe oferece a cada um dos 1250 *bhikkhus* uma tigela de carne (Vin.I,222); um *bhikkhu* rouba uma tigela cheia de carne durante uma época de escassez (Vin.III,59); *bhikkhus* comem restos de um animal morto por um leão (Vin.III,80). Uma dessas referências se refere à recusa do Buda em proibir que se coma peixe e carne conforme proposto pelo *Bhikkhu* Devadatta, aquele que queria provocar o cisma na Sangha (Vin.II,197;III,172). O Buda, ao invés, reiterou sua posição que peixe e carne eram puros se não fossem vistos, ouvidos ou suspeitos de terem sido mortos para um *bhikkhu*. Deste modo, parece que não há dúvida que comer carne era comum no tempo do Buda e somente mais tarde, com o crescimento das escolas Mahayana, se tornou proibido.

Um estudo, em outras revisões literárias do Vinaya, dessa permissão de comer carne pura nos três aspectos mostra que, a despeito de pequenas diferenças ao definir os termos, não existe “qualquer diferença importante no sentido e escopo da regra.”

Tem sido sugerido que o desenvolvimento do vegetarianismo no Mahayana pode ter conexões muito próximas com a teoria do *tathagatagarbha*...” (HS cap.9)

No entanto, um outro comentador nota que os Budistas Tibetanos – que também seguem o Mahayana (e os ensinamentos do *tathagatagarbha*) – comem carne. Ele sugere que não comer carne vem mais da influência Taoista na China.

^{lxxxviii} Essa exceção foi feita quando o recém-convertido (Jainista) General Siha pediu que uma refeição para o Buda e seus monges fosse preparada para o próximo dia com carne do mercado. Os Jainistas então começaram a gritar e reclamar por toda a cidade numa tentativa de desacreditar o Buda.

O *bhikkhu* não deve tampouco comer carne crua ou mal passada, ou carne de elefantes, cavalos, cachorros, cobras, leões, tigres leopardos, ursos, hienas, ou, é claro, carne humana.

^{lxxxix} “Animais que foram abatidos para serem vendidos como carne para as pessoas, porém, é chamada de ‘carne que já existe’. [Esses animais] foram abatidos pela sua carne para ser usada como comida por uma pessoa ou grupo de pessoas, com exceção dos companheiros do Dhamma ou especialmente para o próprio açougueiro... Se as pessoas cozinham essa carne e oferecerem-na para um *bhikkhu*, [isso] não será uma ofensa aceitá-la e comê-la.” (EV,II,págs. 131-133)

^{xc} Os leigos se queixaram com o Buda sobre o fato dos monges destruírem ‘semente viva’, portanto, Ele estabeleceu que os monges deviam checar com os leigos primeiro para saber se comer algumas frutas em especial era considerado como algo permissível.

^{xc} Oito variedades mencionadas no Cãnone Pali: suco de manga, suco de roseapple, suco de dois tipos de bananas, suco de árvore de mel, suco de caqui ou uva, suco de raiz de lótus, suco de ameixa marian ou lichia.

^{xcii} A maneira tradicional de fazer esses sucos é que ‘a fruta madura deve ser descascada ou cortada e uma vez removida a casca, deve ser colocada num tecido e aí deve ser bem espremida para que o suco saia, deixando os (restos da) fruta no tecido, depois do que, uma quantidade suficiente de água deve ser adicionada, misturando com outras coisas como açúcar ou sal a gosto. Fora isso, [para o suco de árvore de mel, ‘a água não necessita ser adicionada]. A fruta deve ser fresca, é proibido cozinhá-la no fogo.” (EV,II,pág.137)

^{xciii} Por exemplo, chocolate puro (açúcar + óleo vegetal + cacau) é permitido em alguns lugares mas não chocolate ao leite. Leite é considerado comida. Um dos medicamentos tônicos é chamado *navanitam* in Pali. Algumas comunidades consideram que é manteiga e outras queijo. É um ponto controverso. Lembrando que cada comunidade local de monges pode praticar de modo distinto, os leigos precisam checar o que é considerado permissível. Veja [Outros comentários sobre os medicamentos tônicos](#).

^{xciv} “...os diversos medicamentos químicos modernos são diferentes formas de raízes, resinas e sais (medicamentos usados ao longo da vida). Talvez o critério mais importante para determinar o que é um medicamento seria ao usá-lo qual é a intenção da pessoa, isto é, para refletir sobre o porquê está sendo usado: está sendo usado como comida ou para o alívio de um mal-estar ou desconforto?” (HS cap.10)

^{xcv} Em algumas comunidades chá puro, café, cacau, etc., estaria incluído aqui.

^{xcvi} Veja também [Etiqueta/Cerimonial](#).

^{xcvii} Pode parecer que para tratar outras substâncias da mesma maneira que o álcool, estas deveriam distorcer significativamente ou diminuir a atenção plena de uma pessoa. (Como no Quinto Preceito.) Fumar cigarros, beber café ou chá não seria portanto incluído normalmente nesta regra. Porém, como as pessoas leigas são as que fornecem essas coisas, elas podem decidir por si mesmas quais itens

consideram como apropriados para dar aos *bhikkhus*. (Certas comunidades podem decidir que alguns desses itens são ‘não saudáveis’ ou ‘viciantes’ e portanto não permiti-los).

^{xcviii} “Não existe menção no cânone *Pali*, de nenhuma outra dentre as muitas substâncias embriagantes que são conhecidas hoje em dia. No entanto, aplicando os Grandes Critérios, parece apropriado incluir dentro desta diretriz todas as substâncias fortes que alterem o humor, por exemplo, narcóticos, alucinógenos, anfetaminas, sedativos e etc. O principal propósito dessa instrução não é apenas abster-se de bebida alcóolica, mas abster-se de todas as substâncias que causam a negligência, confusão mental e desorientação. Nos tempos modernos, para uma sociedade engolidora de pílulas pode ser difícil avaliar o valor dessa regra relevante. No entanto, para aqueles que estão seriamente empenhados no cultivo da mente através dos exercícios de meditação, a confusão habitual é mais do que suficiente – sem mencionar a combinação disso com substâncias estranhas poderosas.” (HS.cap.17)

^{xcix} Tentativas de definir precisamente essa diretriz têm dado origem a opiniões divergentes, na maior parte, devido a duas definições distintas do que tecnicamente constitui roubo que resulta na perda do status de *bhikkhu* (isto é, roubo flagrante). A redação da regra fornece o critério pelo qual uma pessoa pega roubando seria punida pelas autoridades civis: ‘espancada, aprisionada ou banida.’ A Explicação então define esse grau de roubo como tomar qualquer coisa de valor, pelo menos uma *paada*, um certo padrão de valor na Índia nessa época.

“O primeiro padrão é algo ambíguo e relativo aos valores sociais em diferentes lugares e épocas. A segunda é mais específica – se alguém souber quanto uma *paada* vale! Um sub-comentário diz que uma *paada* é igual ao valor do ouro pesando 20 grãos de arroz na casca. Isso foi determinado como sendo aproximadamente 1/24 de uma onça troy de ouro. É claro que deve ser reconhecido que o preço do ouro flutua de tempos em tempos. Essa parece uma quantia razoável para fazer um roubo sério ser suficiente para justificar a Derrota.” (HS cap.14)

^c “Atualmente, isso pode incluir coisas como a violação de direitos autorais, uso incorreto de utilidades públicas (telefone, correio, etc.), ou do sistema de transporte (viajar sem o bilhete correto), ter dinheiro trocado no mercado negro, entrada ilegal em países (não pagar o visto), etc., etc.” (HS nota Final)

^{ci} “A não aceitação de dinheiro sempre foi uma das observâncias fundamentais daqueles que entraram na vida santa. Dinheiro é medida de riqueza e para a maioria das pessoas a riqueza material é o objetivo da vida. Na renúncia ao dinheiro o *bhikkhu* demonstra enfaticamente sua completa rejeição à busca mundana. Com uma ação ele se coloca significativamente à parte da vasta maioria das pessoas e se torna uma advertência constante para todos que uma vida baseada na luta para acumular dinheiro não é a única maneira de viver. Desistindo do dinheiro ele abandona muito do seu poder de manipular o mundo e satisfazer seus desejos. Veja [O que o Buda disse sobre Bhikkhus e dinheiro](#).

^{cii} “A questão se é melhor ou não para a pessoa expressar a recusa exteriormente está além do escopo do Vinaya e frequentemente depende da situação. Idealmente a pessoa deveria informar o doador para que ele ou ela saibam o suficiente para não

oferecer tais oferendas no futuro, mas existem também casos em que o doador não está familiarizado com a idéia das regras e simplesmente ficará ofendido se o *bhikkhu* objetar ao que ele ou ela pensam ser um gesto bem intencionado. Esse é portanto um assunto em que um *bhikkhu* deve usar o seu discernimento.” (BMC pág. 218)

ciii “Os *bhikkhus* podem receber cheques feitos no nome deles (que estejam endossados e dados para um administrador) e pode fazer uso de tais coisas como cartões de telefone, bilhetes de transporte e vales/comprovantes para itens específicos (isto é, comida, bebidas, livros, etc.).” (HS cap.14)

civ “O Buda teve de buscar um caminho do meio entre honrar a generosidade do leigo e se preocupar pelo bem-estar do *bhikkhu* - e impedir os *bhikkhus* de receberem e usarem dinheiro. Deste modo, enquanto os *bhikkhus* não têm permissão para receber dinheiro para o seu uso, eles têm permissão para aceitar coisas obtidas de um fundo devidamente depositado. Isso é feito normalmente através dos serviços de um administrador do monastério a quem é confiado o dinheiro fornecido pelos leigos. No nosso mundo moderno dominado pelo dinheiro isso pode parecer como um ponto sutil e refinado, entretanto, pode ser de ajuda comparar esse arranjo com um fundo fiduciário especial do qual os beneficiários (neste caso, os *bhikkhus*) podem receber apenas os requisitos materiais. Isto é, o doador (temporário) estabelece um fundo fiduciário para prover um *bhikkhu* dos requisitos através do administrador do monastério como gerente.” (HS cap.14)

“...o Buda permitiu que o dinheiro fosse confiado pelo doador a um administrador, que pode ser um assistente do monastério ou um seguidor leigo, para o benefício de um *bhikkhu* individual assim:

“Existem, *bhikkhus*, pessoas de fé e confiança que confiam dinheiro nas mãos dos administradores do monastério dizendo, “Com isso, proveja o *bhikkhu* fulano de tal com o que é permitido.” Eu dou permissão para vocês, *bhikkhus*, aceitarem um item permitido que seja obtido assim. Mas isso, *bhikkhus*, eu não digo: que em quaisquer circunstâncias ouro, prata ou dinheiro possam ser aceitos (por um *bhikkhu* ou) buscados (por ele).’

“Quando os doadores perguntam para o *bhikkhu*, ‘o Venerável tem um administrador?’ ou ‘Existe um lugar apropriado onde eu poderia depositar este dinheiro’, ou alguma pergunta similar, aí o *bhikkhu* pode apontar um administrador adequado, ou indicar um local apropriado. Se o doador depositar o dinheiro com esse administrador ou no local indicado, aí então estará adequadamente depositado” (AB).

cv “O dinheiro dado para um administrador da Sangha (*veyyaavaccakara*), para o uso de *bhikkhus* ou administradores de *bhikkhus* individuais, não é dado aos *bhikkhus* como posse. O administrador mantém o dinheiro dos doadores em confiança e se um *bhikkhu* tiver uma razão legítima para fazer uso dele (viagem tendo o Dhamma como razão, Requisitos, livros do Dhamma .” Paat.1966 Ed.; págs.104-105) Ele pode pedir ao administrador para supri-lo com o artigo necessitado. Ele mesmo não pode comprá-lo. “Essa regra diz respeito a dinheiro sobre o qual um *bhikkhu* pode ter pensamentos como, “Isso é meu” ou “Isso me pertence” e que ele pretende usá-lo para outros propósitos que não os do Dhamma. (Paat. 1966 Ed.; p104-105).

^{cvi} “O Administrador do Monastério: normalmente alguém que é um assíduo patrocinador do monastério. Não só deve estar idealmente bem informado sobre as regras monásticas relativas ao dinheiro, mas também estar bem informado sobre o que é apropriado dar e os procedimentos corretos para agir assim.”

“Quando um fundo tiver sido estabelecido devidamente e o *bhikkhu* estiver necessitado de um requisito, ele pode abordar o administrador e dizer o que necessita. Se um *bhikkhu* ordenar: ‘Compre-me tal coisa,’ isto é considerado um caso de *dubbhacaritata* (procedimento incorreto) e esse *bhikkhu* pode não fazer uso de qualquer artigo obtido dessa maneira, embora outros *bhikkhus* possam usá-lo.

“É uma transgressão de Reconhecimento com Confisco [Nis.Paac.10] para um *bhikkhu* que recebe um requisito através de pedidos insistentes ao administrador lembrando-o três vezes e se colocando-se em pé silenciosamente até seis vezes. Se o requisito pedido não chegar o *bhikkhu* é obrigado a informar o doador que o convite para requisitos não foi realizado. O Comentário diz que se o *bhikkhu* não informar o doador é uma transgressão de Malfeito “por quebra de um costume”. O doador pode então esclarecer o assunto com o administrador.” (HS cap.14)

“Um *bhikkhu* não pode ordenar (dizer) nem ao doador, nem ao administrador, o que fazer em relação à oferta de ouro ou dinheiro. Entretanto, ele pode dar dicas ou sugestões ou qualquer informação, com tanto que estas fiquem aquém de uma instrução autoritária ao doador ou administrador. Além disso, um *bhikkhu* não pode aceitar a posse de ouro ou dinheiro oferecidos a ele indiretamente, por exemplo se o doador lhe disser: “Em tal e tal lugar está uma certa quantia de dinheiro, eu doo para você”, nesse caso o *bhikkhu* é obrigado a rejeitar a oferta com palavras e gestos de recusa ou por determinação mental (isto é, determinando, “Eu não aceito isso”) de outro modo ele incorrerá (numa ofensa de Confissão com Confisco).” (AB)

^{cvii} Brahmavamso usa o termo ‘comprando e vendendo usando dinheiro’; Ms. Horner usa o termo ‘transações nas quais ouro e prata são usados,’ (BD.2,106); enquanto que Thanissaro *Bhikkhu* usa apenas ‘troca monetária’ (BMC, 220) e detalha as opiniões divergentes do Vinaya e do Comentário e a variedade de transgressões decorrentes das várias transações. O Vinaya delinea somente o procedimento para o confisco do ouro e dinheiro como resultado dessa ação, pois essa regra parece se aplicar somente para a troca de ouro ou dinheiro e para a venda por dinheiro: (HS notas Finais)

^{cviii} A lista menciona também: mulheres, artigos de vestimenta de mulher e representações de mulheres; vários tipos de armas, instrumentos para pegar animais numa armadilha; todos os tipos de instrumentos musicais. (Veja EV,II,pág.73)

^{cix} Ele deu essa reflexão: “Refletindo de maneira sábia, ele usa a sua moradia somente para proteção do frio, para proteção do calor, para proteção do contato com moscas, mosquitos, vento, sol e criaturas rastejantes e somente com o propósito de evitar os perigos do clima e para desfrutar do isolamento.” [OP pág.46; (Pali:M.I,10; A.III,387)]

^{cx} “Assim, os *bhikkhus* foram requisitados a passar as estações das chuvas, desde o seu o começo, em um alojamento, não agir assim seria uma transgressão de Malfeito (Vin.I,152).” (HS cap.21)

^{cx}ⁱ Adivinhação, colocar feitiços, mediunidade, dar amuletos protetores, exorcismo, ler a sorte, astrologia, histórias de fantasmas, etc. são classificados como ‘conhecimento baixo como o animalesco’ e não fazem parte dessa regra (veja [Formas Incorretas de Comportamento](#)).

^{cx}ⁱⁱ De acordo com o Comentário, um monge insano é aquele que “faz as coisas de um modo impróprio, com percepções desordenadas, jogou fora todo o senso de vergonha e temor, não sabendo se ele transgrediu regras de treinamento maiores ou menores” (Veja BMC pág,49)

Existem monges que não são loucos, mas acreditam nas suas próprias delusões de grandeza. Eles não estão isentos de cometer ofensas.

^{cx}ⁱⁱⁱ O Buda deu uma permissão especial para calçados nas ‘regiões fronteiriças distantes.’ Em alguns países Ocidentais, andar sem calçado não é socialmente aceito e pode até ser contra os estatutos locais. Os Grandes Critérios devem ser usados para decidir o que é aceitável.

^{cx}^{iv} “O Buda encorajou padrões razoáveis de limpeza, nutrição e tratamento de enfermidades. Ele prontamente aceitou a sugestão do médico Jivaka de permitir um local para os *bhikkhus* fazerem a meditação andando e uma sala de suor para aliviar a má saúde causada por comer refeições pesadas. Ele estabeleceu até mesmo padrões muito altos para a época ao fazer com que os *bhikkhus* construíssem banheiros comunais e lugares para banho comunais. No entanto, quando as pessoas com várias doenças procuravam se beneficiar dos altos padrões da Sangha de cuidado e atenção para com os doentes, eles eram vetados [de se tornarem *bhikkhus*], assim como as pessoas que tinham várias deformidades. Assim, os *bhikkhus* não deviam se tornar médicos, enfermeiros de tempo integral ou atendentes dos inválidos. Era esperado que eles vivessem uma vida simples, uma vida desimpedida sustentada por nutrição suficiente, medicamentos apropriados e padrões de saúde avançados para a busca da libertação em tempo integral.”
“Quando o Buda se referia a cuidar dos doentes, ele se referia aos companheiros monásticos. O Comentário, ... (diz que) um *bhikkhu* pode prescrever e fornecer medicamento para ... os pais dele, para aqueles que cuidam dos seus pais, para os assistentes leigos do monastério e para aqueles que residem no monastério e estão se preparando para se ordenarem; um *bhikkhu* pode também prescrever (mas não fornecer) medicamentos para irmãos, irmãs, tias, tios e avós; se eles não forem capazes de obter seus próprios medicamentos, um *bhikkhu* pode emprestá-los; se os viajantes, bandidos, soldados feridos, pessoas importantes e aqueles sem parentes vêm para o monastério pedir ajuda, eles devem receber medicamento sem reembolso; o medicamento pode ser dado indiretamente para cunhados e cunhadas seja através dos seus filhos, ou através do irmão ou irmã do *bhikkhu*; os patrocinadores do monastério e fiéis podem ser ajudados mencionando que medicamentos curarão a doença deles em particular; ir além disso na prescrição ou fornecimento de medicamentos é um Malfeito.” (HS cap.10)

^{cx}^v “O termo ‘corruptor de famílias’ é um modo de falar usado por um grupo de *bhikkhus*. Isso não significa que um *bhikkhu* fica com raiva, se vinga, fere ou destrói a riqueza de outra pessoa.

O significado é que um *bhikkhu* se lisonjeia comportando-se como um leigo, ou servindo os leigos, ou esperando ganhos, dando um pouco para obter muito. Fazendo isso, um *bhikkhu* é chamado um corruptor de famílias porque ele faz com que a fé dos leigos diminua. Embora um *bhikkhu* que se comporte dessa maneira possa agradar alguns leigos, ainda assim, eles não o respeitam como um *bhikkhu*, tratando-o apenas como um amigo inferior. O termo ‘mau comportamento’ se refere ao comportamento que está além da conduta de um [recluso], por exemplo, associando-se de maneira divertida com garotas de uma família ou jogando jogos, por maldade ou brincadeira, cantando ou dançando.” (Paat.1969 Ed.,pág.157)

cxvi “Eles se gratificavam de várias maneiras com mau comportamento, como cultivar árvores fluorescentes, fazendo festões com elas e enviando para mulheres e garotas de famílias respeitáveis; comendo depois do meio-dia; bebendo bebidas embriagantes, dançando, cantando e tocando instrumentos musicais; jogando vários jogos; treinando no conhecimento dos elefantes, cavalos e carroças; treinando tiro com arco e manejo da espada; luta livre e combate; aplaudindo garotas dançarinas; etc.” (HS cap.17)

cxvii Veja *Banner of Arahants*, Cap. V.

cxviii Existe um exemplo de uma dedicatória Singalesa comemorando a oferenda do rei de mantos de seda para os monges *Pamsakulika*. Como esse título indicava, eles eram usuários de mantos feitos de trapos, é irônico que eles acabaram usando mantos de seda.

cxix “... existe o hábito de curvar-se para o santuário ou para o professor. Isso é feito ao estar pela primeira vez na presença deles ou na despedida. Feito graciosamente, na hora apropriada, este é um gesto bonito que honra a pessoa que o faz; numa hora não apropriada, feito compulsivamente, parece ridículo. Um outro gesto comum de respeito é colocar as mãos para que as palmas se toquem, os dedos apontando para cima, e as mãos mantidas exatamente enfrente ao peito. O gesto de levantar as mãos para o ponto um pouco abaixo da testa é chamado ‘*anjali*’. Essa é uma maneira agradável de saudar, expressar votos de boa viagem, saudar o fim de uma palestra do Dhamma, concluir uma oferenda.” “Para curvar-se corretamente, traga a testa completamente até o chão; mantenha os cotovelos perto dos joelhos que devem estar separados um do outro uns 7,5 cm. Curve-se lentamente, esteja atento ao seu corpo. Tão próximo quanto possível, as nádegas devem ser mantidas sobre os calcanhares,...”

cxx No nordeste da Tailândia, as pessoas mais frequentemente se agacham para ‘saudar com respeito.’

cxxi As *cetiyas* (ou estupa, chedi, algumas vezes pagode) são um dos mais antigos objetos usados como um foco de recordação e devoção para com o Buda. Buda-rupas (estátuas do Buda) vieram mais tarde através, provavelmente, da influência greco-bactriana. Portanto, existem diversas tradições e práticas. Veja [Cetiyas](#).

cxxii Além disso, uma das Regras do *Sekhiya* em sânscrito (*Mulasarvastivadín Saika*) proíbe “sentar num assento estendendo os pés num lugar público.” (Buddhist Monastic Discipline pág.99)

cxxiii Nas sociedades asiáticas os mais velhos são altamente respeitados. O Buda adaptou essa tradição para o reconhecimento da senioridade de acordo com a idade da pessoa contada do dia (e hora) do recebimento do *Upasampada*. Certamente, essa é simplesmente uma hierarquia convencional prática e não uma estrutura hierárquica absoluta. No funcionamento da Sangha isso seria compensado pelo princípio da democracia de consenso onde cada *bhikkhu*, independente da

senioridade, tem uma voz e pelo poder da sabedoria (não confundir com convicção) exibida pelos membros mais altamente realizados.” (HS cap.22)

“O tema do respeito pela hierarquia surgiu primeiro pela séria consideração em relação à obtenção de moradia. Uma vez o Buda saiu de Savathi com um grande número de *bhikkhus*. Os *bhikkhus* que eram estudantes do grupo de seis *bhikkhus* foram adiante e se apropriaram de todos as [moradias] e lugares para dormir para os seus preceptores, professores e para eles mesmos. O Venerável Sariputta, que vinha atrás não foi capaz de encontrar um alojamento apropriado e sentou-se ao pé de uma árvore. O Buda o encontrou ali e para descobrir a razão, perguntou aos *bhikkhus* reunidos: “*Bhikkhus*, quem é digno do principal assento, a melhor água, a melhor comida de oferenda?” Alguns *bhikkhus* disseram que aquele que, tendo saído de uma família nobre, vive a vida santa, era o mais digno daquelas coisas; outros disseram que, tendo saído de uma família brâmane, que vive a vida santa... uma família de mercadores... aquele versado nos *suttas* – um especialista no Vinaya... um professor do Dhamma.. aquele que tinha o primeiro *jhana*... o segundo... o terceiro... o quarto *jhana*; aquele que entrou na correnteza... aquele que retorna uma vez... aquele que não retorna... um *arahant*... aquele com o Conhecimento Triplo... aquele com os seis Poderes Supra-humanos. O Buda então contou a história de uma perdiz, um macaco e um elefante que eram amigos e concordaram em respeitar e ouvir os conselhos do mais velho. O Buda concluiu dizendo: “Bem, então *bhikkhus*, se animais podem viver se respeitando mutuamente, com deferência e cortesias, vocês também *bhikkhus* brilhem de modo que possam viver a vida santa nesse Dhamma-Vinaya bem ensinado, mutuamente respeitosos, com deferência e cortesias.” (HS cap.22)

^{cxxiv} Na Tailândia, os honoríficos comuns na ordem ascendente de idade e senioridade são: Tan, Phra, Luang Pee, Kruba, Ajaan, Tan Ajahn, Luang Por, Luang Poo. Os títulos ascendentes Tailandeses da posição oficial eclesiástica são: Phra Khru, Chao Khun, Somdet e Somdet Phra Sangha Raht (ou o Patriarca Supremo). Além disso, observe que a transliteração desses títulos Tailandeses varia também, por exemplo: Acham, Ajaan, Ajahn.

^{cxxv} *Uposatha* (sânscrito: Upavasatha) é o 14o. ou 15o. dia da quinzena lunar (isto é, a lua cheia e a lua nova). Reconhecido como um dia de jejum auspicioso nos tempos Védicos. Esses dias, bem como o 8o., são relatados como tendo sido usados por outros grupos religiosos durante o tempo do Buda como ocasiões apropriadas para se encontrarem e discutir ou pregar as doutrinas. Essas reuniões se tornaram muito populares e fez com que várias seitas se tornassem mais bem conhecidas e respeitadas.” (HS cap.20)

^{cxxvi} Equivalente ao décimo quinto dia da lua crescente, o décimo quinto ou décimo quarto dia da lua minguante, e o oitavo dia da lua crescente e da lua minguante. Até recentemente, moradores dos vilarejos nos países Budistas ainda usavam esse calendário na linguagem diária, isto é, eles não diriam, “Hoje é Segunda-Feira”, mas “o terceiro dia da lua crescente.”

^{cxxvii} Enquanto essa forma de treinamento é conhecida nos países tradicionalmente Budistas, está só começando a ser apreciada no Ocidente. Por exemplo, o Treinamento do *Upasika* no Amaravati Buddhist Monastery. Isso inclui tomar como refúgio a Jóia Triplice, tomando os Cinco Preceitos, praticando meditação diariamente, visitando o monastério e companheiros *upasikas* para apoio mútuo. Isso deve envolver também, modo de vida correto, que é evitar profissões que comercializem armas, seres vivos, carne, álcool e veneno.

^{cxxviii} “Uma outra classificação frequente dos preceitos de treinamento é chamada de oitavo constituinte do Dia de Observação (*atthanga-sammannagata uposatha*) A.I,248; cf. A.I,211). O

nobre discípulo reflete que por toda sua vida os *arahants* mantêm esses padrões de conduta, de modo que eles sigam esse exemplo no Dia de Observância...” (HS cap.5)

^{cxix} Adaptado do trabalho do Ven. Narada Mahathera (expandido por Max Sandor e Ven. Metta-vihari), Ven. Gunaratana Mahathera, Ven. Thanissaro e o Livro de Devoções do Amaravati.

^{xxx} Extraído do texto “*A Lay Buddhist’s Guide to the Monk’s Code of Conduct*”

^{xxxi} Extraído do textp “*Bodhinyanarama’s Advice for Guests*”

^{xxxii} Extraído do texto “*Observances Wat Pah Nanachat*”

^{xxxiii} Extraído do texto “*Lay Committee*”

^{xxxiv} Extraído do texto “*Some Australian Women*”